**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

EDUARDO KAZUO TAMANHA

**OCUPAÇÃO POLÍCROMA NO BAIXO E MÉDIO RIO
SOLIMÕES, ESTADO DO AMAZONAS.**

VOLUME 1

**São Paulo
2012**

EDUARDO KAZUO TAMANAHA

**OCUPAÇÃO POLÍCROMA NO BAIXO E MÉDIO RIO
SOLIMÕES, ESTADO DO AMAZONAS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Área de Concentração: Arqueologia

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Góes Neves

Linha de Pesquisa: Processos de formação e transformação social

Versão Original

**São Paulo
2012**

Ao meu pai, *in memoriam*

A minha mãe

A minha irmã

A minha esposa

Agradecimentos

Apesar de esse trabalho ter começado em meados de 2008, foram 10 anos de aprendizado, trabalho e companheirismo com centenas de pessoas que participaram na construção dessa dissertação. De alguma forma essas pessoas, arqueólogas ou não, estão presentes nessa dissertação.

Primeiramente agradeço ao Eduardo Góes Neves, professor, orientador e parceiro nessa empreitada. Foi ele quem me deu a possibilidade de entrar para a arqueologia e, ao longo desses 10 anos, nunca deixou de me incentivar e acreditar na minha pessoa. Meus sinceros agradecimentos por não ter desistido daquele franzino estagiário nipônico que, em muitas ocasiões, recebeu o empurrão necessário para superar os obstáculos.

Não poderia deixar de agradecer a “*old school*” do Projeto Amazônia Central (PAC): Juliana, Helena, Lilian, Patrícia e Emília. Foi no convívio diário do laboratório que aprendi o “passo-a-passo” da arqueologia. Ao Fernando Costa (Caminhão) que, à sua maneira, sempre me incentivou e ajudou no período de residência em Manaus. E ao Marcos Brito (Marquito) pelas várias aulas de topografia e Corel Draw que, mesmo com o sol de 40°C ou com milhares de carapanãs a nossa volta, sempre teve a paciência de me ensinar o que sabia. E ele também é o responsável pelos belos mapas e perfis contidos nessa dissertação.

A toda galera de Manaus e Iranduba: Carlos Augusto (Tijolo), Levemilson (Delegado), Claudio (Gabiru), Francisco Villaça (Pupa), Edimar (Seu Nego), Hermenegildo (Seu Bené), Jobson (Macú) e Dona Dina que sempre ajudaram e tornaram a vida em Manaus muito mais fácil e divertida. Agradeço ao Leandro Camilo (Merrinha), guerreiro sobrevivente do laboratório em Manaus, por toda a sua presteza e amizade.

Agradeço também à Marta, Filippo e Jaqueline (Gaúcha) pela parceria em nossa humilde moradia (a paciência de vocês foi essencial durante esse mestrado). Aos colegas e parceiros do laboratório 1: Fernandão, Guilherme (Gaúcho), Rodrigo, Lígia, Myrtle, Thiago (Pitoco), Camila, Luiza, Márcio, Francini, Gabi, Agda, Ana, Nina e tantos outros pela amizade, auxílio e companheirismo nas

tarde do laboratório. À Fabi Belém e Paty Fischer nas constantes pausas para o cafezinho.

Enfim, agradeço a todos os atuais e ex-membros do PAC: Claide, Anne, Adriana Neves, Raoní, Adriana Guimarães, Bernardo, Vinícius (Girino), Bruna, Fábio, Miguel, Marcinho, Jaque Gomes, Elaine, Val, Sarah, Dinho, Carol, Leandro (Ceará), Sílvia, Carla, Tereza, Fábio Guaraldo, Bruno e outros que auxiliaram em campo ou no laboratório.

Meus agradecimentos para todo o pessoal que ajudou no sítio escola 2009. A escavação do sítio Laguinho não seria possível sem a garra e determinação de todos vocês.

Meus sinceros agradecimentos às professoras Cristiana e Fabíola pelas críticas e sugestões sugeridas para este trabalho.

Agradeço a todo pessoal do MAE/USP (biblioteca, seção acadêmica, reserva, etc.) por ajudarem e facilitarem a vida dos alunos no museu. Ao PIATAM por ter dado a oportunidade de conhecer um pequeno pedaço da imensa arqueologia que existe na Amazônia. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) que viabilizou a existência desse projeto e do PAC nos últimos anos.

Finalmente não poderia deixar de agradecer a minha família que me deu todo o apoio incondicional desde o início, principalmente ao meu pai Roberto(*in memoriam*) e a minha mãe Miriam que, apesar de terem receios sobre a futura profissão do filho, nunca deixaram de me incentivar a fazer aquilo que me dava mais prazer: arqueologia. E também à minha Márjorie (Má) por estar ao meu lado em todos os momentos com todo o seu amor, carinho e paciência. Eu não teria conseguido sem você.

SUMÁRIO

RESUMO.....	15
Capítulo 1: Introdução	16
1.1 Histórico de Pesquisas e Problemática Geral	17
1.2 Aspectos ambientais: os diversos biomas da Amazônia.....	21
1.3 Viajantes e cronistas: as populações indígenas do Rio Solimões.....	27
Capítulo 2: Coleta de dados em campo.....	32
2.1. Metodologia.....	32
2.2 Sítios da área de confluência	34
2.2.1 O sítio Hatahara.....	36
2.2.2 O sítio Laginho	40
2.3 Os sítios do médio rio Solimões	46
2.3.1 Sítio Santa Fé.....	47
2.3.2 Sítio Nova Esperança.....	51
2.3.3 Sítio São Paulo II	58
2.3.4 Sítio Santa Cruz.....	64
2.3.5 Sítio Lauro Sodré	70
Capítulo 3: Análise do material cerâmico	72
3.1. Análise dos atributos e formação de conjuntos	72
3.1.1 Definições terminológicas da análise cerâmica	74
3.2 Resultados da análise cerâmica intra-sítio	84
3.2.1 Sítio Hatahara	84

3.2.2 Sítio Laguinho	88
3.2.3 Sítio Santa Fé.....	91
3.2.4 Sítio Nova Esperança.....	93
3.2.5 Sítio São Paulo II	97
3.2.6 Sítio Santa Cruz.....	100
3.2.7 Sítio Lauro Sodré	102
3.3 Resultados da análise dos conjuntos e atributos inter-sítio	109
Capítulo 4: Discussão dos Resultados	125
4.1 Análise cerâmica e a formação de conjuntos	125
4.2 Cronologias das ocupações	128
Capítulo 5: Conclusão	131
6. Bibliografia.....	139

INDICIE DE FIGURAS

FIGURA 1: ENCONTRO DAS ÁGUAS DOS RIOS NEGRO E SOLIMÕES NA AMAZÔNIA CENTRAL. ARQUIVO PAC.	21
FIGURA 2: ÁREAS AFETADAS PELA AÇÃO DA EROSÃO FLUVIAL. FOTOS: EDUARDO TAMANHA / MÁRJORIE LIMA.	24
FIGURA 3: SUPERFÍCIE DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGUINHO, DESTACA-SE A TERRA PRETA E A GRANDE EXPOSIÇÃO DE MATERIAL CERÂMICO. FOTO: RANDY CRONES.....	26
FIGURA 4: LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO HATAHARA.	36
FIGURA 5 - DISPERSÃO DAS FASES GUARITA, PAREDÃO E AÇUTUBA PELO SÍTIO HATAHARA.	39
FIGURA 6: LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO LAGUINHO	40
FIGURA 7: MAPA DA DISPERSÃO CERÂMICA DAS FASES GUARITA, PAREDÃO E AÇUTUBA.	42
FIGURA 8: DISPERSÃO DO MATERIAL POLÍCROMO E BORDA-INCISO NO SÍTIO NOVA ESPERANÇA.	56
FIGURA 9: VASILHA RETIRADA DURANTE AS ESCAVAÇÕES. DESENHO: VAL MORAES.	60
FIGURA 10 - MAPA COM A DISPERSÃO DO MATERIAL NO SÍTIO SÃO PAULO II	62
FIGURA 11: VASILHAME INTEIRO ENCONTRADO NO BARRANCO EXPOSTO. FOTO: FÁBIO GUARALDO DE ALMEIDA.	71
FIGURA 12 - ANÁLISE DO MATERIAL NO ANEXO DO MAE/USP EM MANAUS (FOTO: ERÊNDIRA OLIVEIRA 2011).....	73
FIGURA 13 – ORGANOGRAMA DE RELACIONAMENTO ENTRE AS VARIÁVEIS DA FICHA DE ANÁLISE (LIMA 2008, PP. 174).....	74
FIGURA 14 - INFORMAÇÕES DAS PARTES ESTRUTURAIS DE UM VASILHAME. (PRANCHA: HELENA LIMA E CLAIDE MORAES)	75
FIGURA 15 - ANTIPLÁSTICOS EXÓGENOS ENCONTRADOS NAS CERÂMICAS AMAZÔNICA. FOTO: CLAIDE MORAES.....	77
FIGURA 16 - VARIAÇÃO NA QUEIMA DO NÚCLEO	78
FIGURA 17 - TIPOS DE FORMA E CONTORNO DE UM VASILHAME. PRANCHA: HELENA LIMA E CLAIDE MORAES.....	79

FIGURA 18 - TIPOS DE INCLINAÇÃO E FORMA DA BORDA E FORMA DO LÁBIO. PRANCHA: HELENA LIMA E CLAIDE MORAES.....	80
FIGURA 19 - FRAGMENTOS DE BORDAS COM A MESMA INCLINAÇÃO, PORÉM O DA DIREITA POSSUI DOIS POSSÍVEIS CONTORNOS DISTINTOS (MATERIAL ENCONTRADO NO SÍTIO LAURO SODRÉ)	84
FIGURA 20 - FRAGMENTOS DE VASILHAS COM FLANGE MESIAL	106
FIGURA 21 - FRAGMENTOS DO SÍTIO LAURO SODRÉ COM ALGUMAS VARIAÇÕES DA COR DO ENGOBO E PINTURA.....	109
FIGURA 22 – EXEMPLO DE DECORAÇÃO PLÁSTICA ACANALADA COM PINTURA AMARELA E VERMELHA. VASILHA LS-1024 (SÍTIO LAURO SODRÉ). DESENHO: ERÊNDIRA OLIVEIRA.	123

INDICIE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - RELAÇÃO ENTRE O TOTAL DE FRAGMENTOS COLETADOS E OS ASSOCIADOS À FASE GUARITA NA UNIDADE N1152 W1360 DO SÍTIO HATAHARA.	40
GRÁFICO 2 E 3 – ÍNDICE DE QUANTIDADE E PESO DOS FRAGMENTOS POR NÍVEL/UNIDADE.	44
GRÁFICO 4 - ÍNDICE DE DENSIDADE CERÂMICA NO SÍTIO LAGUINHO.....	45
GRÁFICO 5 - DISPERSÃO DA FASE GUARITA NO SÍTIO LAGUINHO POR NÍVEL ESTRATIGRÁFICO	46
GRÁFICO 6 - DENSIDADE DO MATERIAL CERÂMICO NO SÍTIO SANTA FÉ.	50
GRÁFICO 7 E 8 - ÍNDICES DE QUANTIDADE E PESO POR NÍVEL ESTRATIGRÁFICO	50
GRÁFICO 9 E 10 - RELAÇÃO DE QUANTIDADE E PESO POR NÍVEL ESTRATIGRÁFICO.	55
GRÁFICO 11 - DENSIDADE DO MATERIAL CERÂMICO NO SÍTIO NOVA ESPERANÇA.	56
GRÁFICO 12 - DISPERSÃO NO SENTIDO HORIZONTAL DO MATERIAL POLÍCROMO NO SÍTIO NOVA ESPERANÇA.....	57
GRÁFICO 13 - DISPERSÃO NO SENTIDO HORIZONTAL DO MATERIAL INCISO NO SÍTIO NOVA ESPERANÇA	57
GRÁFICO 14 - ÍNDICE DE QUANTIDADE DE FRAGMENTOS POR UNIDADE/NÍVEL	62
GRÁFICO 15 - ÍNDICE DE PESO DE FRAGMENTOS POR UNIDADE/NÍVEL	63
GRÁFICO 16 - DENSIDADE DE MATERIAL CERÂMICO NO SÍTIO SÃO PAULO II	63
GRÁFICO 17 - ÍNDICE DA QUANTIDADE DE FRAGMENTOS POR UNIDADE/NÍVEL	68
GRÁFICO 18 - ÍNDICE DE PESO POR UNIDADE/NÍVEL	69
GRÁFICO 19 - DENSIDADE DE MATERIAL CERÂMICO NO SÍTIO SANTA CRUZ	69
GRÁFICO 20 - FREQUÊNCIA DA VARIAÇÃO DE COLORAÇÃO DA SUPERFÍCIE DA PASTA - SÍTIO HATAHARA	85
GRÁFICO 21 - FREQUÊNCIA NO TIPO DE QUEIMA DA PASTA - SÍTIO HATAHARA.....	85
GRÁFICO 22 - FREQUÊNCIA DO ANTIPLÁSTICO NA CERÂMICA DO SÍTIO HATAHARA.....	86
GRÁFICO 23 - COMBINAÇÕES DE ANTIPLÁSTICOS PRESENTES NA CERÂMICA DO SÍTIO HATAHARA	86
GRÁFICO 24 – RELAÇÃO ENTRE FORMA DO VASO E INCLINAÇÃO DA BORDA NO SÍTIO HATAHARA	87

GRÁFICO 25 - FREQUÊNCIA NO TIPO E LOCAL DA DECORAÇÃO CERÂMICA NO SÍTIO HATAHARA	87
GRÁFICO 26 - FREQUÊNCIA DA VARIAÇÃO DECORATIVA NA CERÂMICA DO SÍTIO HATAHARA	87
GRÁFICO 27 - VARIAÇÃO NA COLORAÇÃO DO ENGOBO	88
GRÁFICO 28 - FREQUÊNCIA NA COR DA SUPERFÍCIE DA PASTA CERÂMICA DO SÍTIO LAGUINHO	88
GRÁFICO 29 - TIPOS DE QUEIMA DA PASTA CERÂMICA DO SÍTIO LAGUINHO	88
GRÁFICO 30 - FREQUÊNCIA DO ANTIPLÁSTICO NA CERÂMICA DO SÍTIO LAGUINHO	89
GRÁFICO 31 - COMBINAÇÕES DE ANTIPLÁSTICOS PRESENTES NA CERÂMICA DO SÍTIO LAGUINHO	89
GRÁFICO 32 - RELAÇÃO ENTRE FORMA DO VASO E INCLINAÇÃO DA BORDA NO SÍTIO LAGUINHO	90
GRÁFICO 33 - FREQUÊNCIA DO TIPO E LOCAL DECORATIVO NA CERÂMICA DO SÍTIO LAGUINHO	90
GRÁFICO 34 - FREQUÊNCIA NO TIPO DE DECORAÇÃO PLÁSTICA PRESENTE NA CERÂMICA DO SÍTIO LAGUINHO	91
GRÁFICO 35 - ÍNDICE DE VARIAÇÃO NA COLORAÇÃO DO ENGOBO	91
GRÁFICO 36 E 37 – FREQUÊNCIA DA COLORAÇÃO DA SUPERFÍCIE DA PASTA E DO SEU NÚCLEO NO SÍTIO SANTA FÉ	92
GRÁFICO 38 - FREQUÊNCIA DE ANTIPLÁSTICO NA COMPOSIÇÃO DA ARGILA DO SÍTIO SANTA FÉ	92
GRÁFICO 39 - COMBINAÇÕES DE ANTIPLÁSTICOS PRESENTES NA ARGILA DO SÍTIO SANTA FÉ	93
GRÁFICO 40 - RELAÇÃO FORMA DO VASO E INCLINAÇÃO DA BORDA NO SÍTIO SANTA FÉ	93
GRÁFICO 41 - FREQUÊNCIA DA COLORAÇÃO DA SUPERFÍCIE DA PASTA NO SÍTIO NOVA ESPERANÇA	94
GRÁFICO 42 - FREQUÊNCIA DOS TIPOS DE QUEIMA DA PASTA NO SÍTIO NOVA ESPERANÇA	94
GRÁFICO 43 - FREQUÊNCIA DO ANTIPLÁSTICO NO SÍTIO NOVA ESPERANÇA	95

GRÁFICO 44 - ÍNDICE DAS COMBINAÇÕES DE ANTIPLÁSTICOS DA CERÂMICA DO SÍTIO NOVA ESPERANÇA	95
GRÁFICO 45 - RELAÇÃO ENTRE A FORMA DO VASO E INCLINAÇÃO DA BORDA PARA O SÍTIO NOVA ESPERANÇA.....	96
GRÁFICO 46 - FREQUÊNCIA DO TIPO E LOCAL DA DECORAÇÃO NA CERÂMICA DO SÍTIO NOVA ESPERANÇA.....	96
GRÁFICO 47 - FREQUÊNCIA DA COLORAÇÃO DO ENGOBO NA CERÂMICA DO SÍTIO NOVA ESPERANÇA	96
GRÁFICO 48, 49 E 50 – ÍNDICES DE COR DA SUPERFÍCIE, TIPO DE QUEIMA E PROPORÇÃO DO USO DE ANTIPLÁSTICOS.	98
GRÁFICO 51 - ÍNDICE DAS COMBINAÇÕES DE ANTIPLÁSTICOS DA CERÂMICA DO SÍTIO SÃO PAULO II	98
GRÁFICO 52 - RELAÇÃO FORMA DO VASO E INCLINAÇÃO DA BORDA NO SÍTIO SÃO PAULO II.	99
GRÁFICO 53 - ÍNDICE DO TIPO E LOCAL DE DECORAÇÃO NA CERÂMICA DO SÍTIO SÃO PAULO II	99
GRÁFICO 54 - ÍNDICE DE PRESENÇA NA COLORAÇÃO DO ENGOBO NO SÍTIO SÃO PAULO II	99
GRÁFICO 55 - VARIAÇÃO NA COLORAÇÃO DA SUPERFÍCIE CERÂMICA DO SÍTIO SANTA CRUZ	100
GRÁFICO 56 - VARIAÇÃO NO TIPO DE QUEIMA DA CERÂMICA DO SÍTIO SANTA CRUZ.....	100
GRÁFICO 57 - FREQUÊNCIA DE ANTIPLÁSTICOS NA PASTA CERÂMICA DO SÍTIO SANTA CRUZ	101
GRÁFICO 58 - COMBINAÇÕES DE ANTIPLÁSTICOS NA CERÂMICA DO SÍTIO SANTA CRUZ	101
GRÁFICO 59 - ÍNDICE DE FREQUÊNCIA DECORATIVA NO SÍTIO SANTA CRUZ	102
GRÁFICO 60 - VARIAÇÃO NA COLORAÇÃO DO ENGOBO NO SÍTIO SANTA CRUZ	102
GRÁFICO 61 - VARIAÇÃO NO TIPO DE DECORAÇÃO PLÁSTICA NO SÍTIO SANTA CRUZ	102
GRÁFICO 62 - FREQUÊNCIA DE COR DA SUPERFÍCIE DA ARGILA NO SÍTIO LAURO SODRÉ	104
GRÁFICO 63 - FREQUÊNCIA DO TIPO DE QUEIMA DA PASTA NO SÍTIO LAURO SODRÉ	104
GRÁFICO 64 - FREQUÊNCIA DE ANTIPLÁSTICO NO SÍTIO LAURO SODRÉ	105
GRÁFICO 65 - FREQUÊNCIA DOS TIPOS DE FORMA DO VASO NO SÍTIO LAURO SODRÉ ...	105

GRÁFICO 66 - FREQUÊNCIA DOS TIPOS DE INCLINAÇÃO DA BORDA NO SÍTIO LAURO SODRÉ	106
GRÁFICO 67 - FREQUÊNCIA DOS TIPOS DE CONTORNO DO VASO NO SÍTIO LAURO SODRÉ	106
GRÁFICO 68 - FREQUÊNCIA DO TIPO DE DECORAÇÃO PLÁSTICA NA CERÂMICA DO SÍTIO LAURO SODRÉ.....	107
GRÁFICO 69 - FREQUÊNCIA DO TIPO E LOCAL DA DECORAÇÃO NA CERÂMICA DO SÍTIO LAURO SODRÉ.....	107
GRÁFICO 70 - FREQUÊNCIA DAS COMBINAÇÕES DECORATIVAS EXISTENTES NA CERÂMICA DO SÍTIO LAURO SODRÉ	108
GRÁFICO 71 - FREQUÊNCIA DA VARIAÇÃO NA COLORAÇÃO DA PINTURA NA CERÂMICA DO SÍTIO LAURO SODRÉ	108
GRÁFICO 72 - FREQUÊNCIA DA VARIAÇÃO NA COLORAÇÃO DO ENGOBO NA CERÂMICA DO SÍTIO LAURO SODRÉ	109
GRÁFICO 73 – ÍNDICE TOTAL DE FRAGMENTOS POR CONJUNTO MORFOLÓGICO.....	111
GRÁFICO 74 - CRONOLOGIA DAS OCUPAÇÕES POLÍCROMAS NO MÉDIO E BAIXO RIO SOLIMÕES.....	129

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1: DATAS OBTIDAS PARA O SÍTIO NOVA ESPERANÇA.	54
TABELA 2: ÍNDICE DE PRESERVAÇÃO DO MATERIAL CERÂMICO COLETADO NO SÍTIO LAURO SODRÉ.....	72
TABELA 3 - ÍNDICE QUANTITATIVO DOS CONJUNTOS POR SÍTIO ARQUEOLÓGICO	110
TABELA 4 - DATAS OBTIDAS PARA CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS ASSOCIADOS À FASE GUARITA.....	129

RESUMO

Essa dissertação apresenta dados relacionados com o processo de ocupação de sítios associados à cerâmica Guarita na região do médio e baixo rio Solimões, estado do Amazonas. Essas ocupações são, normalmente, superficiais e estão associados aos últimos grupos ceramistas que se estabeleceram na região até o século XVI DC. A proposta desse trabalho é entender, através de sítios localizados no município de Coari e na área de confluência dos rios Solimões e Negro, o estabelecimento de uma cronologia dos estratos, análise das cerâmicas que compõem os sítios, a determinação das áreas de dispersão, densidade dos vestígios arqueológicos e sua relação com outros sítios já escavados na região. Através desse estudo pretendemos propor uma hipótese para a história da ocupação desses grupos ceramistas na região do médio e baixo rio Solimões e fornecer mais dados sobre a cerâmica vinculada à Tradição Polícroma da Amazônia.

Palavras-chave: Arqueologia Amazônica; Tradição Polícroma da Amazônia; Fase Guarita; Rio Solimões.

ABSTRACT

This dissertation presents archaeological data on site settlements with Guarita ceramics, located in the middle and lower Solimões river, in Amazonas state. The evidence for these settlements is often restricted to the sites' surfaces, indicating that these were the last indigenous groups to settle in the region, staying until the XVI century AD. Based on the data collected in sites at Coari city and around the confluence of the Solimões and Negro rivers, the purpose of this research is to understand the strata's chronology, to undertake the ceramic analysis of materials from these strata, and to determine areas of dispersion and density of archaeological remains. It also examines the relationship between these and other excavated sites in the region. This research intends to propose a hypothesis for the history of how these late pottery making-groups have occupied the middle and lower Solimões river area, thus providing more data about the ceramics of the Amazonian Polychrome Tradition.

Key-words: Amazonian archaeology; Amazonian Polychrome Tradition; Guarita Phase; Solimões river; Amazonas state.

Capítulo 1: Introdução

A presente dissertação tem como objetivo colaborar com o entendimento do processo de ocupação de sítios associados à Tradição Polícroma da Amazônia, na região do médio e baixo rio Solimões, estado do Amazonas. Essas ocupações são, normalmente, superficiais e estão associados aos últimos grupos ceramistas que se fixaram na região até o século XVI DC. A proposta desse trabalho é entender, através de sete sítios localizados no médio e baixo rio Solimões, o seu período de ocupação, bem como a variabilidade formal de suas cerâmicas.

Para tanto, o trabalho envolve a análise do material cerâmico que compõe os sítios, o estabelecimento de uma cronologia dos estratos, a determinação das áreas de dispersão e densidade dos vestígios arqueológicos, além da relação com outros sítios já escavados na região. Através desse estudo, pretendemos propor uma hipótese para a história da ocupação desses grupos ceramistas na região do médio Solimões e fornecer mais dados sobre a indústria cerâmica vinculada à Tradição Polícroma da Amazônia (TPA).

O problema acima mencionado estava inserido nas questões abordadas pelo Projeto Temático *Cronologias Regionais, Hiatos e Continuidades na História Pré-Colonial da Amazônia* (Processo 05/60603-4), finalizado em março de 2010. Esse projeto visou obter cronologias das ocupações pré-coloniais na área de estudo e estabelecer o tamanho, a densidade e a duração dessas ocupações, a fim de testar hipóteses vigentes para a ocupação na região. Isto vem sendo feito através da identificação, mapeamento, delimitação, cortes-teste e escavação dos sítios arqueológicos.

Essa dissertação está estruturada da seguinte forma: Na parte introdutória (1) serão apresentados os contextos tanto numa escala pan-amazônica quanto regional, referentes ao histórico das pesquisas e hipóteses de ocupação humana pré-colonial, aspectos ambientais e etnohistóricos. Na parte seguinte (2), serão apresentados a metodologia e os dados relativos ao campo. Em 3 serão apresentados a metodologia de análise cerâmica e as definições terminológicas, os dados obtidos por sítio arqueológico e uma breve comparação inter-sítio no

aspecto morfológico. No capítulo 4 serão discutidos os dados gerais referentes à cronologia e à análise cerâmica e, por fim, no capítulo 5 a conclusão da pesquisa. Complementando esse trabalho há o Volume II, onde estão as pranchas de bordas, perfis estratigráficos, mapas e outros anexos para consulta.

1.1 Histórico de Pesquisas e Problemática Geral

Nesse item iremos apresentar de forma sintética as pesquisas realizadas na região amazônica e as hipóteses de ocupação e dispersão associada à Tradição Polícroma da Amazônia. O intuito é contextualizar e expor as problemáticas de pesquisas que envolvem a TPA dentro de um quadro geral, pois o objetivo deste trabalho é contribuir com novos dados e interpretações dentro de uma escala regional e pouco pesquisada.

A cerâmica dessa tradição arqueológica (TPA) é a mais difundida na região amazônica, possuindo registros de sua ocorrência nas cerâmicas: Marajoara na foz do rio Amazonas (SCHAAN, 2001; ROOSEVELT, 1991; MEGGERS e EVANS, 1957), Apuaú, **Guarita**, Samambaia e Manauacá no baixo e médio Rio Negro, baixo rio Japurá e Amazônia Central (SIMÕES et. al., 1987; HECKENBERGER et al., 1998, 1999; HILBERT, 1968; NEVES, 2008), Tefé e São Joaquim no médio para o alto rio Solimões (HILBERT 1968), Borba e Jatuarana no médio e baixo rio Madeira (MILLER, 1992; SIMÕES et. al. 1987), Fase Caparu no médio rio Uatumã (MILLER, 1992), São João no Alto rio Negro (SIMÕES, 1974), Independência, Cacarapí e Criajó no baixo rio Xingu (PEROTA, 1992), Tauá no baixo rio Tocantins (SIMÕES et. al., 1987), Marmelos, Pupunha e Jamari no alto rio Madeira (SIMÕES et al. 1987; MILLER et al, 1992), Pirapitinga no alto rio Solimões (HILBERT 1968), Napo no rio Napo, no oeste do Equador (MEGGERs e EVANS, 1968), Araracuara no rio Caquetá da Colômbia (HERRERA, WARWICK e MCEWAN, 1980), Caimito no médio e alto rio Ucayali e Huallaga no oeste do Peru (MYERS, 1990; LATHRAP, 1975), Zebu e Nofurei no alto Solimões e alto Japurá, Sudeste da Colômbia (EDEN, WARWICK, et al., 1984); HERRERA, WARWICK E MCEWAN, 1980) e Koriabo e Cajuacu na foz do Orinoco e Amazonas (BOOMERT,

2004) . Ou seja, há uma grande dispersão de atributos tecnológicos e morfológicos cerâmicos semelhantes por toda região amazônica, identificado por pesquisadores e agrupado dentro da Tradição Polícroma da Amazônia.

A ampla dispersão da Tradição Polícroma da Amazônia pode estar associada aos povos falantes do tronco Tupi e diante desse contexto surgiram diversas hipóteses a respeito da mobilidade e expansão desses povos, a partir de dados etnográficos, linguísticos e arqueológicos. Nos anos de 1950, Betty Meggers e Clifford Evans, através do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), propuseram uma origem da cerâmica policroma na região Andina ou Circuncaribenha (MEGGERS & EVANS 1957, 1968). Posteriormente, Meggers (1974, 1977), influenciada pelas teorias de expansão lingüística de Alfred Métraux (1927) e Aryon Rodrigues (1964), associa a origem da TPA com a expansão dos povos falantes do tronco Tupi a leste do rio Madeira. Dados arqueológicos corroboram, até o momento, com essa hipótese, pois há uma data do século VIII a.C. para a fase Jatuarana (MILLER, 1987), além da região ter sido o possível centro de domesticação da mandioca (*Manihot esculenta*) e da pupunha (*Bactris gasipaes*), vinculando a expansão com o advento da agricultura (CLEMENT, 1999b).

Em contrapartida, Lathrap e outros pesquisadores (LATHRAP 1975; (BROCHADO 1982, 1989; NOELLI, 1996; LATHRAP e OLIVER, 1987) propuseram que a origem desse complexo cerâmico seria na Amazônia central e, devido ao desenvolvimento da agricultura de várzea e crescimento demográfico, essa região seria como um coração pulsante, bombeando esses grupos para outras regiões da floresta amazônica através dos grandes rios e seus afluentes. Eles também propuseram que este centro de origem e dispersão estaria associado aos grupos de língua Arawak e Tupi, sendo este último responsável pela fabricação da cerâmica Guarita, da Tradição Polícroma da Amazônia, e remontando sua origem há 4000 anos a.C., a partir de um desenvolvimento local de cerâmicas da fase Manacapuru da Tradição Borda Incisa (BROCHADO 1982).

Na década de 90, os pesquisadores James Petersen, Michael Heckenberger e Eduardo Góes Neves iniciaram o Projeto Amazônia Central na área de confluência dos rios Solimões e Negro (Anexo 1), com o objetivo de testar as hipóteses vigentes. Os resultados da pesquisa derrubaram o modelo cardíaco de Lathrap para a Amazônia central e a possível correlação entre a fase Manacapuru com a fase Guarita (NEVES, 2003, 2008; HECKENBERGER et. al 1998; MACHADO, 2005), e comprovaram a existência de grandes assentamentos com modificações na paisagem, como a Terra Preta de Índio (TPI) e a construção de estruturas monticulares associadas à Tradição Borda Incisa, mostrando que houve um manejo do meio ambiente superando supostos limites ecológicos propostos pelo determinismo ambiental de Meggers e Evans (PETERSEN, NEVES e HECKENBERGER, 2001). Nessa região também foi encontrada uma vala defensiva, associada aos grupos ceramistas da fase Paredão (Tradição Borda Incisa), datada do ano 1000 d.C. coincidindo com as primeiras evidências da TPA e demonstrando que a chegada da fase Guarita, tal qual seu estabelecimento na região, pode ter ocorrido através de guerras (NEVES 2008). Dados de outras pesquisas realizadas na Amazônia também inviabilizam a hipótese de Lathrap, como a fase Jatuarana e a fase Marajoara datada do século V d.C.(MEGGERS & EVANS 1957; ROOSEVELT 1991; SCHAAAN, 2004), ambas mais antigas que a fase Guarita.

Outro dado relevante é que na Amazônia central grande parte dos sítios são multicomponenciais e parece haver uma continuidade entre as ocupações mais antigas. O último grupo ceramista a se estabelecer na área está relacionado à fase Guarita e representa uma ruptura na forma de ocupação e na técnica de produção de cerâmica, se comparado com as ocupações anteriores (MACHADO 2005; MORAES, 2006; NEVES, 2003, 2008; LIMA, NEVES e PETERSEN, 2006; LIMA, 2008; CASTRO, 2009; REBELLATO, 2007; TRINDADE, 2009).

Heckenberger, Neves e Petersen (1998) também apontam uma falta de coerência histórica e etnográfica nessa relação língua-cerâmica e, na região do médio e baixo rio Negro, não há indicativos de ocupações Tupis (NIMUENDAJÚ,

1981). Viveiros de Castro (1996) e Urban (1992) também criticam a falta de evidências para a associação entre a TPA com os povos Tupi.

Resumindo, através dos dados bibliográficos levantados, sabe-se que a partir do século XII e XIII d.C. grande parte da várzea dos rios Amazonas e Solimões e de alguns de seus tributários – como o Xingu, Madeira, Negro, Japurá, Caquetá e Napo – estão ocupadas por aldeias de diferentes tamanhos por grupos fabricantes da cerâmica policroma (NEVES, 2006).

Em relação à área em que essa pesquisa se insere, ou seja, no baixo e médio rio Solimões, ocorreram poucas intervenções arqueológicas valendo destacar os trabalhos de Mário Simões (1974; 1987) e Peter Paul Hilbert (1968). Ambos foram pioneiros e pertenciam ao restrito grupo do PRONAPABA, criando algumas fases cerâmicas, inclusive muitas relacionadas à TPA. Nesse projeto, o destaque maior vai para as contribuições feitas por Hilbert, que trabalhou na área da confluência entre os rios Solimões e Negro e no médio rio Solimões, e elaborou uma sequência de ocupações nessas áreas, principalmente na Amazônia central (HILBERT 1968; HECKENBERGER et al 1998; NEVES 2003). Trabalhos como de Wanda Hanke (1959) no médio rio Solimões e no baixo rio Purus, Gastão Cruls (1942) no município de Coari, onde foram identificadas urnas antropomorfas policromas e João Barbosa Rodrigues (1891-1892, 1877) na área de confluência entre os rios Solimões e Negro, trouxeram significativas contribuições com coletas de material, datações e identificação de sítios arqueológicos da TPA ao longo do rio Solimões e Amazonas.

Outras pesquisas arqueológicas ocorreram ao longo das margens do rio Solimões ligadas à arqueologia preventiva, entre 1998 e 2009. Duas grandes obras ocorreram no trecho que liga o município de Coari à capital Manaus, ambas foram empreendimentos da Petrobrás para a extração e transporte de gás natural (Anexo 2). Em um primeiro momento, foi realizada a construção de um Polioduto no trecho que liga a base de Urucu, na cabeceira do rio Urucu, à refinaria na margem direita do rio Solimões (CALDARELLI, 1998). Posteriormente veio a construção do Gasoduto Coari-Manaus, ligando a refinaria à capital, sendo esse

de maior importância para esta pesquisa. Ao todo foram encontrados 73 sítios nessas duas etapas, em um trecho que corresponde aproximadamente 700km, sendo que uma boa porcentagem desses sítios apresentou material policromo.

Como resultado dessas obras, surgiu o projeto multidisciplinar PIATAM (Inteligência Socioambiental Estratégica da Indústria do Petróleo na Amazônia), como forma de monitoração dos impactos causados pelo transporte do gás e óleo. Sua área de atuação correspondia ao mesmo trecho que liga a refinaria à Manaus, percorrendo todo o leito do rio Solimões e seus afluentes. O projeto identificou 86 sítios arqueológicos (LIMA e TAMANAHA, 2007, 2008) (Anexo 3).

É nesse contexto de pesquisa e discussões que essa dissertação se insere, buscando contribuir com dados referentes à TPA em relação ao material cerâmico da fase Guarita e seus atributos morfológicos, sua dispersão pela região estudada e a caracterização quantitativa inter e intra sítio da cerâmica.

1.2 Aspectos ambientais: os diversos biomas da Amazônia.

Figura 1: Encontro das águas dos rios Negro e Solimões na Amazônia Central. Arquivo PAC.

A Amazônia possui um gigantesco predomínio de terras baixas florestadas, do tipo tropical, limitada por barreiras naturais das terras cisandinas e bordas do Planalto Brasileiro e Guianense. Todo o seu meio ambiente é regulado pela

sazonalidade fluvial e pluvial (seca, enchente, cheia e vazante), afetando e formando diversos tipos de habitat, fator que influencia na diversidade da fauna e flora local. Essa alternância de ambiente aquático e terrestre contribuiu na adaptação e comportamento no mundo vegetal e animal, como plantas que possuem a atividade metabólica regulada pelas enchentes ou peixes que desenvolveram uma forma de respiração aérea (PEREIRA, 2007)

Em linhas gerais, dentro desse bioma amazônico, temos dois tipos de ambientes fluviais que determinam a configuração dos habitats: as “águas pretas”, “águas brancas” e águas claras (SIOLI, 1984). Os cursos de água branca transportam uma carga maior de sedimentos finos, como a argila e o silt, além de possuir uma correnteza mais rápida, serem mais instáveis e repletos de entrelaçamentos (AB'SABER, 2003), como o próprio rio Solimões, Purus ou Juruá. A quantidade de matéria em suspensão e a força de sua água são responsáveis pela formação e destruição de ilhas e fertilização de suas margens. Muitas dessas ilhas foram utilizadas como área de plantio durante o século XVI, como a existente entre os Omáguas, na província de Aysuari, no médio Solimões (MYERS, 2004).

Os cursos de água preta, nos quais predominam os igarapés, paranás, igapós e lagos na bacia do rio Solimões, possuem essa coloração escura devido a processos biogênicos provenientes de solos ácidos dissolvidos na água e decomposição de produtos orgânicos da floresta. Tais rios carregam pouco sedimento e geralmente associam-se a areias de terraços e praias. (AB'SABER 2003). Rios de águas claras, como o Trombetas, Tapajós e o Xingu são aqueles que têm suas nascentes em locais de formação geológica muito antiga, como o planalto das Guianas e o planalto central do Brasil. Sua carga sedimentar é comparativamente menor a dos rios de águas brancas.

Essa rede de lagos, igarapés e rios tornam a bacia do rio Solimões um local abundante, tanto que é de conhecimento popular (e comprovado cientificamente) que os rios de água branca possuem uma maior quantidade de peixes (cardumes) e menor variedade de espécies. O contrário ocorre na bacia do rio Negro, onde há menor sedimentação e maior variedade de espécies (tanto que é o local onde se

extraem grande parte dos peixes ornamentais) (AB'SABER 2003; SOARES, 2007).

Essa abundância de peixes nas águas brancas atrai outros animais (anfíbios, répteis, aves e mamíferos aquáticos), tornando as margens do rio Solimões um local ideal para obtenção de proteína animal (BECKERMAN, 1994; LATHRAP 1975) fator que pode ser visto no contexto arqueológico da Amazônia Central (Farias 2005) e nos relatos dos viajantes (PAPAVERO, TEIXEIRA, *et al.*, 2002).

Se olharmos para um mapa hidrográfico do rio Solimões, o veremos como uma via principal, repleto de afluentes (igarapés) que se conectam a algum lago. Os lagos são, normalmente, meandros abandonados do próprio Solimões. Durante o período de seca, à distância a ser percorrida até os lagos se torna muito mais longa, ao contrário das cheias, quando essa rede de lagos e igarapés ficam conectados por áreas alagadas (igapó). É através desses meandros que se torna possível uma maior aproximação com a floresta de terra firme, onde são encontrados recursos diferenciados da várzea (MORAN, 1990; DENEVAN, 1996; AB'SABER 2003).

É importante a compreensão desse bioma e de sua sazonalidade, pois qualquer tipo de recurso ou transporte depende desse ciclo natural.

Uma caracterização importante da paisagem amazônica é a existência das Várzeas – áreas planas próximas a um curso de rio e sujeitas a alagamentos conforme a intensidade das cheias dos rios – e a Terra Firme. Essas duas áreas possuem um contexto geológico variado (Anexo 4), podendo ser divididos em três formações diferentes no rio Solimões:

1. **Depósitos Aluvionares:** Formações holocênicas compostas por areia, silte, argila e cascalho inconsolidado. Representa o antigo leito do rio Solimões.
2. **Formação Içá:** Formação pleistocênica composta por argilito, arenito, siltito e turfa. Possui uma coloração avermelhada e representa boa parte das margens do rio Solimões e delimitava a antiga calha do mesmo.

3. **Formação Alter do Chão:** Formação do período cretáceo composta por quartzito arenito, arenito arcoseano, arenito caulínico e caulim. É pouco representada no rio Solimões, possui uma coloração amarelada e é encontrada somente na região próxima a confluência com o rio Negro.

Os locais que possuem formação de depósitos aluvionares são os mais instáveis e expostos a processos erosivos do rio. Na transição do baixo para o médio rio Solimões (município de Codajás, Anori e Anamã), grande parte de sua formação se dá por depósito aluvionar e a ação do rio sobre suas margens, provoca o processo de Erosão Lateral Acelerada ou o fenômeno das “Terras Caídas” (STERNBERG, 1998) (Figura 2). Em contrapartida, em períodos de maior cheia ocorre um depósito de sedimento (silte) na superfície dos terrenos, enterrando antigas camadas húmicas (Anexo 5). Ou seja, no caso dos sítios arqueológicos há uma preservação do contexto arqueológico no sentido horizontal e uma destruição no sentido vertical, sendo essa última mais frequente todos os anos.

Figura 2: Áreas afetadas pela ação da erosão fluvial. Fotos: Eduardo Tamanaha / Márjorie Lima.

Ainda não há um estudo detalhado sobre esse fenômeno erosivo, mas através de informações dos moradores locais ocorre uma perda de 3 a 4 metros de barranco anualmente. Se pensarmos em um processo em longo prazo, isso

explicaria o motivo pelo qual não se encontram ocupações mais antigas ou de grandes extensões na região do médio rio Solimões.

Em relação à ocupação humana, a várzea é o local onde se encontra a maior parte dos sítios arqueológicos, principalmente em áreas mais altas (várzea alta ou barrancos) onde o risco de enchentes é menor, além de ter um fácil acesso para locomoção fluvial, áreas fertilizadas pelo rio e animais aquáticos (LATHRAP, 1975; DENEVAN, 1996). Isso implica numa adaptação humana diferenciada da Terra Firme com a várzea ou dos cursos de rio de água branca com os de água preta, surgindo estratégias adaptativas reguladoras na relação homem-paisagem (Moran 1990). Sendo assim, podemos pressupor que o modo de vida de um assentamento em um lago de água preta seria diferenciado das margens do rio Solimões e o mesmo pode se dizer em uma escala macro (bacia do rio Solimões x Bacia do Rio Negro), pois a história geológica recente da bacia do médio Solimões leva ao soterramento dos afloramentos rochosos – matéria prima essencial para elaboração de machados – ao contrário da bacia do rio Negro ou do alto rio Madeira onde há afloramentos rochosos basálticos e maior concentração vestígios líticos.

Nessa paisagem amazônica podemos destacar uma característica fundamental da intervenção humana: a Terra Preta Antropogênica ou Terra Preta de Índio (TPI). A sua presença está concentrada em sítios arqueológicos, uma vez que resulta de uma intensa ocupação humana no local. Esse fenômeno pode ser interpretado como marcador cronológico, cultural e social, indicador do aumento da densidade demográfica e do estabelecimento de assentamentos sedentários na Amazônia (PETERSEN, NEVES e HECKENBERGER, 2001; NEVES, PETERSEN, *et al.*, 2003; ARROYO-KALIN, 2008).

Tais solos apresentam coloração escura, considerável índice de matéria orgânica, pH elevado, teores elevados de cálcio, magnésio e fósforo (LEHMANN, KERN, *et al.*, 2003) (Figura 3). Dados obtidos na Amazônia Central mostram que sua formação ocorreu principalmente entre os séculos V e XI DC, associados aos grupos das fases Manacapuru e Paredão (NEVES, PETERSEN, *et al.*, 2003,

2004; NEVES 2008; REBELLATO, WOODS e NEVES, 2008). Ainda não há resultados de pesquisas feitas no médio Solimões, mas ao que tudo indica, a TPI nessa região teria se formado posterior ao século XI DC e associados a ocupações com cerâmicas polícromas, datadas entre os séculos IX e XVI DC (HILBERT 1968; HECKENBERGER et al. 1998; NEVES 2008).

Figura 3: Superfície do sítio arqueológico Laguinho, destaca-se a terra preta e a grande exposição de material cerâmico. Foto: Randy Crones

É necessária a compreensão dos biomas existentes se quisermos compreender as relações entre o meio ambiente e a forma, modo e tempo de ocupação humana em uma determinada região. O solo da floresta amazônica é realmente pobre como foi proposto por Meggers (1976), mas a presença da TPI demonstra uma modificação da paisagem e capacidade de modificação no meio ambiente (NEVES 2008). As várzeas e ilhas do rio Solimões possuem uma riqueza em proteína animal que vai de frente à “Hipótese de Limitação Protéica” (BECKERMAN, 1994). As margens que são fertilizadas anualmente podem ter sido utilizadas como locais de plantio, mas há hipóteses em que a maior parte da agricultura estaria na Terra Firme e nos barrancos altos, protegidos contra

eventuais cheias catastróficas, em locais onde hoje possuem a TPI (MYERS, DENEVAN, *et al.*, 2003).

1.3 Viajantes e cronistas: as populações indígenas do Rio Solimões

Como foi dito no capítulo 1.1, a fase Guarita foi o último grupo ceramista a ocupar as margens do rio Solimões, do século IX ao XVI e, conseqüentemente, possivelmente a população que foi descrita pelos primeiros cronistas no século XVI e XVII. Esse contexto etnohistórico auxilia na compreensão, em uma escala temporal, dessas ocupações humanas ao longo das margens do rio Solimões, demonstrando a ampla diversidade de povos (ou pelo menos nas denominações dadas pelos cronistas) e de línguas (NIMUENDAJÚ, 1981).

Por conta disso, apresentaremos a seguir uma breve descrição da região estudada, relacionando as áreas com os povos descritos em determinados períodos e áreas. Os dados apresentados são secundários e extraídos da ampla bibliografia de cronistas e trabalhos etnohistóricos à cerca do rio Solimões.

O rio Solimões-Amazonas sempre foi a principal via utilizada ligando os Andes ao litoral atlântico ou, no âmbito político, as colônias espanholas às colônias portuguesas. Durante séculos foi um local de fascinação pela busca do El Dorado, o mito das Amazonas e visto como um curral de mão-de-obra indígena (HEMMING, 2007). Os povos que habitavam suas margens e afluentes possuíam um vasto território, faziam guerra e comércio entre si e possuíam línguas diferenciadas. Conforme o mapa elaborado por Nimuendajú (1981), no século XVI – XVII, as margens do Solimões possuíam povos agrupados em troncos e famílias Arawak, Tupi, Katukina, Arauá e, provavelmente, outras línguas que já foram extintas.

Através dos cronistas como Frei Gaspar de Carvajal, Cristóbal de Acuña, Frei Laureano de La Cruz e Maurício de Heriarte, Porro (1992) elaborou um mapa (Anexo 6) com as principais províncias descritas nos séculos XVI e XVII. Desde o rio Napo, no Equador, até a região de Tefé no Brasil estava a grande nação Omágua/Cambeba. Abaixo, entre Tefé e Coari estavam os Aysuari e Curucirari;

entre Coari e a foz do rio Purus os Solimões ou Yurimáguas; Cuchiguara ou Purupuru no baixo-foz rio Purus e a província de Carabayana, onde agregava diversos povos na região de Manacapuru (PORRO 1992,1996, 2007).

Devido a sua geografia e formação, o rio Solimões-Amazonas adquiriu uma má reputação de navegabilidade pelos portugueses - que estavam adaptados à navegação marítima - devido aos diversos bancos de areia e a forte correnteza. Entre 1535 e 1542 houve dez tentativas de explorar o Amazonas partindo de sua foz e todas fracassaram, seja por motivos bélicos com os povos indígenas ou por razões de navegabilidade (SANTOS, 2002). Nos séculos XVI e XVII, a maioria das expedições partia dos Andes ou da costa atlântica, com exceção de um único caso realizado por volta de 1649, quando Antonio Raposo Tavares liderou uma bandeira partindo da região de São Paulo até a Bolívia e depois descendo o rio Madeira e o rio Amazonas até a atual cidade de Belém no Pará. Há poucos relatos de sua jornada, com exceção de alguns comentários feitos pelos padres de Antonio Vieira a respeito da grande densidade populacional na região e a belicosidade das tribos que ali viviam (MONTEIRO, 2000; HEMMING 2007).

Por conta disso, os primeiros viajantes a passarem pelo rio Solimões vieram dos Andes. O primeiro relato surge em 1538, com uma carta do português Diogo Nunes, da expedição do capitão Alonso de Mercadillo, ao rei Dom João III de Portugal. Sua viagem chegou até as aldeias Omáguas na região entre Tefé e Coari e seu relato traz informações da região como estradas, entrepostos de comércio de cerâmica e peixe seco e a relação dos omáguas com os povos vizinhos. Uma das principais contribuições em seu relato diz respeito a uma leva de migrações dos Omáguas à aldeia de Chachapoyas no Peru, 14 anos depois de sua visita a suas aldeias no médio rio Solimões (PORRO 1992; PAPAVERO et al 2002).

Em 1542 ocorre a primeira grande expedição até o litoral atlântico, comandada pelo capitão Francisco de Orellana e descrita pelo Frei Gaspar de Carvajal. Um importante relato do frei diz respeito à região dos atuais municípios de Coari e Codajás, no médio rio Solimões, onde ele relata sobre uma aldeia na região, nomeada de Aldeia da Louça, que possuía uma cerâmica de *“melhor que*

viu no mundo, porque a de Málaga não se lhe iguala, por ser toda vidrada e esmaltada de todas as cores” (PAPAVERO et al 2002). Carvajal define essa região como sendo povoada pelos Omáguas, porém é o único cronista que remete essa área a esse povo.

Mais tarde, em 1641, Cristobal de Acuña nomeia essa região como Província de Yoriman, entre a foz do lago de Coari até a foz do rio Purus, devido aos índios yorimáguas que viviam nessas margens. Esses também foram conhecidos como Joriman (de La Cruz 1653), Sorimões (Heriarte 1662), Yurimáguas (Fritz 1686-1700) e Sorimão (Sampaio 1775), sendo que o nome do próprio rio deriva dessa tribo (PORRO, 1996). De acordo com relatos dos séculos XVI ao XVIII DC, seria uma região densamente povoada, com mais de 250 km, e *“terra tão sobrada de gente que em parte alguma vimos reunidos mais bárbaros do que nela”* (ACUÑA, 1994). Dez anos após a viagem de Acuña, os Yurimáguas já se encontravam em decadência, com um decréscimo de suas populações por conta das investidas portuguesas e doenças, migrando rio acima conforme os relatos de Laureano de La Cruz em 1653. No ano de 1651 eles foram alcançados pelas investidas portuguesas de Bartolomeu Bueno Ataíde. No final do século XVII, já não existiam as grandes aldeias Yurimáguas e os poucos sobreviventes estavam espalhados em missões jesuíticas espanholas (rio Huallaga) ou portuguesas (municípios de Coari e Tefé) (PORRO 1992, 1996; HEMMING 2007).

Os relatos também mostram que esse povo mantinha um constante comércio com povos do rio Negro, pois segundo descrições eles utilizavam alguns adornos de ouro que vinham do rio do Ouro (alto rio Negro) trazido pelos Manaós. Acuña e Fritz também relatam que alguns deles possuíam artefatos europeus e que estes eram trazidos do norte, através de outros povos que tinham contato com os holandeses nas Guianas (PORRO 1996).

Segundo Nimuendajú (1981), os Yurimáguas estariam filiados ao tronco Tupi (devido à associação que Carvajal fez com os Omáguas), porém as duas fontes de cronistas o contradizem: Alejandro Rojas diz que Pedro Teixeira e seus companheiros, que falavam a língua geral, não conseguiram comunicar-se e Samuel Fritz afirma que a língua dos Yurimáguas é muito diferente dos Omáguas,

sendo esse último do tronco Tupi (PORRO 1992, 1996). Fritz e Betendorf descrevem alguns rituais religiosos entre os Yurimáguas e que Porro (1996) conclui que seriam festividades relacionadas ao culto de *Jurupari*, típicas festas retratadas entre os povos Arawak do rio Negro (KOCH-GRÜNBERG, 2005; VIDAL, 2002).

Na região do baixo e foz do rio Purus com o rio Solimões, havia as terras do senhor Paguana (Carvajal) e que Acuña os chama de nação Cuchiguara. Ao que tudo indica esse povo também recebeu nomes diferenciados como Cuchiara, Purupuru ou Curucuru.

Em 1775, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio encontrou um grupo de Purupuru nas missões jesuíticas em Coari e estes diziam serem os antigos Cuchiguara (PORRO 2007). Segundo Alfred Métraux (1948), os antigos Purupuru seriam representados atualmente pelos Paumaris e estes falam uma língua da família Arauá. Há poucos relatos sobre esse povo (Cuchiguara), mas o que se destaca são as descrições de Carvajal sobre os longos caminhos que ligavam as aldeias menores das margens até locais de Terra Firme (PORRO, 1996).

Dessa região próxima à foz do rio Purus até a área de confluência entre os rios Solimões e Negro, há poucas descrições e detalhes dos povos que lá habitavam. Acuña chama a região de Manacapuru como província de Carabayana, local este que reunia diversos povos que mantinham um comércio constante com os povos do rio Negro, uma agricultura na várzea durante o período de seca do rio e a prática da antropofagia (*op cit*).

Uma informação interessante que é levantada por Carvajal e Acuña sobre essa paisagem política diz respeito há grandes áreas inabitadas entre algumas “províncias”, como a dos Omáguas no alto Solimões que mantinham uma área não ocupada a montante e outra jusante de seu território (PORRO 1996). O mesmo foi observado no rio Ucayali, o que DeBoer (1981) chamou de “Buffer Zones” (Zonas Tampão).

Esse era o contexto regional dos povos que habitavam as margens do rio Solimões e tudo o que sabemos a seu respeito, deve-se aos relatos dos viajantes espanhóis e portugueses. Pouco, ou quase nada, se sabe sobre as regiões mais

distantes das margens do rio Solimões, uma vez que não havia interesse dos viajantes em explorar áreas tão afastadas das principais vias fluviais, mas há relatos de estradas e caminhos que ligavam essas aldeias da várzea a povoados mais distantes por terra.

Muitos dos povos citados nas crônicas já não existem mais ou foram incorporados a outros grupos maiores – como os Omáguas – ou se juntaram a população cabocla durante as missões jesuíticas (HEMMING 2007). Com relação à descrição e localização geográficas das aldeias, muitas se tornaram pequenas comunidades (distritos rurais) ou sedes de municípios e outras simplesmente desapareceram com a erosão do rio em suas margens.

As doenças trazidas pelos europeus e a caça aos escravos, deixaram um imenso vazio ao longo do rio Solimões o que desestruturou toda uma dinâmica política e comercial, abrindo espaço para que outros povos ocupassem essas novas áreas, como é o caso dos Tikuna no alto rio Solimões (OLIVEIRA, 2002) e dos Muras no rio Madeira (SANTOS 2002; AMOROSO, 1992). O mesmo aconteceu no rio Negro, que teve seu apogeu econômico no período colonial, devido à escravidão indígena, o que levou à elevação de Barcelos à capital da Província de São José do Rio Negro.

Como podemos ver na exposição acima, toda área estudada neste trabalho estava ocupada por diferentes povos e com possíveis filiações linguísticas distintas. As descrições relatam um intenso comércio e guerra entre os povos, tanto com os seus vizinhos como com populações mais distantes. Esse contexto não ocorreu somente na bacia do rio Solimões, sendo observado também na bacia do Orinoco, no período que antecede e durante a colonização europeia (HEINEN e GARCÍA-CASTRO, 2000; GASSÓN, 2002; WHITEHEAD, 1994). Essas redes de interações inter étnicas foram desestruturadas após o longo período de contato com os europeus, criando uma nova dinâmica social e política na bacia amazônica (VIDAL, 2000). Em alguns locais da Amazônia ainda é possível encontrar esse contexto cultural de relações inter étnicas, como o Alto Rio Negro (NEVES 2001; WRIGHT, 1992) e o Alto Rio Xingu (DOLE, 1993, 2001).

Ainda não há uma base de dados arqueológicos sólidos para esboçar como ocorriam essas relações na bacia do rio Solimões, mas o conforme os cronistas descreveram, elas existiram de alguma forma.

Capítulo 2: Coleta de dados em campo

Nesse capítulo será abordado o trabalho realizado em campo, começando pela metodologia utilizada, passando para as descrições dos trabalhos realizados e os dados de triagem e densidade por sítio.

Ao todo serão apresentados sete sítios arqueológicos que foram escavados, entre os municípios de Coari e Iranduba, tanto pelo PAC como pelo Projeto de Resgate do Gasoduto Coari-Manaus e o PIATAM (Anexo 7).

2.1. Metodologia

A metodologia utilizada nos sítios que foram trabalhados nessa dissertação segue o mesmo padrão utilizado pelo PAC desde 1995, uma vez que já demonstrou eficácia na delimitação, mapeamento, escavação e interpretação dos sítios arqueológicos na Amazônia central (NEVES, 2000; 2003; 2008).

Dessa forma, os procedimentos consistiram no levantamento não sistemático dos sítios através de informações orais, verificação de cortes de estrada, barrancos de beira de rio ou lago, visita às áreas de roça ou outros tipos de áreas expostas. Durante os levantamentos, as dimensões e profundidade dos sítios localizados são aferidas com bússola, trena ou passos e em poucos casos são realizadas coletas de superfície. Em alguns dos sítios localizados são plotadas linhas, onde são realizadas tradagens em níveis artificiais de 20cm, com espaçamento regular a cada 25m. As informações estratigráficas e de distribuição espacial obtidas são registradas em fichas e croquis esquemáticos.

Posteriormente, sítios com maior potencial de informações (densidade cerâmica, presença de terra preta antropogênica, estruturas artificiais e entre outros) são selecionados para o mapeamento topográfico e abertura de

escavações. Nessas atividades utiliza-se uma estação total e é estabelecido um sistema de coordenadas cartesianas que divide o sítio em quadras de 1m². As quadras formam as unidades básicas de escavação, que são normalmente realizadas em níveis artificiais de 10 cm.

Durante as escavações são coletados fragmentos cerâmicos, líticos, carvões, vestígios ósseos e amostras de solo para paleobotânica e análises micromorfológicas. Cada amostra recebe um número sequencial de proveniência (PN) a cada nível artificial. Quando a escavação atinge dois níveis de latossolo estéril é realizada uma tradagem com 1m de profundidade no centro da unidade, para a confirmação do término do pacote arqueológico. Por fim, são feitos os registros fotográficos e croqui do perfil da unidade, com a definição das camadas arqueológicas e sua coloração através da tabela de solos Munsell. Os dados obtidos desse modo permitem que se estipulem variabilidade cronológica e espacial nos sítios.

Em uma etapa posterior ou concomitante à escavação, objetivando uma melhor compreensão da dispersão do material no sítio arqueológico, é realizada a curadoria e triagem do material. No caso específico deste trabalho, focaremos na metodologia empregada ao material cerâmico.

Primeiramente, todo o material passa por um processo de curadoria através da limpeza por meio de instrumentos de madeira e, posteriormente, com água e pincéis. É um processo lento, mas que traz resultados satisfatórios na preservação de decorações pintadas, engobos e outros aspectos no tratamento de superfície do fragmento cerâmico.

Após a secagem do material, ele passa pelo processo de triagem dentro das categorias: Borda Decorada, Borda sem Decoração, Base decorada, Base sem decoração, Parede Decorada e Parede sem decoração. Tais categorias não são excludentes, podendo, por exemplo, uma borda possuir também uma parede e uma base, o que implica em uma hierarquia de classificação, que segue a ordem acima mencionada. Tal definição é baseada no grau de informação que pode ser adquirido através de um fragmento como parte de um vasilhame.

Os fragmentos cerâmicos são quantificados dentro de cada categoria e pesados. A partir daí, podemos extrair informações a respeito da variação de densidade por kg/m^3 ($D = \text{Total do peso (kg)} * \text{Total da quantidade} / 0,1$) e frequência de material por nível escavado e categoria. Esta etapa é de extrema importância porque é através dela que se separa a amostragem para a segunda etapa da análise (Ver Cap. 3).

No caso dos sítios multicomponenciais da área de confluência (sítios Hatahara e Laguinho), durante a triagem foram separados os fragmentos que possuíam atributos que pudessem ser correlacionados com a fase Guarita, otimizando o tempo durante o processo de análise. Uma das grandes dificuldades encontradas nessa seleção foi a identificação desse material associado à fase Guarita, pois a quantidade de fragmentos diagnósticos era baixa e, tecnologicamente, em muitos fragmentos não foram identificados os atributos que diferenciavam a fase Paredão da fase Guarita. Em alguns poucos casos houve uma mistura de elementos de ambas as fases (e.g. características da coloração da argila + espessura do fragmento + antiplástico da cerâmica da fase Paredão associados à técnicas decorativas da fase Guarita). Por conta disso, a amostragem do material ficou bem reduzida, uma vez que não foi possível distinguir características diagnósticas de todos os fragmentos.

Porém, isso também é um dado interessante, pois pode dar indicativos de que houve um intercâmbio de tecnologias ou utilização da mesma mão-de-obra entre ambas as ocupações. Indícios apontam que muitos locais onde houveram ocupações associadas à fase Paredão, teriam sido subjugadas pelas populações fabricantes da cerâmica da fase Guarita, através da guerra e domínio político (NEVES 2008).

2.2 Sítios da área de confluência

A região da área de confluência entre os rios Solimões e Negro, municípios de Iranduba e Manaus, vem sendo estudada pelos pesquisadores do Projeto Amazônia Central desde 1995 e, como resultado já foram identificados mais de

100 sítios arqueológicos, gerando uma base de dados mais sólida sobre as ocupações pré-históricas da região (NEVES 2008).

Há indícios de pré-ceramistas datadas de 7510 a.C. até 2550 a.C. e reservadas em áreas de campinaranas e antigos paleocanais, devido à oferta de matéria-prima para a confecção dos artefatos (NEVES 2003; COSTA 2009). Após esse período há um hiato temporal até 300 a.C. com o surgimento das primeiras ocupações ceramistas na região (NEVES 2008; LIMA et al 2006). Dados inicialmente levantados por Hilbert (1968) e refinados pelo PAC (HECKENBERGER et al 1998), mostram uma cronologia de fases cerâmicas desde 300 a.C. até 1500 d.C., como veremos abaixo:

1) uma primeira ocupação relacionada à cerâmica da fase Açutuba, sem relações com a TPI, por volta de 450 a.C. e 360 d.C. (LIMA et al 2006);

2) ocupações posteriores relacionadas à cerâmica da fase Manacapuru, da Tradição Borda Incisa, com o início da produção da TPI, datada por volta de 425 d.C. e 650 d.C (HILBERT 1968; NEVES 2003);

3) ocupações relacionadas à cerâmica da fase Paredão, da Tradição Borda Incisa, associada à TPI e construção de estruturas artificiais (montículos e valas defensivas), datada aproximadamente entre 750 d.C. 1250 d.C. (*op cit*);

4) uma ocupação mais recente e superficial (entre 0-40cm), relacionada à fase Guarita, da Tradição Polícroma da Amazônia e à presença de TPI, datada entre 800 d.C. e 1500 d.C. (*op cit*).

Dentro desse contexto, parece ocorrer certa continuidade entre ocupações da fase Açutuba e Paredão. Essa continuidade é corroborada no registro arqueológico pelo aumento da densidade demográfica com grandes assentamentos e aldeias circular, surgimento e aumento gradual da TPI e maior dispersão dos fragmentos cerâmicos; bem como a melhoria na tecnologia de produção cerâmica com uma queima mais controlada, uma pasta mais leve e seleção de matéria-prima, além da construção de estruturas artificiais como os montículos e as valas defensivas (LIMA 2008; NEVES 2008; NEVES, PETERSEN, et al., 2003; MORAES 2006). O estabelecimento de sítios da fase Guarita na região, ao redor do ano 1000 d.C., representa uma ruptura nas ocupações

anteriores com assentamentos menores e lineares ao barranco, remodelando o uso do espaço e utilizando a TPI para agricultura (REBELLATO, WOODS e NEVES, 2008); menor dispersão dos fragmentos cerâmicos dentro do sítio a diminuição na quantidade do material e uma indústria cerâmica com tecnologia e decorações diferenciadas (MACHADO 2005; NEVES 2008). A construção de valas e paliçadas aparentemente defensivas nos sítios Açutuba, Laginho e Lago Grande, esta datada ao redor do ano 1000 d.C., pode estar associada à chegada desses grupos polícromos na região (NEVES 2003; DONATTI, 2002).

Apesar de haverem suspeitas de alguns sítios cerâmicos, através de levantamentos superficiais, serem unicomponenciais (Lima 2003) todos escavados até o momento são multicomponenciais e com pelo menos duas ocupações distintas (MORAES 2006; DONATTI 2002; CHIRINOS, 2007). Mas na maioria dos casos apresentam as quatro fases cerâmicas (CASTRO 2009; LIMA 2008; MACHADO 2005; NEVES 2003).

É nesse contexto complexo de ocupações que esta dissertação se insere, para a contribuição de uma base de dados mais sólida quanto à cerâmica da TPA na região.

2.2.1 O sítio Hatahara

Figura 4: Localização do sítio Hatahara.

O sítio Hatahara (Anexo 8) é um dos sítios mais bem estudados pelo Projeto Amazônia Central desde 1999 e sofreu intervenções em 1999, 2001, 2002, 2006 e 2008. Ele se encontra em uma área de várzea alta, isenta de inundações e abrange uma área de 16 ha que foi utilizada para cultivo de banana, mamão e mandioca. Atualmente o seu terreno está sendo utilizado para o plantio de árvores para a fabricação de assoalhos.

O sítio já está mapeado, delimitado, escavado em amplas áreas e datado, possibilitando uma maior compreensão de suas ocupações. Ele possui 16 estruturas artificiais articuladas em forma semicircular, associados à fase Paredão. Tais estruturas foram construídas ao redor do século X d. C., seu material construtivo é constituído de fragmentos cerâmicos – selecionados previamente e articulados horizontalmente – e Terra Preta. Sua estratigrafia é invertida, uma vez que para a sua construção foi retirado o solo de outras áreas do sítio (MACHADO 2005; TAMANAHA, 2006; TAMANAHA e PY-DANIEL, 2009). Aparentemente sua função no sítio pode estar ligada a questões residenciais, apesar de, dos quatro montículos escavados, três apresentarem sepultamentos diretos primários e secundários (PY-DANIEL, 2009).

Há também duas ocupações anteriores à sua construção (Açutuba e Manacapuru) e uma posterior relacionada à fase Guarita. Dados obtidos através da análise do solo e material cerâmico das tradagens comprovam uma alteração no uso do espaço interno do sítio (REBELLATO 2007) (Anexo 9).

Foram escolhidas duas unidades localizadas no montículo I, próximo à margem do rio Solimões e escavadas em 2002, sendo que uma está localizada no topo do montículo (N1152 W1360) e outra na base do mesmo (N1157 W1360). Essas unidades foram selecionadas por seu material já ter sido estudado anteriormente com outros objetivos (MACHADO 2005; TRINDADE 2008), além de o contexto monticular ter passado pelo mesmo processo (FARIAS, 2006; REBELLATO 2007; PY-DANIEL 2009). O material cerâmico repassou por uma nova análise, já que em pesquisas anteriores os atributos e objetivos na definição de conjuntos cerâmicos respondiam a outras necessidades (MACHADO 2005). Dessa forma, poderemos obter um melhor refinamento das informações para

análises comparativas com outros sítios desta pesquisa. De um modo geral, podemos resumir a estratigrafia do montículo em cinco camadas (Anexo 10):

Camada I: latossolo amarelo arqueologicamente estéril, relacionado à Formação Alter do Chão;

Camada II: apresenta solo intensamente mesclado, provavelmente decorrente da percolação da terra preta antropogênica da camada superior. Está associado à primeira ocupação do sítio (fase Açutuba), pouco intensa devido à baixa densidade e menor grau de fragmentação dos vestígios.

Camada III: a segunda ocupação do sítio é mais intensa com aumento da extensão ocupada e densidade de vestígios cerâmicos, com utilização diferencial do espaço interno e formação da terra preta. Essa camada está fortemente associada às fases Manacapuru e Paredão, apesar dos seus limites serem tênues. Nos casos monticulares, está vinculada à presença de sepultamentos do período Paredão e, fora de montículos, a enterramentos em urnas Manacapuru.

Camada IV: corresponde a uma camada sobreposta e está presente apenas nos contextos monticulares. Possui fragmentos cerâmicos selecionados de acordo com o seu tamanho, extraídos de seu contexto de deposição primária (camada III), e recolocados de maneira articulada horizontalmente, com claros indícios de intencionalidade de construção, descartando uma possível lixeira.

Camada V: associada à última ocupação do sítio (fase Guarita) e alguns fragmentos da fase Paredão. É marcada por uma densidade média de fragmentos cerâmicos bastante fragmentados devido à utilização recente do terreno. Estende-se ao longo de toda a extensão do sítio. Assim como na camada III, é difícil identificar os limites entre a ocupação Paredão e Guarita, por essa última possuir em torno de 20cm de profundidade e em uma área bastante perturbada pela agricultura.

O material cerâmico está disperso no sítio em diferentes profundidades, de acordo com o uso do espaço interno, chegando, em áreas de montículos, a 250cm de profundidade. A maior dispersão do material está relacionada à fase Paredão e Manacapuru e em menor dispersão a fase Guarita (TAMANHA 2006; MACHADO 2005).

Figura 5 - Dispersão das fases Guarita, Paredão e Açutuba pelo sítio Hatahara.

A cronologia do sítio demonstra que ele foi ocupado desde 450 a.C. com a fase Açutuba até 1640 d.C. com a fase Guarita (MACHADO 2005; NEVES 2003, 2008; PY-DANIEL 2009). Como as etapas de escavação pretendiam compreender os montículos e os sepultamentos, pouca atenção foi dada à ocupação Guarita e a única data obtida para a sua ocupação é de 1470 d.C. até 1640 d.C.

Ao contrário dos demais sítios que serão apresentados, não serão expostos todos os detalhes referentes às ocupações e contexto arqueológico deste sítio. Para maior aprofundamento no assunto, recomenda-se a leitura dos trabalhos anteriores relacionados a esse sítio: tese de doutoramento de Helena Pinto Lima (2008); dissertações de mestrado de Juliana Salles Machado (2005), Lilian Rebellato (2007), Kelly Praça Nunes (2009) e Anne Rapp Py-Daniel (2009); relatórios de iniciação científica de Eduardo Kazuo Tamanaha (2006), Sarah de Paiva Farias (2006) e Thiago Berlanga Trindade (2009).

No entanto, vale ressaltar que a densidade de material da fase Guarita é mínima perto do montante de fragmentos associados à fase Paredão. No gráfico a seguir fica claro a relação de proporção que existe entre o total de fragmentos

coletados e a parcela que corresponde à fase Guarita na unidade N1152 W1360, como foi mostrada na figura 5, sua ocupação foi concentrada e pouco dispersa.

Gráfico 1 - Relação entre o total de fragmentos coletados e os associados à fase Guarita na unidade N1152 W1360 do sítio Hatahara.

2.2.2 O sítio Laguinho

Figura 6: Localização do sítio Laguinho

O sítio Laguinho (Anexo 11) sofreu três intervenções (2006, 2007 e 2009) e possui uma configuração paisagística semelhante a do sítio Hatahara: área de roça particular, próxima a um barranco isenta de inundações; terra preta profunda;

estruturas monticulares semicirculares associados aos grupos Paredão. O sítio possui quatro distintas ocupações. Laguinho possui 25 ha. de área, se encontra numa península circundada pelos igarapés do Peixe Boi e Laguinho, há somente um trecho que o conecta a área a terra firme.

A maior densidade de material cerâmico, bem como os montículos e a terra preta, se encontra na região da península. Mapeamentos topográficos e caminhamentos realizados em 2007 demonstraram que grande parte da paisagem natural foi modificada pelas ações humanas pré-históricas. Há um montículo cujo formato de ferradura pode indicar ocupações com padrão semicircular, e outro grande montículo cujas ramificações podem indicar rampas de acesso e caminhos dentro da aldeia. Há também pelo menos um montículo junto aos limites do barranco, além de setores aplainados (platôs) de alturas diferentes em várias partes do sítio e pelo menos três trilhas de acesso aos igarapés (NEVES 2008). Ao contrário do sítio Hatahara, os montículos desse sítio não apresentaram a presença de sepultamentos em sua base.

Essa área central, assim como no sítio Hatahara, possui um contexto complexo de ocupações, tornando os seus limites de ocupação e reocupação difusos. Em uma área fora do montículo houve escavações nas etapas de 2007 e 2009 que evidenciaram um conjunto de feições possivelmente associado a contextos de silos e fogueiras. Na área de escavação foram identificadas, em princípio, feições relacionadas às fases Açutuba, Manacapuru e Paredão, apesar desses contextos precisarem de análise paleobotânicas para melhor compreensão de seu uso (CASTRO, 2009)

O material cerâmico preponderante está relacionado à fase Paredão e, em segundo plano, a fase Guarita (Figura 7). As fases Manacapuru e Açutuba, aparentemente, estão restritas somente na área da península. Em 2009, pensando na dispersão horizontal do material, foram abertas unidades na parte norte-noroeste do sítio por não possuírem montículos, o que permitia uma melhor visualização estratigráfica e indicava um uso do espaço diferenciado da península.

Durante as escavações notou-se a predominância da cerâmica paredão da superfície até os 50 cm de profundidade, presença de fragmentos da fase Guarita

nos primeiros 0-10 cm, baixa densidade de material se compararmos com a área da península, uma TPI mais rasa (50cm), uma possível estrutura defensiva (paliçada) de aproximadamente 42m, lascas e instrumentos lascados de arenito em superfície.

Figura 7: Mapa da dispersão cerâmica das fases Guarita, Paredão e Açutuba.

Se analisarmos a geografia do sítio, podemos pensar em duas áreas distintas, tanto geograficamente como arqueologicamente: a península e a terra firme. A densidade de material, profundidade da terra preta e a presença ou ausência de montículos distinguem essas duas áreas como uso diferenciado. O conjunto de feições encontrado na parte norte do sítio, que segue por 42m no eixo norte-sul, está alinhado e posicionado nesse limite físico da península com a terra firme. Resta saber, primeiramente, se esse conjunto de feições é uma paliçada de fato para, posteriormente, datar e tentar correlacionar em que momento de ocupação ela teria sido construída. Análises antracológicas dos carvões obtidos nessas feições, aliadas a datações radiocarbônicas, nos levarão a entender melhor esses contextos. Independente do fato dessas estruturas se associarem à

ocupação Guarita ou Paredão, as etapas de escavações já demonstraram um aspecto diferencial com relação ao uso do espaço, por ambas as ocupações.

Devido à grande área pesquisada dentro da península, percebemos que a sua estratigrafia é complexa, não podendo ser padronizada como foi possível no sítio Hatahara. Dentro da área da península, podemos dividir em setores como: área monticular; área central fora de montículo e área periférica fora de montículo (CASTRO 2009). No entanto, o setor norte do sítio apresentou uma estratigrafia mais homogênea dividida em quatro camadas (Anexo 12):

Camada I: latossolo amarelo arqueologicamente estéril, argiloso, relacionado à Formação Alter do Chão.

Camada II: camada transitória entre o latossolo e o início da TPI. A baixa densidade de material cerâmico associado à fase Paredão, provavelmente, é resultado das percolações e bioturbações da camada superior que adentram nessa camada. Em algumas unidades ela está ausente.

Camada III: Camada arqueológica com TPI e maior densidade de fragmentos cerâmicos associados à fase Paredão e carvão. Há também a presença de bioturbações e o início de feições arqueológicas.

Camada IV: Camada húmica, superficial, com cobertura vegetal rasteira. Em algumas unidades ela estava ausente por conta da grande movimentação agrícola na área.

Foram considerados para esse trabalho os 12 m² escavados na etapa de 2009 (anexo 12), todos na porção norte do sítio e com um pacote arqueológico que se estende desde a superfície até os 60 cm de profundidade.

O sítio possui quatro datas por AMS, mostrando que foi ocupado entre 590 d.C. e 1030 d.C., para os grupos associados à fase Paredão, e uma ocupação da fase Guarita datada entre 1280 d.C. e 1410 d.C., sendo que esta última data foi adquirida através do antiplástico (caraipé) presente em um fragmento da cerâmica Guarita (CASTRO 2009).

Dispersão do material cerâmico

De um modo geral, o pacote arqueológico das unidades apresentou uma grande quantidade de material entre os níveis 10-20 cm de profundidade, diminuindo a partir dos 20-30 cm e finalizando em 60 cm, conforme o gráfico a seguir.

Gráfico 2 e 3 – Índice de quantidade e peso dos fragmentos por nível/unidade.

Ao contrário da área peninsular do sítio, onde há grandes fragmentos cerâmicos, a porção norte apresentou um alto índice de fragmentação do material.

Possivelmente, como antes sugerido, essa área teve um uso diferenciado dentro do espaço ocupado, isso é evidenciado pelo próprio contexto arqueológico: baixa densidade de fragmentos; terra preta pouca profunda, ausência de montículos e a existência de uma possível paliçada (CASTRO 2009).

Gráfico 4 - Índice de densidade cerâmica no sítio Laguinho.

No índice de densidade fica mais evidente que a camada de ocupação desse setor norte do sítio ocorreu de forma superficial e pouco profunda, mas bastante dispersa horizontalmente, conforme representado na figura 7.

Em relação à dispersão do material da fase Guarita, este é encontrado desde a superfície até os 20 cm de profundidade, totalizando em 224 fragmentos diagnósticos de um montante de 6888 fragmentos. As maiores concentrações estão nas unidades N1381 E705, N1381 E706, N1381 E707 e N1383 E707.

Gráfico 5 - Dispersão da fase Guarita no sítio Laguinho por nível estratigráfico

2.3 Os sítios do médio rio Solimões

Os cinco sítios estudados nessa área compreendem a região do município de Coari, localizado a 360km da capital Manaus (em linha reta). Essa região de Coari, como já foi dito anteriormente (ver item. 1.1), foi pouco explorada arqueologicamente nos anos de 1960 pelos pesquisadores ligados ao PRONAPA, mas os seus registros já demonstravam que a área possuía um grande potencial arqueológico ligado, em sua maioria, as ocupações polícromas e em menor escala à Tradição Borda Incisa que Hilbert nomeia como Caiambé (HILBERT 1968). Meggers associa essa ocupação como fruto de migrações andinas relacionadas à fase Napo, no Equador (MEGGERS e EVANS 1968), enquanto Hilbert (1968) e Hanke (1959) focam suas escavações dentro do município de Coari e identificam uma ocupação da fase Guarita datada ao redor de 1150±47 d.C. e 763±48 d.C. Somente no final da década de 1990 que os trabalhos seriam retomados na região por conta das necessidades da arqueologia de contrato ligada ao Poliduto Urucu-Coari (CALDARELLI 1998), empreendimento da Petrobrás, mas sem um aprofundamento em pesquisa acadêmica. Um dos sítios que serão apresentados a seguir (sítio Nova Esperança), já havia sido trabalhado durante uma pesquisa de doutorado por conta de uma ocupação anterior à fase Guarita (LIMA 2008).

Os sítios aqui trabalhados são fruto do GASCOMA (*Projeto de Levantamento e Resgate nas Áreas de Impacto das Obras do Gasoduto Coari-Manaus*), obra realizada entre os anos de 2005 e 2008 como expansão do Polioduto Urucu-Coari, e do projeto PIATAM em 2007, ambos vinculados à empresa Petrobrás. Ao todo foram selecionados cinco sítios arqueológicos de acordo com as suas especificações de localização (rios de água preta ou branca), densidade de material arqueológico relacionado à fase Guarita e possível contexto unicomponencial de ocupação.

Como podemos ver no anexo 7, os sítios Santa Fé e Nova Esperança estão localizados em um igarapé de águas escuras que se conectam ao Lago de Coari. O sítio São Paulo II e Lauro Sodré se encontram em uma área de várzea alta na margem esquerda do rio Solimões e o sítio Santa Cruz se localiza há aproximadamente 5,21km da margem do rio Solimões, próximo a um igarapé afluente de águas escuras.

A seguir, serão feitas as descrições dos trabalhos de campo realizados em cada um desses sítios.

2.3.1 Sítio Santa Fé

O sítio arqueológico Santa Fé (Anexo 14) situa-se na margem esquerda do rio Urucu, em área de várzea alta e rodeada por mais dois igarapés a leste e oeste do sítio, formando uma área mais aplainada de 800m no eixo leste-oeste e 400m no eixo norte-sul.

A cobertura vegetal é composta por floresta de terra firme e capoeira antiga (com mais de 30 anos). Trata-se de um sítio com média densidade de material, com dimensões estimadas em 350x150m, unicomponencial associado à TPA (fase Guarita). A profundidade do depósito arqueológico chega até 40 cm. Caracteriza-se por pequenas áreas de concentração de vestígios com solo orgânico intermediado por espaços com ausência total de materiais arqueológicos, compostos por uma matriz argilosa de coloração vermelha, arqueologicamente

estéril (Formação Içá). Através de carvões obtidos durante a escavação (beta 242454), indicando que o sítio foi ocupado entre 770 d.C. e 850 d.C.

Todos os vestígios presentes na superfície do terreno ocorrem em função do impacto das obras de abertura e terraplenagem da clareira e acessos. Os vestígios foram sinalizados e fotografados, mas não coletados.

As tradagens indicaram três áreas de concentração de material ao longo do eixo do rio, com maior densidade na porção leste do sítio. Cinco unidades de 1m² foram escavadas, alocadas nas áreas de concentração identificadas nas tradagens, bem como em pontos intermediários.

Unidade N967 E973

Localizada numa área plana, logo acima da vertente, a 6m do acesso da clareira. O local foi escolhido devido à ocorrência de vestígios em superfície (área impactada pelo acesso), e pela topografia plana. Embora já esperássemos baixa densidade de vestígios, a unidade foi totalmente estéril em todos os níveis, foi escavada até 40 cm de profundidade (Anexo 15).

Unidade N1068 E1075

Localizada na área central de uma concentração de material arqueológico com aproximadamente 20m de raio. O solo aqui difere do restante da clareira, apresentando uma camada orgânica mais espessa, e uma matriz argilosa menos compacta. A presença de vestígios se limitou à camada orgânica, com maior concentração entre os níveis 0-10 e 10-20 cm. Embora a camada arqueológica tivesse no máximo 40 cm de profundidade, a unidade foi escavada até 100 cm de profundidade (Anexo 16).

Unidade N1076 E998

Localizada numa área de concentração de material próximo ao vértice NE da clareira. O padrão desta área é diferente das demais unidades escavadas no sítio, apresentando ausência total de vestígios até os 20 cm de profundidade, e um pacote arqueológico entre os 20 e 40 cm, diminuindo gradativamente até os

110 cm. A unidade foi escavada até 110cm devido à presença de uma mancha escura (F. 1) na parede sul (Anexo 17).

Unidade N1071 E1178

Localizada a leste da clareira, a unidade possui um pacote arqueológico que vai desde a superfície até o 70 cm de profundidade, sendo que foi escavado até 100 cm. A partir dos 30 cm, a densidade de vestígios diminui drasticamente, voltando a aumentar aos 50cm e diminuindo novamente aos 70 cm e atingindo o estéril, formando dois pacotes distintos de ocupação (Anexo 18).

Unidade N1004 E869

Localizada a oeste da clareira, esta unidade apresentou baixíssima densidade de vestígios, apenas entre 20 e 40 cm de profundidade. Escavada até 90 cm, com cinco níveis estéreis (Anexo 19).

Dispersão do material cerâmico

A triagem do sítio Santa Fé demonstrou que boa parte da sua camada arqueológica está enterrada entre os níveis 20-40 cm de profundidade, possuindo pequenas variações de acordo com a região do sítio (gráficos 7 e 8). A maior densidade (gráfico 6) está concentrada na região centro e leste do sítio (unidades N1076 E998, N1068 E1075 e N1071 E1178), e a parte oeste (N1004 E869) com menor concentração e ausência de um solo antrópico.

Na unidade N1076 E998 vemos que há ausência de material cerâmico até os 20 cm, aumentando entre os 20-40 cm e, a partir desse nível, há uma diminuição abrupta na quantidade e peso dos fragmentos. Possivelmente isso pode estar relacionado há uma inversão estratigráfica por conta da F.1, que pode ter sido escavada para um buraco de poste, retirando as camadas estéreis profundas e colocando-as em superfície, preservando o contexto de maiores fragmentações.

Na unidade N1071 E1178 podemos observar duas concentrações diferenciadas, sendo uma com o pico em 30-40 cm e outra no 50-60 cm,

encerrando abruptamente. Possivelmente, trata-se de dois momentos distintos de ocupação associada à fase Guarita, sendo uma vinculada à terra preta e outra sem essa camada antrópica. A datação desse sítio é referente a essa unidade e seu carvão foi retirado do primeiro momento de ocupação.

Gráfico 6 - Densidade do material cerâmico no sítio Santa Fé.

Gráfico 7 e 8 - índices de quantidade e peso por nível estratigráfico

Na relação entre peso e quantidade, vemos que o tipo de material encontrado é espesso e pouco fragmentado. Parte da grande proporção de peso deve-se à quantidade de bolotas de argila queimada encontradas nas unidades, o que pode indicar uma área utilizada para fabricação dessas vasilhas no próprio sítio.

2.3.2 Sítio Nova Esperança

Um resgate preliminar já havia sido feito nesta clareira, por ocasião do levantamento arqueológico do Poliduto Urucu-Coari (CALDARELLI 1998). No entanto, a ocorrência de ossos e fragmentos cerâmicos aflorando na superfície do sítio, bem como o fato de que o local seria novamente utilizado como clareira pela Petrobrás, justificou a realização de um novo resgate ocorrido em 2005.

O sítio Nova Esperança (Anexo 20) se situa numa área de terra firme, a 50m da margem esquerda no rio Urucu. O material arqueológico está disperso nos topos planos e nas vertentes do terreno. Trata-se de um sítio multicomponencial de grandes dimensões (cerca de 300 x 100 m de área). A profundidade da terra preta chega até 120 cm.

O sítio foi inicialmente identificado em 1996, durante as prospecções realizadas para o EIA do Poliduto Urucu-Coari, e re-visitado em 1997, no âmbito do resgate arqueológico do mesmo empreendimento (*op cit*). Nesta ocasião, o sítio já estava impactado pelas obras. Os trabalhos de campo se restringiram à coleta de superfície de 37 fragmentos cerâmicos.

No momento do resgate a área mais destruída do sítio era a clareira, com 100x40m, e o canal de drenagem da obra, com 188x3m, cortando o sítio em seu maior eixo, no sentido Leste-Oeste. Nesses locais, centenas de fragmentos cerâmicos ficaram expostas na superfície do terreno.

Embora ocorram materiais arqueológicos em superfície, a delimitação do sítio exigiu que se levasse em conta também a presença de vestígios e de terra preta em sub-superfície. Esta etapa foi feita através de tradagens espaçadas em 25m, alocadas em três linhas principais: N1000, N1075 e E1075.

Foi verificado que a ocupação mais recente do sítio é representada por cerâmicas da Tradição Polícroma da Amazônia, que afloram por toda a superfície, bem como nas camadas estratigráficas mais superficiais. Quantitativamente é o conjunto mais representativo. Já o período de ocupação mais antigo, cujos vestígios ocupam níveis profundos, está relacionado à Tradição Borda Incisa.

Foi observado também que a distribuição horizontal dos vestígios apresenta um padrão interessante, com áreas de concentração intermediadas por espaços com ausência total de material. Essas concentrações ocorrem em diferentes pontos, enquanto que as tradagens realizadas na área central do sítio não apresentaram vestígios. Ao todo foram escavadas cinco unidades de 1m².

Unidade N994 E1070

Escavada ao lado de uma residência familiar, os níveis superficiais apresentaram cerâmicas arqueológicas e terra preta associada a materiais recentes, como cacos de vidro, ferro, etc, confirmando tratar-se de uma lixeira recente sobre o sítio arqueológico. O pacote cultural chega até a 60 cm de profundidade, mas a unidade escavada, até 120 cm, com cinco níveis arqueologicamente estéreis (Anexo 21).

Unidade N1000 E801

Localizada a oeste da clareira, essa unidade apresentou dois pacotes distintos de material, o primeiro que vai desde os níveis superficiais até o nível 80-90cm com baixa densidade de vestígios e o segundo, a partir de então, com considerável aumento até os 110 cm.

Foi escavada até 130 cm, com dois níveis estéreis. Esta configuração é bastante interessante, já que neste caso o pacote cultural mostrou-se bastante profundo e não associado à terra preta, indicando uma ocupação possivelmente mais antiga do que aquela superficial do restante do sítio arqueológico. De fato, as cerâmicas coletadas nesta unidade apresentam características tecnológicas que remetem aos estilos mais remotos encontrados na região, tais como incisões paralelas em linhas finas, engobo vermelho e o tempero, em geral, é o cauixi.

Pode-se observar que apesar de não se tratar de uma terra preta *strictu sensu*, aparecem dois pacotes orgânicos associados a uma maior densidade de vestígios (Anexo 22).

Unidade N1037 E1051

Localizada na área central do sítio, numa área de capoeira atrás da casa dos moradores. Apresentou maior densidade de vestígios entre 40 e 70 cm de profundidade. No nível 60-70 cm foi coletado um recipiente cerâmico de pequenas dimensões parcialmente fragmentado *in situ*. A quadra foi escavada até 120 cm, com dois níveis totalmente estéreis (Anexo 23).

Unidade N1045 E1158

Localizada no limite leste do canal de drenagem, numa área com grande quantidade de material exumado pela abertura do mesmo. Foi esta a área de escavação que apresentou maior densidade de vestígios. Escavada até 110 cm, com dois níveis estéreis. A densidade de vestígios teve seu pico entre 40 e 60 cm. A partir dos 60 cm, a quantidade reduz até findar-se aos 90 cm (Anexo 24).

Unidade N1052 E1000

Localizada junto ao vértice NE da clareira, próxima a uma tradagem que forneceu material arqueológico até 120 cm de profundidade. A quadra foi escavada até 2,5m devido à presença de uma bioturbação profunda, que transportou material para até 2,30m. O restante da quadra atingiu o latossolo amarelo a 1m de profundidade (Anexo 25).

Cronologia da ocupação

Como se pôde ver através das unidades escavadas em Nova Esperança ocorrem pelo menos dois níveis distintos de ocupação. O mais recente apresenta afloramentos cerâmicos abundantes em superfície, sempre associados às terras pretas. As cerâmicas têm características tipicamente relacionadas à TPA, tais como pinturas (vermelha e preta sobre engobo branco), bordas com lábio reforçado e flanges mesiais com decoração acanalada. Para esta ocupação

superficial e recente, há uma data do período colonial, situada já século XVII d.C., obtida no âmbito dos resgates arqueológicos do Poliduto Urucu-Coari (CALDARELLI 1998).

Outras datas foram obtidas durante o Gasoduto Coari-Manaus através de carvões coletados junto aos dois picos de ocupação, registrados na sequência estratigráfica da unidade. No primeiro pico (BETA 242447) foi observada a presença da cerâmica da fase Guarita e no segundo momento (BETA 242448), as amostras de cerâmica, embora reduzidas, demonstraram claras afinidades com conjuntos da Tradição Borda Incisa. As datas obtidas demonstram, respectivamente, a fase Guarita e Tradição Borda Incisa, como os dois momentos de ocupação do sítio.

Número do Lab.	Quadra	Nível	Data	Fonte
BETA 124236	E 80	20-30 cm	1670 d.C.	Caldarelli 1998
BETA 124940	N160	70-80 cm	100 d.C.	Caldarelli 1998
BETA 124235	N160	110-120 cm	1965 a.C.	Caldarelli 1998
BETA 242447	N1000 E801	30-40 cm	1050 – 1090 d.C.	Lima 2008
BETA 242448	N1000 E801	80-90 cm	800 -780 d. C	Lima 2008

Tabela 1: Datas obtidas para o sítio Nova Esperança.

Dispersão do material cerâmico

O sítio Nova Esperança possui duas ocupações distintas e com limites bem demarcados, tanto na estratigrafia como na quantidade de material identificado na estratigrafia. Em um primeiro momento, nos níveis mais profundos (a partir dos 50 cm) e não associado à terra preta, está a ocupação relacionada à Tradição Borda Incisa (LIMA 2008). A segunda ocupação, mais superficial (0-40 cm), corresponde à fase Guarita (CALDARELLI 1998; LIMA 2008) (gráficos 9 e 10).

Gráfico 9 e 10 - relação de quantidade e peso por nível estratigráfico.

Gráfico 11 - Densidade do material cerâmico no sítio Nova Esperança.

Quanto à dispersão do material, vemos que a ocupação da fase Guarita é muito mais extensa do que a Borda Incisa, tendo a ocupação mais superficial de aproximadamente 3,6ha e 1,2ha a mais profunda (fig. 8). As unidades mostraram que a concentração é diferenciada, sendo que a primeira ocupação possui uma maior concentração de material cerâmico, proporcionalmente, inversa à segunda ocupação, sendo a ocupação mais antiga na parte centro-oeste do sítio e a mais recente na centro-leste.

Figura 8: Dispersão do material polícromo e borda-inciso no sítio Nova Esperança.

Gráfico 12 - Dispersão no sentido horizontal do material policromo no sítio Nova Esperança

Gráfico 13 - Dispersão no sentido horizontal do material inciso no sítio Nova Esperança

Esse sítio demonstra um caso diferenciado da Amazônia central, onde temos ocupações da borda incisa muito mais extensas que a ocupação da fase Guarita. Porém, esse material mais antigo não mostra indicativos de grande densidade populacional com modificações paisagísticas, como vemos na fase Paredão. É possível que ele esteja mais próximo de padrões de assentamento como da fase Açutuba (LIMA 2008).

2.3.3 Sítio São Paulo II

O sítio São Paulo (Anexo 26) está situado na margem esquerda do rio Solimões no município de Coari/AM. O terreno é relativamente plano, coberto na sua maior parte por uma densa vegetação de capoeira. Em algumas áreas é possível perceber as leiras de um antigo roçado.

Trata-se de um sítio unicomponencial, com materiais cerâmicos associados à fase Guarita. O pacote arqueológico tem uma espessura média de 40 cm, mas com variações significativas em termos de densidade, coloração e profundidade. A matriz não antrópica do terreno tem textura muito argilosa e coloração vermelho-alaranjado, característica da formação Içá.

Pode-se dizer que o sítio é delimitado naturalmente, sendo o limite Oeste o rio Solimões, e os outros três formados pelo leito de igarapés sazonalmente alagáveis. Ele ocupa, portanto, todo um topo aplainado e as vertentes das drenagens. As tradagens mostraram que os vestígios estão dispersos de maneira irregular ao longo do sítio, que é caracterizado por pequenas áreas de concentração, bem definidas. Essas áreas, com terra preta mais escura e profunda, chegando até 40 cm, são também as áreas com maior concentração de material cerâmico, incluindo centenas de fragmentos e vasos inteiros. Estes podem ter maior ou menor densidade e tamanho.

A delimitação da área de ocorrência de vestígios arqueológicos foi feita através de uma série de tradagens espaçadas em 25m, distribuídas em três linhas nos eixos Leste-Oeste e Norte-Sul da malha estabelecida para o sítio, além de uma linha ao longo do local que seria impactado pela obra. As áreas foram selecionadas para a abertura de escavações de acordo com as diferentes concentrações de vestígios presentes no sítio, indicadas pelas tradagens. Ao todo foram abertas oito unidades de 1m², sendo três de 2m x 1m e duas de 1m x 1m.

Unidade N927-28 E1086

Unidade com 2x1m, marcada em local com um pacote profundo de terra preta e alta densidade de cerâmicas indicadas pelas tradagens anteriormente

realizadas. De fato, o solo argilo-arenoso apresentou uma enorme quantidade de carvões, em especial nos níveis com terra preta, e houve grande quantidade de cerâmica e lítico coletado.

Esta é uma das áreas do sítio com contexto melhor preservado, atestado pelas vasilhas parcialmente fragmentadas *in situ* e pelas feições ali escavadas, entre 30 e 60 cm de profundidade. As vasilhas, decoradas com flanges mesiais e motivos acanalados, encontravam-se depositadas uma sobre a outra, dentro de uma estrutura escavada com vestígios de combustão (carvões, cinzas e solo queimado). Para que se pudesse efetuar a retirada dos vasilhames, foi necessária a ampliação da área de escavação em mais 0,5 m². Outras manchas, com formato circular e preenchimento de terra preta e carvões, foram evidenciadas como possíveis negativos de estacas.

Coletadas as vasilhas e o solo que as envolvia, a escavação logo atingiu o latossolo avermelhado e arqueologicamente estéril, o que reforça a hipótese de estarmos mesmo lidando com estruturas escavadas. A escavação foi finalizada aos 90 cm de profundidade em função das manchas anteriormente descritas (Anexo 27).

Unidade N950 E1124-25

Unidade com 2x1m, localizada no topo do terreno, em sua parte mais plana. Esta é, sem dúvida, uma das áreas arqueologicamente mais densas e profundas do sítio. O contexto de ocupação parece bem preservado, caracterizado por alinhamento de cerâmicas e lentes de argila queimada. Foram recolhidos muitas bordas e fragmentos de vasilhas decoradas, o que permitiu uma boa caracterização da variabilidade da indústria cerâmica do sítio.

Durante a escavação observou-se também uma mancha circular composta por solo pouco compactado (Feição 1), que foi interpretado como um buraco de esteio. Também as lentes de argila vêm a compor a hipótese de tratar-se de uma área de habitação dentro do sítio.

A escavação findou-se aos 90 cm de profundidade, com maior concentração cerâmica da superfície aos 30 cm de profundidade (Anexo 28).

Unidade N950 E1178

Esta unidade de 1m² também foi marcada no topo do terreno, mas não foi muito profunda, tampouco apresentou uma terra preta escura, tal como nas unidades anteriormente descrita. Apesar disso, o pacote arqueológico é bem definido, através da presença de carvões num solo mais orgânico do que a matriz natural do terreno, e da presença de cerâmicas entre 15 e 30 cm de profundidade. Junto ao nível com maior densidade de vestígios, escavou-se um prato inteiro, decorado na borda, com aproximadamente 20 cm de diâmetro. A partir deste nível, aos 30 cm, a densidade de materiais diminui abruptamente, findando, assim, a camada arqueológica. A escavação foi finalizada aos 50 cm de profundidade (Anexo 29).

Figura 9: Vasilha retirada durante as escavações. Desenho: Val Moraes.

Unidade N940-41 E122

Unidade demarcada no acesso entre a clareira 18 e a faixa do gasoduto. Embora as tradagens anteriormente realizadas no local tivessem indicado baixa densidade de vestígios e um solo argilo-arenoso de cor marrom-amarelado (sem

terra preta), elas revelaram a ocorrência fragmentos em níveis profundos, até 60 cm. Também nesta área havia uma enorme voçoroca com centenas de fragmentos, muitos deles decorados, aflorando na superfície erodida. Essas foram as razões pelas quais decidimos escavar uma área de 2x1m.

Em todos os níveis escavados, essa unidade apresentou uma grande quantidade de bioturbações, caracterizados por manchas com diferentes formatos e compostos por solo mais escuro. É provável que as cerâmicas coletadas em níveis profundos estejam ligadas a este fenômeno tafonômico. A maior concentração cerâmica está localizada entre os níveis 10-30 cm de profundidade. A escavação foi finalizada aos 70 cm, quando atingiu a camada arqueologicamente estéril (Anexo 30).

Unidade N867 E1275

Unidade escavada no acesso entre a nova clareira 18 e a faixa do gasoduto. Dista 80m para Sul de N940-41 E1222. Não ocorreu terra preta, o que era esperado em função das tradagens realizadas no local. Também a densidade de material cerâmico e lítico foi muito baixa, atingindo o solo estéril no nível 20-30 cm, razão pela qual paramos a escavação aos 40 cm de profundidade (Anexo 31).

Dispersão do material cerâmico

O sítio São Paulo II apresentou uma grande quantidade de fragmentos em uma área de 5 ha., com maior concentração cerâmica na parte central e sudoeste do sítio na N941 E1222 e N950 E1124-25 (figura 9). Através das unidades escavadas, vemos que a maior quantidade de fragmentos está na parte oeste do sítio, mais próxima da confluência do igarapé com o rio Solimões (gráfico 14).

Gráfico 14 - Índice de quantidade de fragmentos por unidade/nível

Figura 10 - Mapa com a dispersão do material no sítio São Paulo II

Com relação ao peso, vemos que as unidades N950 E1178 e N927 E1086 apresentaram um menor grau de fragmentação e o N928 E1086 um maior grau de fragmentação. Nas unidades N927-28 E1086 foi o local que apresentou um

contexto com a presença de duas vasilhas inteiras, o que explicaria o valor mais elevado no gráfico 10-11 nos níveis 40-60cm.

Gráfico 15 - Índice de peso de fragmentos por unidade/nível

Em relação às camadas arqueológicas, elas estão associadas à presença de terra preta e sua concentração de material cerâmico está entre os níveis 10-30 cm de profundidade, conforme podemos averiguar também no gráfico abaixo de densidade.

Gráfico 16 - Densidade de material cerâmico no sítio São Paulo II

2.3.4 Sítio Santa Cruz

O sítio arqueológico (Anexo 32) localiza-se a cerca de 5,2 km da margem esquerda do rio Solimões, no município de Coari-AM. Seu acesso se dá por um igarapé de águas escuras, chamado igarapé do Curutaí.

O sítio possui cerca de 1 km de dimensão máxima. No entanto, os trabalhos de pesquisa se concentraram na área diretamente afetada pelas obras da Petrobrás. Foram documentadas ocorrências de vestígios arqueológicos em uma extensão de 230 metros da faixa do gasoduto. Para a devida delimitação do sítio foi planejada e demarcada uma malha de pontos de tradagem para um levantamento sistemático dos achados. Dessa forma, a malha de sondagens abrangeu 163 pontos na área diretamente afetada e em suas imediações.

A terra preta antropogênica apareceu em quase todas as tradagens, na forma de um pacote que se iniciava na superfície e chegava a 40 ou 60 cm de profundidade. Houve ocorrência de fragmentos cerâmicos em 70 das 162 tradagens realizadas, ultrapassando 43% da amostra.

Depois de processados os dados obtidos com as tradagens, foram realizados às escavações de unidades de 1m². Ao todo foram abertas sete unidades dentro da área que será impactada.

Unidade N1996-7 E2050

A N1997 E2050 foi escavada inicialmente em função de ali terem sido encontrados 84 fragmentos cerâmicos, a maior quantidade de todas as tradagens. A cerâmica se concentra na faixa compreendida entre as cotas de 10 e 30 cm de profundidade, essa concentração foi registrada no desenho da parede sul da N1997 E2050, parede que foi destruída posteriormente pela escavação da N1996 E2050, que ofereceu informações qualitativa e quantitativamente semelhantes. Foram identificados flanges mesiais, fragmentos de paredes com acanalados, bordas extrovertidas com lábios reforçados externamente, bordas diretas com lábio biselado, e fragmentos de base de assador.

As bordas remetem a vasilhames de forma aberta, como alguidares e vasilhames de forma fechada com gargalo. Um calibrador de arenito foi encontrado nessa escavação.

As unidades foram escavadas até os 50 cm de profundidade, sendo que a maior concentração de cerâmica se dá aos 10-20cm na N1996 E2050 e no 20-30cm na N1997 E2050. O sedimento inicia como argilo-arenoso até os 22 cm de profundidade, mudando para uma textura mais argilosa (Anexo 33).

Unidade N2005 E2031

Esta unidade foi locada junto à tradagem N2005-E2030, que apresentou 42 fragmentos cerâmicos entre os 10 e 40 cm de profundidade, além de uma boa quantidade de carvões. A unidade apresentou o maior número de fragmentos e bordas com decoração plástica e pintada. Uma estrutura arqueológica composta por carvões, fragmentos de vasilhas com decoração pintada e um pequeno vasilhame com decoração plástica foram registrados no nível 20-30 cm. O vasilhame estava parcialmente inteiro, contudo durante a retirada cedeu e se fragmentou. O vasilhame foi coletado e embalado separadamente com parte do sedimento original preservado em seu fundo.

Durante a escavação do nível 50-60 cm foram registradas duas manchas circulares, preenchidas com sedimento de cor escura. A maior das manchas ficou registrada na parede leste, o Anexo 34 demonstra como a feição atravessa as camadas I, II e III.

Esta feição foi interpretada como sendo um negativo de poste enterrado para sustentar a estrutura de uma habitação. Os fragmentos cerâmicos presentes na feição e, via de regra, na posição vertical, podem decorrer de um evento pós-deposicional, de preenchimento da cova deixada pelo apodrecimento do tronco, ou foram colocados para calçá-lo.

A unidade apresentou grande quantidade de material cerâmico, sendo a maior incidência entre os 10-40 cm de profundidade, diminuindo gradativamente até os 100 cm. A unidade foi finalizada aos 110 cm.

Unidade N2005 E2036

Foi escavada em local próximo à N2005 E2031, apresentando pouca quantidade de vestígios. Como nas outras unidades, apresentou a maior parte dos fragmentos cerâmicos na faixa compreendida entre os 10 e 30 cm de profundidade. Não houve ocorrências significativas de fragmentos diagnósticos, como àqueles com decoração plástica ou pintada, seja em bordas ou paredes. A unidade foi escavada até o 70 cm de profundidade para a total exposição da camada I.

Unidade N2001 E2080

Havia uma lente de areia fina na superfície desta unidade. Como pode ser visto no anexo 35, que retrata a parede E, a camada III é menos escura e seu contato com a camada IV possui menor quantidade de fragmentos cerâmicos, se comparado com as paredes das outras unidades.

Juntamente com N1951 E2080 essa foi a unidade que apresentou as camadas arqueológicas de tom mais amarelado, além de pouca quantidade de carvões ou fragmentos de cerâmica. Ela foi escavada até os 60 cm de profundidade, concentrando maior parte do material dos 10 aos 30 cm de profundidade, associado a uma terra preta e carvões.

Unidade N1951 E2080

Esta quadra foi locada em razão de ter sido encontrado um “*pão de índio*” junto ao ponto de tradagem N1950 E2080, como demonstrado na figura abaixo.

Até os 20 cm de profundidade a densidade cerâmica registrada, foi baixa, com material bastante erodido e de fina espessura, oscilando entre 5 e 8 mm. Entre o material coletado foram identificados alguns fragmentos de borda extrovertida, elemento que, associado a outras relevantes como decorações plásticas e forma do vasilhame podem ser associadas à Tradição Polícroma da Amazônia.

A despeito da pouca quantidade, houve contínuas ocorrências de fragmentos cerâmicos até os 40 cm de profundidade. A base do “*pão de índio*” foi atingida no nível 20-30 cm, aparentemente alguns fragmentos cerâmicos

“calçavam” o artefato orgânico em sua base. Esta “estrutura” arqueológica também pode ter sido gerada pela escavação de uma cova para deposição do “*pão de índio*” em uma época posterior à formação das Camadas III e IV.

Afastada do ponto culminante e da zona plana do sítio, esta unidade apresentou a menor quantidade de vestígios arqueológicos, especialmente as camadas arqueológicas possuíam uma tonalidade bem mais clara e uma textura mais argilosa que suas equivalentes das outras unidades (Anexo 36).

Unidade N2007 E2001

Esta unidade foi delimitada no ponto culminante da área do sítio arqueológico, em um local com uma declividade muito suave. Na superfície foi encontrado uma borda extrovertida com lábio reforçado, elemento também característico da Tradição Polícroma da Amazônia.

O sedimento mais escuro foi registrado entre os 20 e 30 cm de profundidade, nível que apresentou grande quantidade de carvões e fragmentos cerâmicos. Entre os 30 e 40 cm de profundidade, apareceram carvões e fragmentos de bordas e bases de vasilhames associados a feições de sedimento escuro. A partir da profundidade de 60 cm essa feição fica mais definida apresentando formato circular, composta por terra preta e carvões.

A unidade foi escavada até os 90 cm de profundidade para a total exposição da feição na parede oeste. No desenho desta parede vê-se que a feição possui a forma de ponta, forma que pode ser decorrente de um buraco de tronco, chanfrado em sua extremidade, que atravessa as camadas III, II e I, tendo sido posteriormente queimado, ou seria uma estrutura de combustão perturbada pela atividade de animais ou raízes vegetais, que ‘empurrando’ o sedimento da camada II para extratos inferiores desembocaria na forma afunilada da feição.

Além dessa estrutura, a escavação de N2007 E2001 evidenciou duas concentrações cerâmicas, em princípio isoladas. Tais concentrações possuíam fragmentos de tamanho considerável (com aproximadamente 11 cm de comprimento), dispostos horizontalmente. Dada a estrutura de combustão na parede ao lado (perfil W), essas estruturas podem ser interpretadas como remanescentes dessa combustão, ainda que não apresentem grande quantidade

de carvões associadas, contudo é necessário também considerar a intervenção de raízes e bioturbações nessa unidade (Anexo 37).

Dispersão do material cerâmico

O sítio Santa Cruz possui uma grande quantidade de fragmentos e está disperso em toda área plana de 1,9ha, sendo delimitado naturalmente pela declive acentuado e a presença de áreas alagáveis no entorno. Sua concentração maior está na parte oeste e sul, entre as linhas N2005 E2000 e N1970 E2080, correspondendo à amostragem das unidades N1997 E2050, N2007 E2001 e N2005 E2031. Quanto ao grau de fragmentação, não há grandes variações sendo correlacionado diretamente pela quantidade de material.

Gráfico 17 - Índice da quantidade de fragmentos por unidade/nível

Gráfico 18 - Índice de peso por unidade/nível

Em relação à concentração de material nas camadas arqueológicas, observa-se que o pacote arqueológico está entre 10-40 cm de profundidade, com maior concentração no nível 20-30cm, associada à presença de terra preta. Somente no caso da unidade N2005 E2031 que há um índice maior de fragmentos nos níveis 50-80 cm de profundidade, por conta do material da F. 1, que pode ter sido carregado naturalmente ou colocado como calço de um poste.

Gráfico 19 - Densidade de material cerâmico no sítio Santa Cruz

2.3.5 Sítio Lauro Sodré

Esse sítio possui um foco diferenciado dos demais sítios estudados nesta dissertação, portanto não serão apresentados dados relacionados à quantificação de fragmentos ou densidade de material. A sua maior contribuição para essa pesquisa não é o contexto arqueológico em si, mas sim o grau de preservação do material cerâmico, que conta com diversas vasilhas parcialmente inteiras coletadas pelos moradores do local. A análise dessas vasilhas nos permitirá ter uma melhor noção quanto à produção e variabilidade cerâmica.

O Lauro Sodré, localizado na comunidade homônima, está na margem esquerda do rio Solimões, próximo ao Paraná do Nazário e se encontra na divisa dos municípios de Coari e Codajás (Anexo 7). O trabalho foi realizado em 2007 e foi o resultado de uma parceria entre os pesquisadores do PAC, PIATAM e IPHAN, oferecendo uma oficina de arqueologia de campo para funcionários de todas as superintendências do IPHAN.

O local está em uma área de várzea alta e sofre inundações somente quando há grandes variações nos níveis das águas. Isso tornou a região um potencial de estudo, uma vez que é o único sítio a possuir uma grande quantidade de potes inteiros ou com 50% de integridade. Possui em torno de 3,75ha (anexo 38) em um terreno que vem sendo pouco utilizado para plantio, possuindo algumas árvores frutíferas, como a do cacau (*Theobroma cacao*) e da bacaba (*Oenocarpus distichus*), plantadas há 20 anos atrás ou nasceram naturalmente. Por esse motivo, o sítio manteve a sua integridade sendo o material pouco perturbado. Por outro lado, essa área sofre com o fenômeno das “Terras Caídas”, ou seja, há uma preservação do contexto arqueológico no sentido horizontal e uma destruição no sentido vertical, sendo essa última mais freqüente todos os anos.

Por conta disso, não é possível estimar o quanto o sítio já foi destruído e nem reconstituir o seu tamanho original de ocupação, mas o material cerâmico bem preservado poderá trazer informações a respeito de sua fabricação e

variabilidade formal. O seu maior potencial arqueológico está no grau de preservação de sua indústria cerâmica e não a área ocupada.

Figura 11: Vasilhame inteiro encontrado no barranco exposto. Foto: Fábio Guaraldo de Almeida.

Através do próprio barranco exposto durante os períodos de seca, é possível notar que a camada arqueológica se encontra, aproximadamente, entre 60 cm e 130 cm de profundidade. Todas as camadas acima são estéreis arqueologicamente e fruto de deposição aluvial do rio durante as variações nas cheias, causando essa diversificação de profundidade na ocorrência de material arqueológico.

Durante o levantamento topográfico e da prospecção inicial, foi possível definir seus limites sendo 250 m paralelo ao rio (eixo leste-oeste) e 150 m no sentido norte. Para a delimitação do sítio foram realizados 19 tradagens, com espaçamento variando entre 10m e 20m, até 100 cm de profundidade. Nesse tipo de contexto, a tradagem demonstrou ter uma menor eficácia para delimitação do sítio, uma vez que a camada arqueológica enterrada ultrapassava os 100 cm.

Foram realizadas coletas de superfície ao longo do barranco, em uma área de 250 m, totalizando em 296 peças coletadas. A coleta não foi aleatória, mas procurou recolher material menos fragmentado, dando prioridade para aqueles

que possuíam a borda da vasilha até a sua base, possibilitando uma reconstituição formal mais segura.

Quantidade de peças	Integridade*
18	100%
25	50% - 75%
109	25% - 50%
144	Menos que 25%

Tabela 2: Índice de preservação do material cerâmico coletado no sítio Lauro Sodré.

*** Considerando 100% uma vasilha inteira e sem fragmentações.**

Também foram abertas nove unidades de escavação ao longo de um trecho leste-oeste do sítio, próximo ao barranco, divididas em 2x2m, 2x1m e 3x1m. Não foi possível encerrar essas unidades, pois após cinco dias de escavação, uma chuva constante alagou as unidades e comprometeu os perfis e a base da escavação, nos obrigando a encerrar os trabalhos no sítio.

Capítulo 3: Análise do material cerâmico

Nesse capítulo será descrito a metodologia utilizada na etapa de análise dos atributos tecnológicos, separados por sítio arqueológico, e a correlação dos dados obtidos em escala inter e intra-sítio.

3.1. Análise dos atributos e formação de conjuntos

Nesse item serão apresentados os dados referentes à análise dos atributos cerâmicos dos sítios **Santa Cruz, São Paulo II, Santa Fé, Lauro Sodré, Nova Esperança, Laguinho e Hatahara**. Através da triagem, foram separadas somente as bordas decoradas e sem decoração e paredes com aspectos diagnósticos que remetem à morfologia de um vaso, como a flange mesial ou a carena. O objetivo principal dessa etapa é a formação de conjuntos cerâmicos a partir da morfologia do vaso e a sua caracterização tecnológica através dos atributos.

Como pode ser observada no anexo 39, a ficha de análise aborda tanto aspectos tecnológicos quanto decorativos. São 25 itens que abrangem diversas variáveis, lembrando que em alguns casos – como no acabamento do lábio, antiplástico, natureza da peça ou tipo e local de decoração – existem a possibilidade de haver mais de uma característica presente na cerâmica (e.g. acabamento do lábio com engobo e serrilhado; decoração pintada interna com engobo interno ou borda com flange mesial e flange labial). Essa metodologia de análise foi elaborada em 2007, com a participação de diversos pesquisadores do Projeto Amazônia Central, e apesar de ser específica para a cerâmica da Amazônia central, ela tem correspondido com as nossas necessidades e problemática (LIMA 2008; MORAES 2006; TRINDADE 2008).

Figura 12 - Análise do material no anexo do MAE/USP em Manaus (Foto: Erêndira Oliveira 2011)

Essa ficha de análise já foi debatida em outros trabalhos, mas a discussão mais aprofundada sobre a sua construção pode ser encontrada na tese de doutoramento de Helena Pinto Lima (2008, p. 172). Abaixo, um organograma explicativo sobre a estrutura da ficha de análise, mostrando uma primeira linha com as variáveis

morfológicas e tecnológicas que podem ser aplicada para qualquer natureza da peça. Na segunda linha há a relação das possíveis classificações que podem ser aplicada ao fragmento, e que são baseadas de acordo com a estrutura física de um pote, enquanto que a terceira linha relaciona as variáveis aplicáveis somente á determinadas naturezas. Na quarta e quinta linha há os aspectos decorativos que podem aplicados em qualquer fragmento, na sexta linha os tipos de decoração e na última as variáveis inerentes a esses tipos.

Figura 13 – Organograma de relacionamento entre as variáveis da ficha de análise (LIMA 2008, pp. 174)

No item seguinte (3.3.1), será apresentada a definição terminológica utilizada durante a análise cerâmica e, posteriormente nos itens seguintes, a apresentação dos dados de cada sítio.

3.1.1 Definições terminológicas da análise cerâmica

Como foi mencionada anteriormente, a ficha de análise cerâmica foi elaborada a partir de conceitos propostos por autores como Sheppard (1956), Rice (1987) e Rye (1981). Nesse capítulo iremos expor algumas definições terminológicas e outros termos relevantes para a descrição dos fragmentos cerâmicos.

Como podemos observar no anexo 39, os itens de I ao VII correspondem à informações básicas de proveniência, métricas e de natureza (composição) da

peça (fig. 14). Do item VIII ao XI e o XVIII se referem quanto à pasta do vasilhame e serão descritas logo abaixo.

Figura 14 - Informações das partes estruturais de um vasilhame. (Prancha: Helena Lima e Claide Moraes)

SU – Superfície da pasta

A coloração da superfície da pasta é analisada tanto na parte externa como na parte interna do vasilhame. A obtenção de determinadas cores varia conforme a composição da argila (impurezas como a hematita e outros óxidos de ferro), atmosfera, temperatura e o tempo de queima. Somente com a coloração da argila não é possível inferir toda essa cadeia operatória da fabricação de um pote, mas aliada a outros elementos (como espessura do fragmento e cor da pasta), é possível ao menos iniciar uma discussão sobre o modo em que o vasilhame foi feito.

AP – Antiplástico

Os antiplásticos são elementos minerais ou orgânicos que podem estar presentes ou serem adicionados na argila, alterando sua propriedade física e auxiliando o oleiro durante e depois da fabricação de um vasilhame. Tais propriedades plásticas permitem que haja uma grande variedade de formas e tamanhos, para diferentes propósitos (ARNOLD, 1985).

Toda argila já possui um antiplástico natural, como os grãos de quartzo e os óxidos de ferro, deixando-a mais porosa, tornando a secagem de um pote mais lenta, homogênea e estável, evitando assim que haja rachaduras. Após a queima, a função de um antiplástico orgânico, por exemplo, auxilia no resfriamento de um líquido em seu interior ou contribui com maior leveza e resistência ao impacto físico (SHEPPARD, 1956).

Os antiplásticos mais comuns encontrados nos contextos amazônicos são o caraipé (entrecasca de árvore), cauxí (espícula de uma esponja de água doce), caco moído e minerais (grãos de quartzo e hematita). Com exceção desse último elemento, os demais são exógenos à constituição da argila.

Figura 15 - Antiplásticos exógenos encontrados nas cerâmicas amazônica. Foto: Claide Moraes.

TM – Técnica de Manufatura

Refere-se ao modo empregado na construção estrutural de um vasilhame, dando forma à pasta ainda em estado plástico. Estas são classificadas em **roletadas** (roletes sobrepostos), **modeladas** (manufatura à mão livre, empregado principalmente em apliques ou estatuetas) e **moldadas** (comumente empregada na fabricação da base de um vasilhame, prensando a argila em forma discoidal).

CP – Cor da Pasta

A cor da pasta (queima) se refere à coloração do cerne da cerâmica. É um processo físico-químico que ocorre na pasta durante a queima, transformando a argila em estado plástico na cerâmica. Assim como a coloração da superfície da pasta, a sua variação está relacionada aos mesmos agentes. E desse mesmo modo, a identificação de sua coloração poderá trazer mais informações quando cruzadas com outras variáveis (espessura do fragmento, coloração da superfície, identificação de sua possível utilização, etc.).

A queima de uma pasta pode ser classificada em oxidante, redutora, oxidante interna – redutora externa, oxidante externa – redutora interna e núcleo redutor ou sanduíche (uma fina camada redutora entre duas camadas oxidante ou o oposto).

Padrões de queima

Figura 16 - Variação na queima do núcleo

TS – Tratamento de Superfície

O tratamento de superfície, que pode ocorrer antes ou pós queima do vasilhame, é qualquer acabamento que possa ocorrer na superfície da cerâmica. Sua finalidade pode ser meramente estética ou pode potencializar/minimizar os efeitos de um antiplástico. A aplicação de resinas, esmaltes orgânicos e inorgânicos podem minimizar a porosidade de um vasilhame, tornando-o mais impermeável e mantendo a temperatura de um líquido por mais tempo (ARNOLD, 1985; RYE, 1981). Ou de forma mais simples, um alisamento é realizado na superfície para retirar qualquer imperfeição (e.g. impressão do dedo) ou irregularidade (e.g. um grão de quartzo arrastado na superfície) que o oleiro não deseja (SHEPPARD, 1956).

Adiante, temos os itens XII ao XVII que se referem à estrutura de um vasilhame. Essa metodologia de análise morfológica foi adaptada de Sheppard

(1956) por Helena Lima (2008) e Claide Moraes (2006), visando auxiliar a classificação e separação dos fragmentos de borda em conjuntos cerâmicos.

Inicialmente classifica-se o vaso de acordo com a sua forma (restritiva, irrestritiva ou vertical), passando para uma subdivisão de acordo com o seu contorno (simples, composto ou complexo) e inclinação (direta, extrovertida e introvertida).

Para melhor visualização e compreensão das classificações compreendidas nesses itens (XII ao XVII), foi elaborado uma prancha com exemplos de cada variável (fig. 17 e 18).

FV – Forma do Vaso

Restritiva – Diâmetro da boca menor que o diâmetro máximo do bojo, tornando o acesso ao seu conteúdo mais restrito e adequado para armazenagem.

Irrestritiva – Diâmetro da boca maior que o diâmetro máximo do bojo, tornando o acesso ao seu conteúdo mais livre e adaptado para transferência ou processamento de alimentos, por exemplo.

CV – Contorno do Vaso

Simples – Vasos que não apresentam nenhuma inflexão/carena.

Composto – Presença de pelo menos uma inflexão/carena em sua silhueta, formando um ponto projetado (suave ou angular).

Complexo – Presença de dois ou mais pontos de inflexão/carena em seu contorno, definindo a junção de diferentes partes do vaso.

	Formas Restritivas	Formas Irrestritivas
Contorno Simples
Contorno Composto
Contorno Complexo

Figura 17 - Tipos de forma e contorno de um vasilhame. Prancha: Helena Lima e Claide Moraes

Sistema morfológico de classificação do vasilhame:

Borda:

Parte terminal do vasilhame junto à boca.

Quanto à **inclinação**, pode ser introvertida, direta, extrovertida ou extrovertida tipo flange.

Quanto à **forma**, pode ser reta, expandida, contraída, roletada interna, roletada externa ou vazada.

Lábio:

Extremidade da borda.

Quanto à **forma**, pode ser plano, arredondado, afilado ou biselado.

Quanto ao **acabamento**, pode ser serrilhado, ungulado, cortado, pintado, engobado, inciso, acanalado, digitado, pontado, modelado e exciso.

Figura 18 - Tipos de inclinação e forma da borda e forma do lábio. Prancha: Helena Lima e Claide Moraes.

Por fim, temos os aspectos das técnicas decorativas que podem ser plásticas (alteração física da superfície) ou pintadas (adição de pigmentos de origem mineral sob a superfície). As características que envolvem a decoração são amplamente discutidas na cerâmica amazônica, pois são vistas como marcadores cronológicos e utilizadas como variáveis para definições taxonômicas (e.g. Tradição Borda Incisa ou Tradição Polícroma da Amazônia). Abaixo serão descritos alguns itens relacionados às técnicas decorativas.

TD – Tipo e Local da Decoração

Nesse campo vincula-se o local e o tipo de decoração utilizada no fragmento, classificado em:

- Decoração Pintada Interna
- Decoração Pintada Externa
- Decoração Plástica Interna
- Decoração Plástica Externa
- Engobo Interno
- Engobo Externo

CE – Cor do Engobo

Entendido em alguns casos como um tratamento de superfície (SHEPPARD, 1956), no caso amazônico optamos por associá-lo a um aspecto decorativo, o que não exclui a sua função como impermeabilizante. Porém, o engobo costuma aparecer na cerâmica amazônica como base para a aplicação de pintura, associado à decoração plástica ou mesmo sozinho. De um modo geral temos dois tipos de engobos bem distintos, podendo haver variações mais claras ou escuras.

Engobo Vermelho – Adquirido a partir do óxido de ferro, ele é aplicado na superfície da cerâmica antes da queima. Suas variações vão desde tons alaranjados até róseos.

Engobo Branco – Fortemente presente na cerâmica da TPA, consiste numa fina camada de argila branca (caulinita) aplicada sob a superfície cerâmica. Em

grande parte dos casos é utilizada como base para pinturas em tons de vermelho ou preto.

TP – Tipo de Pintura

Como essa ficha não abrange os motivos ou formas das pinturas, aqui nos referimos à questão tecnológica de sua aplicação na cerâmica, sendo classificada como linhas finas ou faixas grossas.

CP – Cor da Pintura

Sua obtenção é semelhante ao do engobo, possuindo uma variedade de tons á partir do vermelho, branco e preto. Ao contrário do engobo que recobre toda uma superfície, a pintura forma motivos com limites bem delineados com ou sem sulcos na superfície (decoração plástica).

DP – Decoração Plástica

A decoração plástica consiste na alteração física da superfície da cerâmica antes ou depois da queima. Sua divisão ocorre de acordo com o efeito que dá sobre a superfície, bem como os gestos e instrumentos utilizados para sua confecção. Por conta disso, há uma grande variedade de decorações plásticas que podem ser identificadas.

Acanalado – É a retirada de uma faixa de argila, formando um canal sob a superfície, podendo ser confeccionado através de uma espátula ou qualquer instrumento que lembre uma pequena pá.

Inciso – Sulco alongado sob a superfície cerâmica por meio de instrumentos de ponta fina. Ao contrário do acanalado, a impressão final é que houve um corte sob a superfície, empurrando e comprimindo a pasta, formando cortes de pequena espessura.

Aplique modelado – Adição de qualquer argila modelada sob a superfície da cerâmica, podendo ser oca, vazada ou maciça.

Ponteados – Decoração realizada com a ponta de algum instrumento, podendo possuir formas e tamanhos variados.

Digitado – Corresponde á uma impressão da extremidade do dedo sob a superfície cerâmica antes da queima.

Ungulado – Impressão das unhas sobre a superfície cerâmica antes da queima.

Excisões – Retirada de áreas de argila da superfície do vaso, de modo a produzir um efeito de alto ou baixo relevo.

Esferas aplicadas – Aplicação de pequenos círculos de à superfície da cerâmica antes da queima.

Impressão de corda – Marca de uma corda trançada sob a superfície da cerâmica ainda úmida.

Formação de Conjuntos

A partir dos fragmentos de bordas foram realizadas reconstruções morfológicas, inferindo a sua forma e contorno, com base em potes inteiros ou com mais de 50% do contorno. Atributos como o local e tipo de decoração, inclinação da borda e forma do lábio também foram utilizadas para caracterizar os conjuntos. As bordas foram classificadas e agrupadas em 13 conjuntos diferentes (anexo 40), sendo que algumas dessas formas foram encontradas somente no sítio Lauro Sodré, onde o nível de preservação do material possibilitou uma análise mais apurada e detalhamento do nível de variação em um mesmo conjunto.

Nessa etapa de análise, o presente pesquisador se deparou com uma problemática classificatória. Vários vasilhames (remontados ou encontrados inteiros) com contorno complexo ou composto, representavam a junção de dois “corpos” diferenciados, através da inflexão, formando um único corpo do vasilhame. Semelhante ao que SALVIA e BROCHADO (1989, pp. 116) descreveram para a cerâmica Guarani como “... empilhamento de zonas ou segmentos horizontais bem demarcados”.

Porém, o pesquisador deve contar com a sorte nesse momento classificatório, pois se a borda fragmentou acima da inflexão, a análise mostrará que se trata de um vaso com contorno simples (e.g. conjunto 1). Caso a fragmentação tenha ocorrido abaixo da inflexão, podemos associá-los aos vasilhames com contorno composto ou complexo (e.g. conjunto 10 e 11). Não há,

até o momento, nenhum indicativo decorativo ou tecnológico que possa diferenciá-los (fig. 9). Portanto, a solução mitigatória encontrada para solucionar esse caso foi a separação dentro dos conjuntos estabelecidos, mas com a ressalva de que algumas bordas dos conjuntos 1 e 8, podem pertencer aos conjuntos 10 ou 11.

Figura 19 - Fragmentos de bordas com a mesma inclinação, porém o da direita possui dois possíveis contornos distintos (material encontrado no sítio Lauro Sodré)

3.2 Resultados da análise cerâmica intra-sítio

Nesse item serão apresentados os dados da análise cerâmica divididos por sítio arqueológico. Em um primeiro momento serão descritos os resultados gerais dos atributos e, em seguida, os dados classificados por conjuntos cerâmicos.

3.2.1 Sítio Hatahara

Para a amostragem desse sítio foram escolhidas duas unidades escavadas na etapa de 2002 e que estão localizadas na área central do sítio, sob o montículo I. Como foi dito anteriormente, a dispersão do material cerâmico Guarita está fortemente atrelado à essa área central ocupada por montículos artificiais e remanejamento de solo. Por conta disso, não foi possível obter o material dentro de uma estratigrafia mais homogênea (fora de estruturas artificiais), assim como foi realizado no sítio Laguinho.

A análise cerâmica indicou que o material presente no sítio Hatahara é semelhante ao encontrado no sítio Laguinho. A frequência no tipo de antiplástico, coloração da superfície da argila, inclinação da borda, forma do vaso e o tipo e o

local da decoração são algumas das características que apresentaram uma configuração semelhante em ambos os sítios.

A cerâmica apresentou uma superfície de cor alaranjada e uma predominância de queima tanto redutora quanto oxidante.

Gráfico 20 - Frequência da variação de coloração da superfície da pasta - sítio Hatahara

Gráfico 21 - Frequência no tipo de queima da pasta - sítio Hatahara

O antiplástico preponderante é o mineral, tendo como tempero o cauxí e o caco moído como principais elementos da pasta. Dentre os fragmentos que apresentaram combinações (mais de um antiplástico na pasta), obtemos o conjunto cauxí com mineral e cauxí com mineral e caco moído.

Gráfico 22 - Frequência do antiplástico na cerâmica do sítio Hatahara

Gráfico 23 - Combinações de antiplásticos presentes na cerâmica do sítio Hatahara

Em relação á morfologia do vaso, temos uma maior presença de bordas irrestritivas e com inclinação direta. A maioria das bordas extrovertidas está

relacionada às que possuem abertura irrestritiva, do mesmo modo que as inclinações diretas correlacionam com as formas verticais.

Gráfico 24 – Relação entre forma do vaso e inclinação da borda no sítio Hatahara

Quanto aos aspectos decorativos, há uma predominância de decoração plástica acanalada externa e engobo branco externo.

Gráfico 25 - Frequência no tipo e local da decoração cerâmica no sítio Hatahara

Gráfico 26 - Frequência da variação decorativa na cerâmica do sítio Hatahara

Gráfico 27 - Variação na coloração do engobo

3.2.2 Sítio Laguinho

O material cerâmico do sítio Laguinho apresentou uma baixa variabilidade em relação à sua pasta, ao contrário dos aspectos decorativos. Em relação à pasta, temos uma predominância da cor alaranjada para a superfície, enquanto que a queima variou entre redutora e oxidante.

Gráfico 28 - Frequência na cor da superfície da pasta cerâmica do sítio Laguinho

Gráfico 29 - Tipos de queima da pasta cerâmica do sítio Laguinho

Em relação ao antiplástico, além da preponderância de minerais (grãos de quartzo), há uma grande presença do cauxí e do caco moído e baixa quantidade de fragmentos com caraipé ou carvão. Se analisarmos a presença desses antiplásticos em conjuntos, e não individualmente, percebemos que a preponderância é da presença do cauxí ou do cauxí com caco moído, sendo que o mineral está presente em ambos, possivelmente como elemento natural da composição da argila.

Gráfico 30 - Frequência do antiplástico na cerâmica do sítio Laguinho

Gráfico 31 - Combinações de antiplásticos presentes na cerâmica do sítio Laguinho

Em relação á morfologia do vaso tem a majoritária presença de potes com abertura irrestritiva e inclinação da borda direta.

Gráfico 32 - Relação entre forma do vaso e inclinação da borda no sítio Laguinho

Quanto aos aspectos decorativos, houve ausência de pinturas e a predominância de decoração plástica externa acanalada. Porém, a cerâmica do sítio Laguinho apresentou uma maior variação nos tipos decorativos, como o filete aplicado, inciso e digitado. Em relação ao tipo e local decorativo, houve somente dois casos em que ocorreu uma combinação de variáveis, sendo um fragmento com decoração plástica em ambas as faces e outro com engobo em ambas as faces. Na coloração engobo há variações entre branco e vermelho, com predomínio do vermelho.

Gráfico 33 - Frequência do tipo e local decorativo na cerâmica do sítio Laguinho

Gráfico 34 - Frequência no tipo de decoração plástica presente na cerâmica do sítio Laguinho

Gráfico 35 - Índice de variação na coloração do engobo

3.2.3 Sítio Santa Fé

O sítio Santa Fé é caracterizado, principalmente, por ser um contexto de baixa densidade de material, com ausência da TPI *strictu sensu* e uma cronologia de ocupação inicial em torno de 740 d.C. Apesar da baixa amostragem, a análise cerâmica demonstrou uma baixa variabilidade na sua produção e na ocorrência de decoração.

Em relação à coloração da superfície da pasta temos a predominância da cor alaranjada e o núcleo oxidante.

Gráfico 36 e 37 – Frequência da coloração da superfície da pasta e do seu núcleo no sítio Santa Fé.

Quanto à composição da pasta há utilização predominante do caraipé e, em segundo plano, do caco moído. Dentre as combinações à que prevalece é a adição do caraipé e do caraipé com caco moído.

Gráfico 38 - Frequência de antiplástico na composição da argila do sítio Santa Fé.

Gráfico 39 - Combinações de antiplásticos presentes na argila do sítio Santa Fé.

Quanto à forma do vaso e a inclinação da borda temos formas irrestritivas diretas e, em menor presença, extrovertidas irrestritivas e diretas verticais. Com relação à decoração somente dois fragmentos apresentaram alguma característica, sendo um fragmento com decoração plástica acanalada e outro com engobo vermelho interno.

Gráfico 40 - Relação forma do vaso e inclinação da borda no sítio Santa Fé.

3.2.4 Sítio Nova Esperança

O sítio Nova Esperança possui duas ocupações distintas e com limites bem demarcados, tanto na estratigrafia como na quantidade de material encontrado nas camadas. Em um primeiro momento, nos níveis mais profundos (a partir dos

50 cm de profundidade) e não associado á terra preta, está a ocupação relacionada á Tradição Borda Incisa com datas entre 780 d.C. e 800 d.C. (LIMA 2008). A segunda ocupação, mais superficial (0-40 cm), corresponde á TPA e está datada entre 1050 d.C. e 1670 d.C. (CALDARELLI 1998; LIMA 2008).

Quanto aos aspectos tecnológicos o material cerâmico não apresentou grandes variações quanto á coloração da superfície, houve uma predominância da queima oxidante e o cauxí como antiplástico preponderante. Nos conjuntos de antiplásticos presentes obteve-se a preponderância cauxí com minerais e caco moído e caraipé com mineral e hematita.

Gráfico 41 - Frequência da coloração da superfície da pasta no sítio Nova Esperança

Gráfico 42 - Frequência dos tipos de queima da pasta no sítio Nova Esperança

Gráfico 43 - Frequência do antiplástico no sítio Nova Esperança

Gráfico 44 - Índice das combinações de antiplásticos da cerâmica do sítio Nova Esperança

Quanto à morfologia da borda em relação ao vasilhame, há uma predominância por formas irrestritivas e inclinação direta.

Gráfico 45 - Relação entre a forma do vaso e inclinação da borda para o sítio Nova Esperança

No aspecto decorativo da cerâmica, a decoração plástica acanalada na face externa e a presença dos engobos branco e vermelho são as características mais presentes.

Gráfico 46 - Frequência do tipo e local da decoração na cerâmica do sítio Nova Esperança

Gráfico 47 - Frequência da coloração do engobo na cerâmica do sítio Nova Esperança

3.2.5 Sítio São Paulo II

Para o sítio São Paulo II foi utilizado o material de 7 unidades de escavação, totalizando na análise de 240 fragmentos de bordas. O resultado mostra que a maioria da superfície das cerâmicas possui coloração alaranjada, com uma pequena representação de tons de marrom-acinzentado. A queima da pasta varia entre oxidante e redutora, assim como a presença dos antiplásticos caraipé e cauixí, sendo esse último mais utilizado do que o primeiro.

Gráfico 48, 49 e 50 – Índices de cor da superfície, tipo de queima e proporção do uso de antiplásticos.

Em relação às combinações presentes de antiplásticos ocorreram 42 variações diferentes, porém somente 4 dessas possuem uma representatividade mais significativa (mais de 10 fragmentos), conforme no gráfico abaixo:

Gráfico 51 - Índice das combinações de antiplásticos da cerâmica do sítio São Paulo II

O cauixí é o elemento mais representativo dessa categoria. O mesmo vale para as combinações, onde o uso do cauixí é mais recorrente, seguido do caraipé e do caco moído.

Na morfologia do vaso há uma predominância de formas irrestritivas com inclinação extrovertida e direta, sendo que as formas restritivas são pouco representativas.

Gráfico 52 - Relação forma do vaso e inclinação da borda no sítio São Paulo II.

Nos aspectos decorativos a maior ocorrência é a de decoração plástica e, em todos os fragmentos, ela apresentou do tipo acanalado. Outros aspectos como engobo interno e externo também foram recorrentes, variando entre engobo vermelho e branco.

Gráfico 53 - Índice do tipo e local de decoração na cerâmica do sítio São Paulo II

Gráfico 54 - Índice de presença na coloração do engobo no sítio São Paulo II

3.2.6 Sítio Santa Cruz

Para o sítio Santa Cruz foram analisadas 143 fragmentos de bordas de nove unidades espalhadas ao longo do sítio, conforme foi descrito no item 2.3.4. A cerâmica apresentou o predomínio de uma pasta com superfície de cor alaranjada e, com menor presença, o marrom acinzentado. O antiplástico com maior frequência é o caraipé, seguido do carvão e este foi o único sítio em que houve um predomínio da queima redutora do núcleo.

Gráfico 55 - Variação na coloração da superfície cerâmica do sítio Santa Cruz

Gráfico 56 - Variação no tipo de queima da cerâmica do sítio Santa Cruz

Gráfico 57 - Frequência de antiplásticos na pasta cerâmica do sítio Santa Cruz

Em relação às combinações, o caraipé continua preponderante e associado ao caco moído ou ao carvão. Em compensação, o cauixi que aparece preponderante em outros sítios, como o São Paulo II, nesse caso é o menos representativo.

Gráfico 58 - Combinações de antiplásticos na cerâmica do sítio Santa Cruz

Nos aspectos decorativos, a principal ocorrência é a de engobo em ambas as faces, variando principalmente entre o branco e o vermelho. Nas decorações plásticas a predominância é do tipo acanalado.

Gráfico 59 - Índice de frequência decorativa no sítio Santa Cruz

Gráfico 60 - Variação na coloração do engobo no sítio Santa Cruz

Gráfico 61 - Variação no tipo de decoração plástica no sítio Santa Cruz

3.2.7 Sítio Lauro Sodré

Esse sítio possui uma atenção especial devido á integridade física do seu material, por causa da deposição sedimentar do rio ($\pm 1m$) que recobre toda a camada arqueológica, preservando boa parte de seu material e contexto. Os 137

itens analisados, entre fragmentos e vasos inteiros, pertenciam à coleção particular do Sr. Valdivino – morador da comunidade Lauro Sodré – e que doou sua coleção para que pudesse ser analisada de forma sistemática. Ao longo de cinco anos, ele coletou o material que aflorava no barranco de seu terreno, na margem do rio Solimões. Alguns fragmentos foram coletados em superfície ao longo do barranco, mas não houve ocorrências de vasilhas inteiras.

Por se tratar de uma coleção particular, não há dados de coleta e nem houve um tratamento de curadoria, uma vez que o próprio Sr. Valdivino limpava o material em sua casa (com as mais variadas “técnicas”). Por conta disso, partes do tratamento de superfície e dos aspectos decorativos foram comprometidas. Outro fator é a amostragem do material desse sítio, uma vez que a coleta foi realizada dentro dos padrões de beleza ou de interesse do Sr. Valdivino e, por conta disso, há uma grande quantidade de vasilhas com flange mesial. Mesmo com a perda de informações durante a lavagem e uma coleta não sistemática, o material desse sítio trouxe uma grande contribuição para entender a variabilidade das formas e de seus atributos decorativos em uma escala muito mais ampla que os demais sítios estudados.

As cerâmicas encontradas no sítio Lauro Sodré são caracterizada, principalmente, pelo seu motivo complexo de decoração plástica acanalada que envolve todo o contorno do vaso em sua parte externa. Não há grandes variações quanto à cor da superfície da argila e da pasta, apresentando uma homogeneidade na coloração laranja e alternando entre queima oxidante e redutora.

Gráfico 62 - Frequência de cor da superfície da argila no sítio Lauro Sodré

Gráfico 63 - Frequência do tipo de queima da pasta no Sítio Lauro Sodré

Com relação à composição de sua pasta e a presença de antiplásticos, não há heterogeneidade entre os fragmentos analisados. O cauxí é o antiplástico preponderante em todos os fragmentos, assim como o mineral – caracterizado por micro grãos de quartzo – mas esse, possivelmente, um elemento da composição da própria argila (assim como a hematita) e não uma adição como o cauxí, o caco moído ou os nódulos de argila branca (caulinita).

Gráfico 64 - Frequência de antiplástico no sítio Lauro Sodré

Quanto à forma, há uma predominância de potes com o bojo irrestritivo, de inclinação direta e contorno simples. A presença de vasilhas com contorno complexo é bem representativa, pois há uma grande quantidade de vasos com flange mesial e inflexão no bojo superior, delimitando a parte superior do campo decorativo (fig. 21).

Gráfico 65 - Frequência dos tipos de forma do vaso no sítio Lauro Sodré

Gráfico 66 - Frequência dos tipos de inclinação da borda no sítio Lauro Sodré

Gráfico 67 - Frequência dos tipos de contorno do vaso no sítio Lauro Sodré

Figura 20 - Fragmentos de vasilhas com flange mesial

No aspecto decorativo, há uma predominância de decoração plástica externa acanalada (97%) e a pintura ocorre somente acompanhada do engobo ou decoração plástica, mas em menor quantidade. A ausência de pinturas pode estar relacionada ao tratamento de “curadoria” que as peças receberam, uma vez que a

pintura não abrange uma grande superfície da cerâmica, ao contrário do engobo que geralmente se apresenta em toda superfície e de forma mais espessa.

Gráfico 68 - Frequência do tipo de decoração plástica na cerâmica do sítio Lauro Sodré.

Como foi dito acima, a decoração pintada não aparece sozinha na cerâmica, ao contrário dos demais elementos que podem apresentar só a decoração plástica ou só o engobo. Porém, quando os aspectos decorativos se apresentam combinados, a presença da pintura com a decoração plástica ou o engobo (na mesma face), representa a maioria dos conjuntos decorativos. Provavelmente, como a pintura está associada às outras decorações mais marcantes e visíveis, sua chance de preservação – diante do peso de uma mão com escova – tornou-se mais significativa.

Gráfico 69 - Frequência do tipo e local da decoração na cerâmica do sítio Lauro Sodré

Gráfico 70 - Frequência das combinações decorativas existentes na cerâmica do sítio Lauro Sodré

Quanto à coloração, a presença mais recorrente é do engobo branco e da pintura vermelha. Na maioria dos casos, o engobo estava servindo de base para a pintura, uma das principais características da decoração da TPA.

Gráfico 71 - Frequência da variação na coloração da pintura na cerâmica do sítio Lauro Sodré

Gráfico 72 - Frequência da variação na coloração do engobo na cerâmica do sítio Lauro Sodré

Figura 21 - Fragmentos do sítio Lauro Sodré com algumas variações da cor do engobo e pintura

3.3 Resultados da análise dos conjuntos e atributos inter-sítio

Realizada a parte de triagem e análise cerâmica, os dados obtidos resultaram na formação de conjuntos cerâmicos a partir de sua morfologia e atributos (inclinação e forma da borda, forma e contorno do vaso, tipo e local de decoração), totalizando em 13 formas distintas, sendo que cada uma possui alguma variação que não implica na alteração morfológica (anexo 40).

Abaixo, segue a tabela com a quantidade de fragmentos pertencentes a cada um dos conjuntos, separados por sítio arqueológico. Vale ressaltar que a

ausência de uma forma não está, necessariamente, ligada à sua não existência, podendo também estar relacionada a uma questão amostral.

	Hatahara	Laguinho	Sta Fé	N. Esperança	São Paulo II	Sta Cruz	Lauro Sodré
Conj. 1	0	0	0	1	17	24	1
Conj. 2	0	0	0	0	2	0	2
Conj. 3	0	0	0	0	2	0	22
Conj. 4	6	2	2	3	31	36	5
Conj. 5	0	0	0	0	3	22	1
Conj. 6	0	0	0	0	0	0	6
Conj. 7A	13	7	3	8	43	24	6
Conj. 7B	0	0	0	0	0	0	24
Conj. 8	2	9	3	6	85	29	0
Conj. 9	4	4	3	0	39	14	5
Conj. 10	0	0	0	0	1	0	41
Conj. 11	0	0	0	0	0	0	5
Conj. 12	0	0	0	0	3	0	2
Conj. 13	0	0	0	0	0	0	6

Tabela 3 - Índice quantitativo dos conjuntos por sítio arqueológico

O único sítio que possui quase todos os conjuntos é o Lauro Sodré, devido à sua grande variabilidade amostral em vasilhas inteiras. Os sítios São Paulo II e Santa Cruz, conforme observado nos itens 2.3.3 e 2.3.4, são bem densos e sua amostragem de fragmentos de bordas possibilitou a identificação de vários conjuntos. Os demais sítios são superficiais e com baixa densidade, necessitando de uma maior amostragem para refinar a variabilidade morfológica da fase Guarita. Para maior detalhe dos conjuntos por sítio, consultar as pranchas de bordas no volume II.

Gráfico 73 – Índice total de fragmentos por conjunto morfológico

A seguir será caracterizado cada conjunto conforme o sítio arqueológico, utilizando as categorias inclinação e forma da borda; tipo e local de decoração e antiplástico. A escolha dessas categorias não foi aleatória, mas demonstram uma variabilidade recorrente em um mesmo conjunto, que é o caso dos atributos relacionados à borda e os aspectos decorativos. Os antiplásticos ilustram as possibilidades tecnológicas durante o preparo da pasta, para uma morfologia semelhante, mesmo sabendo que o seu uso pode estar ligado a uma questão funcional (aspecto que não é trabalhado nesta pesquisa). O número de fragmentos por conjunto será colocado entre parênteses referindo-se a cada sítio.

Conjunto 1

Formado por vasos globulares e contorno simples, diâmetro médio entre 25-53cm e espessura do fragmento entre 9-12mm. Ele é representado pelos sítios São Paulo II (13), Nova Esperança (1), Santa Cruz (24) e Lauro Sodré (1).

A inclinação da borda pode ser direta ou introvertida. O sítio São Paulo II foi o único em que teve predominância de inclinações introvertidas (77%), sendo a maior recorrência das diretas. Quanta a forma da borda, o sítio Santa Cruz é representado de forma mais heterogênea e sem maiores discrepância, enquanto que nos demais aparece a forma reta como predominante.

	Direta	Extrovertida	Introvertida
SP II	23%	0%	77%
N.Esp	100%	0%	0%
Sta Cruz	79%	0%	21%
Lauro Sodré	100%	0%	0%

	Apo.	Bis.	Rol. Int.	Rol. Ext.	Exp.	Afi.	Reta
SP II	0%	23%	0%	15%	0%	15%	54%
N.Esp	0%	0%	0%	0%	0%	0%	100%
Sta Cruz	0%	25%	4%	33%	0%	0%	34%
Lauro Sodré	0%	0%	0%	0%	0%	0%	100%

No aspecto decorativo há uma grande variação para cada sítio: o Santa Cruz apresentou um panorama semelhante à forma do lábio; o São Paulo II somente decoração plástica externa e o Nova Esperança somente a presença de engobo em ambas as faces.

Quanto aos antiplásticos, o São Paulo II é representado pelo cauixí, mas também há presença de caraipé, caco moído, argila e carvão. Nova Esperança e Santa Cruz têm preponderância de caraipé e uma boa porcentagem de carvão e o Lauro Sodré somente o cauixí.

	Dec. Pint Int	Dec. Pint Ext	Dec Plas Int	Dec Plas Ext	Eng Int	Eng Ext
SP II	0%	0%	0%	54%	0%	0%
N.Esp	0%	0%	0%	0%	100%	100%
Sta Cruz	8%	0%	0%	17%	13%	17%
Lauro Sodré	0%	0%	0%	0%	0%	0%

	Cauixi	Caraipé	Caco Moído	Mineral	Hematita	Argila	Carvão
SP II	85%	46%	8%	92%	77%	15%	8%
N. Esp	0%	100%	0%	100%	0%	0%	100%
Sta Cruz	0%	100%	50%	100%	75%	0%	75%
Lauro Sodré	100%	0%	0%	100%	100%	0%	0%

Conjunto 2

Formado por vasos globulares com contorno simples e forma restritiva. O diâmetro varia entre 20-35cm e a espessura do fragmento com média de 11mm. Esse conjunto é representado pelos sítios São Paulo II (2) e Lauro Sodré (2). É o

conjunto menos representativo dos 13, mas há outras formas restritivas na fase Guarita como o conjunto 5.

A inclinação da borda varia entre extrovertida ou introvertida e com forma da borda reta.

	Direta	Extrovertida	Introvertida
SP II	0%	100%	0%
Lauro Sodré	0%	50%	50%

	Apo.	Bis.	Rol. Int.	Rol. Ext.	Exp.	Afi.	Reta.
SP II	0%	0%	0%	0%	0%	0%	100%
Lauro Sodré	0%	0%	0%	0%	0%	0%	100%

Quanto aos aspectos decorativos há ocorrência de decorações pintadas, plásticas e engobo na face externa, presentes somente no sítio Lauro Sodré. São Paulo II não apresentou nenhuma decoração. Na categoria antiplásticos há a predominância do cauixi.

	Dec. Pint Int	Dec. Pint Ext	Dec Plas Int	Dec Plas Ext	Eng Int	Eng Ext
SP II	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Lauro Sodré	0%	100%	0%	50%	0%	50%

	Cauixi	Caraipé	Caco Moído	Mineral	Hematita	Argila	Carvão
SP II	100%	0%	0%	100%	100%	0%	0%
Lauro Sodré	100%	0%	0%	100%	0%	0%	0%

Conjunto 3

Formado por vasilhas esféricas com contorno composto e forma irrestritiva. O diâmetro varia entre 15-50cm, com alguns exemplares de boca quadrangular, e a espessura do fragmento varia em média entre 9-12mm. Este conjunto foi identificado nos sítios São Paulo II (2) e Lauro Sodré (22).

No São Paulo II as bordas possuem inclinação extrovertida, enquanto que no Lauro Sodré elas variam entre direta, extrovertida e introvertida. Quanto à forma da borda são representados, principalmente, por roletado interno e reto.

	Direta	Extrovertida	Introvertida
SP II	0%	100%	0%
Lauro Sodré	59%	18%	23%

	Apo.	Bis.	Rol. Int.	Rol. Ext.	Exp.	Afi.	Reto
SP II	0%	0%	0%	0%	0%	0%	100%
Lauro Sodré	0%	18%	36%	9%	14%	0%	32%

Os aspectos decorativos são representados, principalmente, pela decoração plástica externa, porém o sítio São Paulo II não apresentou fragmentos decorados. Quanto ao antiplástico são representados tanto pelo cauxí como caraipé, tendo presenças (no sítio São Paulo II) de carvão e argila.

	Dec. Pint Int	Dec. Pint Ext	Dec Plas Int	Dec Plas Ext	Eng Int	Eng Ext
SP II	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Lauro Sodré	5%	14%	9%	59%	14%	0%

	Cauxi	Caraipé	Caco Moído	Mineral	Hematita	Argila	Carvão
SP II	50%	50%	0%	100%	50%	50%	50%
Lauro Sodré	100%	0%	0%	100%	23%	0%	0%

Conjunto 4

Formados por vasilhas esféricas, contorno composto e forma restritiva no pescoço, formando um gargalo. O diâmetro da boca varia em média entre 14-26cm e a espessura do fragmento entre 9-15mm. Está presente em todos os sítios: Lauro Sodré (5), São Paulo II (31), Hatahara (6), Nova Esperança (3), Laguinho (2), Santa Cruz (36) e Santa Fé (2).

O conjunto apresenta bordas com inclinações diretas (sítios Lauro Sodré, Nova Esperança e São Paulo II) e extrovertidas (Hatahara, Laguinho, Santa Cruz e Santa Fé). A forma da borda é representada, majoritariamente em todos os sítios, pela aplicação de rolete na face externa, reforçando a região do lábio.

	Direta	Extrovertida	Introvertida
Lauro Sodré	60%	40%	0%
SP II	84%	16%	0%
Hatahara	33%	67%	0%

N. Esp	67%	33%	0%
Laguinho	0%	100%	0%
Sta Cruz	19%	81%	0%
Sta Fé	0%	100%	0%

	Apo.	Bis.	Rol. Int.	Rol. Ext.	Exp.	Afi.	Reto
Lauro Sodré	0%	20%	20%	60%	0%	0%	0%
SP II	0%	19%	0%	87%	0%	3%	6%
Hatahara	0%	0%	0%	83%	17%	0%	0%
N. Esp	0%	0%	0%	0%	67%	0%	33%
Laguinho	0%	0%	0%	100%	0%	0%	0%
Sta Cruz	0%	6%	0%	89%	3%	0%	3%
Sta Fé	0%	0%	0%	100%	0%	0%	0%

As decorações variam conforme o sítio, com preponderância na decoração plástica externa, e somente o sítio Santa Fé não apresentou fragmentos decorados. Quanto aos antiplásticos a maior ocorrência é de cauxi, com exceção do sítio Santa Cruz que apresentou caraipé.

	Dec. Pint Int	Dec. Pint Ext	Dec Plas Int	Dec Plas Ext	Eng Int	Eng Ext
Lauro Sodré	0%	20%	0%	20%	20%	60%
SP II	0%	0%	0%	52%	6%	16%
Hatahara	17%	17%	33%	33%	0%	33%
N. Esp	0%	0%	0%	0%	0%	33%
Laguinho	0%	0%	0%	100%	0%	0%
Sta Cruz	22%	19%	0%	19%	39%	33%
Sta Fé	0%	0%	0%	0%	0%	0%

	Cauxi	Caraipé	Caco Moído	Mineral	Hematita	Argila	Carvão
Lauro Sodré	100%	0%	0%	100%	0%	0%	0%
SP II	68%	45%	39%	100%	90%	0%	0%
Hatahara	50%	50%	33%	100%	67%	0%	33%
N. Esp	100%	0%	33%	100%	33%	0%	0%
Laguinho	100%	50%	50%	100%	0%	0%	0%
Sta Cruz	8%	61%	39%	64%	72%	11%	47%
Sta Fé	100%	100%	100%	0%	0%	0%	50%

Conjunto 5

Formado por vasilhas esféricas com contorno simples e forma restritiva. O diâmetro da boca varia em média entre 16-40cm e a espessura média do fragmento entre 8-10mm. Está presente nos sítios São Paulo II (3), Santa Cruz (22) e Lauro Sodré (1).

Apesar da forma restritiva, as bordas apresentaram inclinação extrovertida em sua maior parte, seguida das diretas. Na forma da borda há o rolete reforçado externo e o expandido como os mais expressivos desse conjunto.

	Direta	Extrovertida	Introvertida
SP II	33%	67%	0%
Sta Cruz	41%	59%	0%
Lauro Sodré	0%	100%	0%

	Apo.	Bis.	Rol. Int.	Rol. Ext.	Exp.	Afi.	Reto
SP II	0%	0%	0%	100%	0%	0%	0%
Sta Cruz	0%	18%	0%	36%	23%	18%	5%
Lauro Sodré	0%	0%	0%	0%	100%	0%	0%

A decoração é variada, mas com maior representação da decoração plástica externa e do engobo externo. Quanto aos antiplásticos, temos a predominância do caraipé no sítio Santa Cruz e Cauixi pro São Paulo II e Lauro Sodré.

	Dec. Pint Int	Dec. Pint Ext	Dec Plas Int	Dec Plas Ext	Eng Int	Eng Ext
SP II	0%	0%	0%	0%	33%	33%
Sta Cruz	0%	5%	0%	23%	9%	18%
Lauro Sodré	0%	100%	0%	0%	0%	100%

	Cauixi	Caraipé	Caco Moído	Mineral	Hematita	Argila	Carvão
SP II	67%	33%	33%	100%	100%	0%	0%
Sta Cruz	0%	100%	59%	100%	68%	14%	36%
Lauro Sodré	100%	0%	0%	100%	0%	0%	0%

Conjunto 6

Formado por vasilhas esféricas com contorno composto e forma restritiva no pescoço. O diâmetro varia entre 12-20cm e a espessura do fragmento tem em média entre 7-10mm. Essa forma foi encontrada somente no sítio Lauro Sodré (6).

A inclinação da borda pode ser extrovertida ou direta com forma reta ou com rolete reforçado externo. Todos os fragmentos são decorados e a preponderância é do engobo externo. O antiplástico preponderante é o cauixi.

	Direta	Extrovertida	Introvertida
Lauro Sodré	50%	50%	0%

	Apo.	Bis.	Rol. Int.	Rol. Ext.	Exp.	Afi.	Reto
Lauro Sodré	0%	33%	0%	50%	0%	0%	50%

	Dec. Pint Int	Dec. Pint Ext	Dec Plas Int	Dec Plas Ext	Eng Int	Eng Ext
Lauro Sodré	17%	17%	0%	33%	17%	67%

	Cauixi	Caraipé	Caco Moído	Mineral	Hematita	Argila	Carvão
Lauro Sodré	100%	0%	0%	100%	0%	0%	0%

Conjunto 7 A e B

Esse conjunto foi dividido em duas subcategorias pela semelhança em sua forma (algo semelhante à um prato), mas por possuir tecnologias distintas. O 7A é um conjunto diagnóstico da fase Guarita presente em todos os sítios estudados, além de já ter sido identificado em outros sítios arqueológicos (Lima e Tamanaha 2007, 2008). Por outro lado, o conjunto 7B, está presente somente no sítio Lauro Sodré e possui, entre outras características distintas, forma quadrangular, lábio recortado e um rolete interno reforçando o lábio.

Conjunto 7A

Formado por vasilhas elipsoidais com contorno simples e forma irrestritiva. O diâmetro médio da boca varia entre 15-50cm e a espessura do fragmento entre 11-21mm. Está presente em todos os sítios estudados: São Paulo II (43), Nova Esperança (8), Hatahara (13), Santa Fé (3), Santa Cruz (24), Laguinho (7) e Lauro Sodré (6).

As inclinações das bordas variam entre extrovertida e direta, com maior recorrência desta última (sítios Hatahara, Santa Fé, Laguinho e Lauro Sodré). Quanto á forma da borda elas variam, principalmente, entre roletado externo e reto.

	Direta	Extrovertida	Introvertida
SP II	14%	86%	0%
N. Esp	38%	63%	0%
Hatahara	54%	46%	0%
Sta Fé	67%	33%	0%
Sta Cruz	50%	50%	0%
Laguinho	71%	29%	0%
Lauro Sodré	67%	33%	0%

	Apo.	Bis.	Rol. Int.	Rol. Ext.	Exp.	Afi.	Reto
SP II	5%	7%	0%	19%	2%	7%	60%
N. Esp	0%	0%	0%	0%	75%	0%	25%
Hatahara	0%	0%	0%	62%	0%	0%	38%
Sta Fé	0%	0%	0%	67%	0%	0%	33%
Sta Cruz	17%	0%	0%	8%	0%	0%	75%
Laguinho	0%	0%	0%	57%	29%	0%	14%
Lauro Sodré	0%	17%	0%	17%	0%	0%	84%

Quanto aos aspectos decorativos, há uma grande variação de sítio para sítio, mas com preponderância na presença de engobo em ambas as faces. A decoração plástica, ao contrário dos conjuntos anteriores, é a menos representativa nesse conjunto. Os antiplásticos mais recorrentes são o cauxí, caraipé e o caco moído.

	Dec. Pint Int	Dec. Pint Ext	Dec Plas Int	Dec Plas Ext	Eng Int	Eng Ext
SP II	0%	0%	0%	9%	19%	12%
N. Esp	13%	38%	0%	0%	50%	75%
Hatahara	0%	8%	15%	38%	46%	62%
Sta Fé	0%	0%	0%	0%	0%	33%
Sta Cruz	29%	13%	4%	0%	58%	29%
Laguinho	0%	0%	0%	0%	14%	14%
Lauro Sodré	0%	0%	0%	0%	83%	33%

	Cauixi	Caraipé	Caco Moído	Mineral	Hematita	Argila	Carvão
SP II	44%	60%	42%	95%	77%	12%	30%
N. Esp	100%	0%	25%	100%	38%	0%	38%
Hatahara	92%	31%	77%	100%	100%	0%	0%
Sta Fé	33%	100%	67%	100%	100%	0%	0%
Sta Cruz	0%	79%	0%	0%	0%	4%	0%
Laguinho	100%	0%	29%	100%	0%	0%	0%
Lauro Sodré	100%	0%	17%	100%	33%	0%	0%

Conjunto 7B

Formado por vasilhas elipsoidais com contorno simples, forma irrestritiva e boca quadrangular. As vértices variam entre 20-27cm e a espessura do fragmento entre 9-10mm. Esse conjunto está presente somente no sítio Lauro Sodré (24).

A inclinação da borda é direta, com uma pequena parcela de extrovertida, forma da borda com rolete interno e/ou afilado. A decoração é plástica interna, normalmente sob o rolete interno, e o antiplástico preponderante é o cauixi.

	Direta	Extrovertida	Introvertida
Lauro Sodré	92%	8%	0%

	Cauixi	Caraipé	Caco Moído	Mineral	Hematita	Argila	Carvão
Lauro Sodré	100%	0%	0%	100%	8%	0%	0%

	Dec. Pint Int	Dec. Pint Ext	Dec Plas Int	Dec Plas Ext	Eng Int	Eng Ext
Lauro Sodré	8%	0%	79%	8%	4%	8%

	Apo.	Bis.	Rol. Int.	Rol. Ext.	Exp.	Afi.	Reto
Lauro Sodré	0%	0%	88%	0%	0%	67%	12%

Conjunto 8

Conjunto formado por vasilhas elipsoidais com contorno simples e forma irrestritiva. O diâmetro da boca varia em média entre 20-50cm e a espessura do fragmento entre 7-13mm. Assim como o conjunto 7A, está presente em todos os sítios: São Paulo II (85), Santa Cruz (29), Santa Fé (3), Nova Esperança (6), Laguinho (9) e Hatahara (2). Vale ressaltar que nesse conjunto estão as bordas

que podem pertencer aos conjuntos 10 e 11, conforme descrito no final do item 3.1.1.

Na categoria de inclinação de bordas, com exceção do sítio São Paulo II que apresentou preponderância em extrovertidas, as demais têm maior porcentagem em diretas. Quanto à forma da borda, a recorrência maior é do tipo reto.

	Direta	Extrovertida	Introvertida
SP II	48%	52%	0%
Sta Cruz	100%	0%	0%
Sta Fé	100%	0%	0%
N. Esp	100%	0%	0%
Laguinho	56%	44%	0%
Hatahara	100%	0%	0%

	Apo.	Bis.	Rol. Int.	Rol. Ext.	Exp.	Afi.	Reto
SP II	0%	28%	0%	2%	0%	5%	65%
Sta Cruz	0%	7%	7%	0%	0%	10%	76%
Sta Fé	0%	0%	0%	0%	0%	0%	100%
N. Esp	0%	50%	0%	0%	17%	0%	17%
Laguinho	0%	0%	0%	56%	22%	11%	22%
Hatahara	0%	0%	0%	0%	0%	0%	100%

Quanto à decoração, ela pode ser com engobo interno e/ou externo acompanhado ou não da decoração plástica externa. Nos antiplásticos há uma recorrência equilibrada entre caraipé e cauxí, com uma parcela representativa de caco moído.

	Dec. Pint Int	Dec. Pint Ext	Dec Plas Int	Dec Plas Ext	Eng Int	Eng Ext
SP II	0%	1%	0%	15%	11%	14%
Sta Cruz	7%	3%	0%	10%	28%	14%
Sta Fé	0%	0%	0%	33%	0%	0%
N. Esp	0%	0%	0%	17%	17%	50%
Laguinho	0%	0%	0%	33%	0%	22%
Hatahara	0%	50%	0%	0%	0%	50%

	Cauxí	Caraipé	Caco Moído	Mineral	Hematita	Argila	Carvão
SP II	58%	44%	28%	99%	64%	11%	32%
Sta Cruz	7%	97%	45%	100%	97%	38%	31%

Sta Fé	0%	100%	0%	100%	100%	0%	0%
N. Esp	33%	67%	0%	100%	83%	0%	17%
Laguinho	78%	33%	44%	89%	89%	0%	11%
Hatahara	100%	100%	50%	100%	0%	0%	0%

Conjunto 9

Formado por vasilhas esféricas com contorno simples e forma irrestritiva. O diâmetro varia entre 20-50cm e a espessura do fragmento tem média entre 9-12mm. O conjunto é presente nos sítios São Paulo II (39), Santa Cruz (14), Lauro Sodré (5), Santa Fé (3), Laguinho (4) e Hatahara (4).

As bordas possuem inclinação direta, representada pela maioria dos sítios, com exceção do sítio Santa Cruz que teve preponderância na inclinação extrovertida. Na forma da borda há predominância do tipo reto.

	Direta	Extrovertida	Introvertida
SP II	90%	10%	0%
Sta Cruz	7%	93%	0%
Lauro Sodré	60%	40%	0%
Sta Fé	100%	0%	0%
Laguinho	75%	25%	0%
Hatahara	100%	0%	0%

	Apo.	Bis.	Rol. Int.	Rol. Ext.	Exp.	Afi.	Reto
SP II	0%	8%	0%	8%	0%	5%	79%
Sta Cruz	0%	14%	0%	14%	0%	21%	50%
Lauro Sodré	0%	0%	20%	0%	0%	20%	60%
Sta Fé	0%	0%	0%	0%	0%	0%	100%
Laguinho	0%	0%	0%	100%	0%	0%	0%
Hatahara	0%	0%	0%	0%	0%	0%	100%

A decoração está presente somente nos fragmentos dos sítios Hatahara, Santa Cruz e São Paulo II, com o predomínio da decoração plástica externa. Com os antiplásticos há maior recorrência de cauxí, com menor ênfase no caraipé e caco moído.

	Dec. Pint Int	Dec. Pint Ext	Dec Plas Int	Dec Plas Ext	Eng Int	Eng Ext
SP II	0%	0%	3%	31%	8%	10%
Sta Cruz	0%	7%	0%	14%	0%	21%

Lauro Sodré	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Sta Fé	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Laguinho	0%	0%	25%	100%	0%	0%
Hatahara	0%	0%	0%	50%	0%	50%

	Cauixi	Caraipé	Caco Moído	Mineral	Hematita	Argila	Carvão
SP II	62%	46%	26%	92%	74%	21%	31%
Sta Cruz	86%	14%	0%	79%	0%	36%	43%
Lauro Sodré	0%	60%	40%	60%	60%	0%	0%
Sta Fé	0%	100%	67%	100%	100%	0%	0%
Laguinho	75%	0%	50%	100%	0%	0%	0%
Hatahara	100%	25%	0%	100%	0%	0%	50%

Conjunto 10

Formado por vasilhas com contorno complexo, forma restritiva ou direta, presença de flange mesial no meio ou na parte superior do bojo e com a boca quadrangular (médio rio Solimões) ou circular (médio e baixo rio Solimões). As vértices variam entre 12-22cm e a espessura do fragmento tem média entre 9-14mm. É um dos conjuntos mais representativos do sítio Lauro Sodré (41), possuindo somente uma única ocorrência confirmada no sítio São Paulo II, à partir de uma vasilha inteira remontada. Essa morfologia é diagnóstica da fase Guarita, possuindo registros de sua ocorrência em outras áreas da Amazônia (Simões et al 1984; Miller et al 1992; Moraes 2006; Trindade 2009).

A inclinação da borda pode ser direta, extrovertida e introvertida, com maior recorrência da primeira. Quanto à forma, houve maior representação do tipo biselado e expandido.

	Direta	Extrovertida	Introvertida
Lauro Sodré	39%	5%	17%
São Paulo II	100%	0%	0%

	Apo.	Bis.	Rol. Int.	Rol. Ext.	Exp.	Afi.	Reto
Lauro Sodré	0%	37%	5%	2%	39%	2%	2%
São Paulo II	0%	0%	0%	0%	0%	0%	100%

Figura 22 – Exemplo de decoração plástica acanalada com pintura amarela e vermelha. Vasilha LS-1024 (sítio Lauro Sodré). Desenho: Erêndira Oliveira.

Todos os fragmentos e vasilhas inteiras apresentaram decoração plástica externa e, em alguns casos, houve resquício de pintura e/ou engobo. Nos antiplástico houve preponderância do cauixí no sítio Lauro Sodré e caraipé no São Paulo II.

	Dec. Pint Int	Dec. Pint Ext	Dec Plas Int	Dec Plas Ext	Eng Int	Eng Ext
Lauro Sodré	2%	7%	0%	100%	0%	20%
São Paulo II	0%	100%	0%	100%	0%	100%

	Cauixi	Caraipé	Caco Moído	Mineral	Hematita	Argila	Carvão
Lauro Sodré	100%	0%	5%	100%	59%	2%	0%
São Paulo II	0%	100%	0%	100%	100%	0%	100%

Conjunto 11

Formado por vasilhas esféricas com contorno complexo e forma restritiva ou direta. Esse conjunto é semelhante ao anterior, mas de boca ovalada e sem a flange mesial. O diâmetro da boca varia entre 12-24cm e a espessura do fragmento entre 12-16mm. Foi identificado somente no sítio Lauro Sodré (5) e todas com formas inteiras.

A inclinação da borda varia entre direta e extrovertida com forma biselada ou expandida. Todas apresentaram decoração plástica externa e algumas ocorrências de pintura nos acanalados. O antiplástico preponderante é o cauixí.

	Direta	Extrovertida	Introvertida
Lauro Sodré	60%	40%	0%

	Apo.	Bis.	Rol. Int.	Rol. Ext.	Exp.	Afi.	Reto
Lauro Sodré	0%	40%	0%	0%	20%	0%	40%

	Dec. Pint Int	Dec. Pint Ext	Dec Plas Int	Dec Plas Ext	Eng Int	Eng Ext
Lauro Sodré	0%	20%	0%	80%	0%	60%

	Cauixi	Caraipé	Caco Moído	Mineral	Hematita	Argila	Carvão
Lauro Sodré	100%	0%	0%	100%	100%	20%	0%

Conjunto 12

Formado por vasilhas rasas com contorno simples e forma irrestritiva. O diâmetro varia entre 30-50cm e a espessura do fragmento entre 15-30mm. Está presente nos sítios Lauro Sodré (2) e São Paulo II (3).

A inclinação da borda pode ser direta ou extrovertida, com maior recorrência da primeira, e forma reta. Não há presença de decoração e o antiplástico preponderante é o cauixi.

	Direta	Extrovertida	Introvertida
Lauro Sodré	50%	50%	0%
São Paulo II	67%	33%	0%

	Apo.	Bis.	Rol. Int.	Rol. Ext.	Exp.	Afi.	Reto
Lauro Sodré	0%	0%	0%	0%	0%	0%	100%
São Paulo II	0%	0%	0%	0%	0%	33%	66%

	Cauixi	Caraipé	Caco Moído	Mineral	Hematita	Argila	Carvão
Lauro Sodré	100%	0%	0%	100%	0%	0%	0%
São Paulo II	67%	33%	33%	100%	67%	0%	33%

Conjunto 13

Formado por vasilhas esféricas com contorno simples e forma restritiva. O diâmetro da boca varia entre 40-56cm e a espessura do fragmento entre 11-17mm. Este conjunto foi identificado somente no sítio Lauro Sodré (6).

A inclinação da borda varia entre direta e extrovertida com forma expandida ou reta. A decoração pode ser plástica externa e/ou engobo externo e o antiplástico preponderante é o cauixi.

	Direta	Extrovertida	Introvertida
Lauro Sodré	50%	0%	50%

	Apo.	Bis.	Rol. Int.	Rol. Ext.	Exp.	Afi.	Reto
Lauro Sodré	0%	0%	0%	0%	83%	0%	17%

	Dec. Pint Int	Dec. Pint Ext	Dec Plas Int	Dec Plas Ext	Eng Int	Eng Ext
Lauro Sodré	0%	0%	0%	17%	0%	17%

	Cauixi	Caraipé	Caco Moído	Mineral	Hematita	Argila	Carvão
Lauro Sodré	100%	0%	0%	100%	17%	0%	0%

Capítulo 4: Discussão dos Resultados

4.1 Análise cerâmica e a formação de conjuntos

Durante a pesquisa foram explorados os atributos e a morfologia da cerâmica, além da correlação de ambos os aspectos. De um modo geral, em uma escala intra-sítio, independente da formação de conjuntos, averiguamos que há uma imensa variedade de opções tecnológicas, mas sempre com um predomínio quantitativo de uma opção que se destaca das demais. No entanto, tomamos essa escala de forma mais abrangente, comparando os sítios, pode-se concluir que não há uma padronização tecnológica em relação ao preparo da pasta e tecnologia empregada, excetuando a própria morfologia dos vasos e os aspectos decorativos.

Já era esperado que a policromia fosse um elemento permanente nessa cerâmica (não é atoa que a fase Guarita está inclusa na Tradição Polícroma da Amazônia), com a presença de engobo branco ou vermelho associado a motivos pintados em tons avermelhados e pretos. O uso da decoração plástica acanalada também é bastante recorrente e em muitos casos é o fator que acompanha os traços e a espessura da pintura (pintura dentro do motivo acanalado). Essa técnica plástica se diferencia das cerâmicas da Tradição Borda Incisa/Barrancóide, onde o uso da incisão é mais recorrente. A presença do rolete

externo reforçando o lábio e a flange mesial também são elementos que, agregados às características citadas acima, definem a fase Guarita, porém a sua recorrência não está presente em todas as formas.

Como foi demonstrado, há uma grande variabilidade formal na cerâmica da fase Guarita e a ausência de algumas formas em determinados sítios, não implica na sua inexistência ou no fato do determinado grupo não a conhecer. A amostragem aqui trabalhada é pequena para discutir as razões de uma forma aparecer somente em um sítio e ser ausente em outro.

A variabilidade formal está relacionada às escolhas tecnológicas das artesãs e são motivadas de acordo com o desempenho do artefato, conhecimento e experiência da mesma, incluindo-se aí fatores comportamentais, sociais e ambientais (SILVA, 2000; SCHIFFER e SKIBO, 1997)

De um modo geral, as variações tecnológicas e a permanência da morfologia nos vasilhames, tanto numa escala espacial como temporal, estão intrinsicamente relacionadas ao processo de escolhas do artesão e na relação de ensino e aprendizagem. Por exemplo, a predominância dos antiplásticos caraipé no sítio São Paulo II e do Cauixí no sítio Lauro Sodré para o conjunto 7, poderia ser facilmente justificada através de uma perspectiva adaptativa, onde tais escolhas tecnológicas seriam uma resposta aos limites ambientais, elaboradas a partir de razões de custo-benefício e risco. Mas tal entendimento determinista restringe e simplifica a complexidade dos processos culturais (MACHADO 2005; BINFORD, 1979).

Conforme observado por Schiffer e Skibo (1992) a idéia de tecnologia vai além de uma ferramenta para manipular o meio ambiente, pois ela envolve todo um comportamento e conhecimento para a criação e utilização dos produtos. Ainda no exemplo anterior, mesmo que ambos os sítios estivessem sendo ocupados no mesmo período e, estando relativamente próximos um do outro, conhecessem as respectivas tecnologias vizinhas (uso do caraipé e cauixí), a não utilização não quer dizer que houve falha na difusão tecnológica ou ocorreu uma invenção local, mas pode ter sido uma escolha do artesão levada a cabo por várias razões, sejam elas culturais, sociais (LEMMONIER, 1992) ou o que Leroi-

Gourhan (1945 apud op cit.) chamou de meio técnico desfavorável (*unfavorable technical milieu*). Arnold (1985) também chama a atenção para as barreiras existente na inclusão de novas tecnologias, que estariam relacionadas a comportamentos já estabelecidos e que seriam incompatíveis com as novas tecnologias.

Obviamente que, nesse exemplo utilizado, estamos ignorando a questão do uso e função, o qual também poderá influenciar em alguns atributos, mas que não exclui a opção de escolha do artesão (RICE 1987; SHEPPARD 1956). Conforme demonstrou Olivier Gosselain (1998: 87) em seu estudo no sul de Camarões, várias técnicas de produção (preparo da argila, tipo de antiplásticos, atmosfera de queima e tratamento de superfície antes e pós-queima) podem atingir o mesmo objetivo técnico e funcional. O autor averiguou entre várias tribos que o mesmo pote com tamanho e formas iguais foi produzido com técnicas diferentes.

Em suma, a tecnologia pode variar no espaço e no tempo sem alterar a morfologia e função de um determinado tipo de vasilhame. Isso está correlacionado com o processo de ensino e aprendizagem, onde o comportamento técnico ou “motor habits” (hábitos motores) (ARNOLD 1985) é o resultado de disposições adquiridas socialmente e não há, necessariamente, um determinismo ambiental, técnico ou funcional limitante (GOSSELAINE 1998). Segundo Gosselain, o momento de criar a forma de um vaso é o estágio da produção em que o “professor” demonstra os gestos e as posturas utilizadas para dar o molde e, o aluno, incorpora esses aspectos em seu comportamento como futuro ceramista. Isso porque a etapa de moldar a argila demanda técnicas mais precisas, pois uma parede pode se tornar muito fina ou grossa conforme o alisamento ou algumas partes podem se tornar irregulares de acordo com a pressão exercida pelas mãos do ceramista, entre outras dificuldades que surgem durante a produção. Portanto, os hábitos motores são passados de geração em geração, fazendo com que a forma de um objeto se mantenha ao longo do tempo, enquanto que outros aspectos tecnológicos sofrem manutenções de acordo com os fatores de ordem social ou simbólica.

Outro fator interessante levantado por Gosselain é o modo da aprendizagem, pois existe a questão da comunicação e distância entre o professor e o aluno. Nesse caso, populações que são linguisticamente afiliadas ou que compartilham uma história e/ou política comum possuem morfologias semelhantes ou técnicas que diferem dos vizinhos em algum aspecto (op cit.). No caso ameríndio isso não ocorre necessariamente, uma vez que temos exemplos de contextos multiétnicos com uma cultura material semelhante (e.g. Alto Xingu), onde o fator diferenciador de identidade é a língua (FRANCHETTO, 2001).

A permanência de determinados aspectos decorativos, bem como os seus motivos, podem passar uma série de informações que seriam devidamente interpretadas dentro do seu contexto temporal e cultural. Assim como uma determinada característica tecnológica ou uma morfologia específica, os motivos e técnicas decorativas podem indicar uma determinada afiliação religiosa, social ou tribal (ORTON et al 1993). De qualquer forma, este trabalho não contemplou uma análise voltada para os motivos e estilos decorativos, fazendo-se necessário um estudo específico dessas categorias para tentar identificar possíveis fronteiras culturais (Gosselain 1992; Arnold 1985).

4.2 Cronologias das ocupações

Ao contrário do que havia sido proposto por Lathrap (1970), as ocupações relacionadas à fase Guarita na Amazônia Central iniciam em torno do ano 1000 d.C., rompendo em vários aspectos com as ocupações anteriores associadas à Tradição Borda Incisa. As datas adquiridas pelo PAC e Gasoduto Coari-Manaus mostram que a presença desses grupos polícromos começam a partir de 1280 d.C. na margem do baixo rio Solimões (sítio Laguinho) e 900 d.C. na margem do baixo rio Negro (sítio Açutuba), se prolongando até o período do contato europeu (CASTRO 2009; LIMA 2008).

Ao longo do rio Solimões, até o município de Coari, as datas são relativamente próximas às obtidas na Amazônia Central, com uma ocupação em torno de 1150 d.C. (HILBERT 1968), no município de Coari, e 1280 d.C. para o

sítio Monte Sinai localizado em um lago no município de Codajás, à jusante de Coari e na margem esquerda do rio Solimões (NEVES 2010).

No entanto, as datas mais antigas para essas ocupações foram obtidas nos afluentes do rio Solimões, no município de Coari, iniciando em 763 d.C. (HANKE 1959) e 770 d.C. (NEVES 2010), e uma data mais tardia no sítio Nova Esperança em torno de 1160 d.C.

Gráfico 74 - Cronologia das ocupações policromas no médio e baixo rio Solimões.

Sítio	Código	Amostra	Data Convencional	Data Calibrada (2 Sigma)
Açutuba	Beta 90009	Cerâmica	980±60 AP	990 d.C. - 1160 d.C.
Açutuba	Beta 97529	Cerâmica	790±40 AP	1210 d.C. - 1270 d.C.
Coarí I	-	Cerâmica	800±57 AP	1093 d.C. - 1207 d.C.
Coarí II	-	Cerâmica	1187±48 AP	715 d.C. - 811 d.C.
Hatahara	Beta 143582	Carvão	350±40 AP	1470 d.C. - 1640 d.C.
Lago do Limão	OxA 15504	Cerâmica	625±26 AP	1290 d.C. - 1400 d.C.
Laguinho	Beta 258148	Cerâmica	630±4 AP	1280 d.C. - 1410 d.C.
Monte Sinai	Beta 242444	Carvão	670±40 AP	1280 d.C. - 1310 d.C.
Monte Sinai	Beta 242445	Carvão	670±40 AP	1280 d.C. - 1310 d.C.
Nova Esperança	Beta 242447	Carvão	850±40 AP	1050 d.C. - 1090 d.C.
Santa Fé	Beta 242454	Carvão	1140±40 AP	780 d.C. - 990 d.C.
Vila Nova II	Beta 297133	Cerâmica	1970±30 AP	40 a.C. - 80 d.C.

Tabela 4 - Datas obtidas para contextos arqueológicos associados à Fase Guarita.

É interessante salientarmos que essas três datas estão localizadas na margem direita do rio Solimões, sendo que a data obtida por Wanda Hanke é do

Lago de Coari e as outras duas são do médio rio Urucu, ambos afluentes do rio Solimões.

Em suma, as datas mais antigas relacionadas às ocupações da TPA na bacia do rio Solimões estão localizadas no afluente ao sul das margens deste rio. Posteriormente, sua presença ao longo do rio Solimões e baixo rio Negro surge em torno do ano 1000 d.C., mas não abandonando necessariamente os seus afluentes, como é o caso do sítio Nova Esperança e Monte Sinai.

Com base nessas datas podemos pensar em duas hipóteses, sendo a primeira com base em uma expansão com rota única e a segunda com rotas de origem diferenciadas. A primeira é que esses grupos ceramistas ocuparam a região do médio rio Solimões em dois momentos diferentes: primeiramente nos altos cursos de igarapés e lagos afluentes, com uma ocupação de menor duração e tamanho. Posteriormente, esses grupos se expandiriam rumo às margens do rio Solimões.

Na segunda hipótese, poderíamos correlacionar essa expansão oriunda de locais e momentos diferenciados, sendo uma rota vinda do sul através dos afluentes e povoando a região do médio curso do rio Solimões e outra vinda do leste, à jusante de Manaus, ocupando a área de confluência. Datas obtidas durante o PRONAPABA (SIMÕES et al 1987) apontam para uma ocupação de grupos polícromos ao redor de 300 d.C. e 900 d.C. (Fases Saracá e Uatumã). Porém, é necessário rever o material dessas fases, bem como o contexto no qual a data foi obtida, pois o contexto polícromo pode estar associado à fase Pocó.

Outra possibilidade é uma expansão a partir do norte, da região do médio rio Negro, próximo à foz do rio Unini, onde um fragmento cerâmico associado à TPA foi datado entre 40 a.C. e 80 d.C., porém o seu contexto e material ainda não foram devidamente estudados.

As hipóteses propostas podem ser testadas em campo, comparando os sítios da TPA dos afluentes com aqueles localizados nas margens dos rios Solimões, Negro e Amazonas, sendo que uma não é excludente da outra. Além disso, é necessário revisar o contexto e o material coletado durante as pesquisas

do PRONAPABA, para melhor compreensão e definição do que está sendo chamado de Tradição Polícroma da Amazônia.

Independente das hipóteses propostas acima, as datas obtidas até o momento indicam uma ocupação mais antiga ao norte e sul do rio Solimões-Amazonas. Isso quer dizer que, embora a expansão da TPA tenha ocorrido no sentido leste-oeste em uma escala continental (situando temporalmente a fase Marajoara no século V a leste e a fase Napo no século XII à oeste), em uma escala regional vemos que o processo não foi linear. Isso nos auxilia a entender melhor o processo de expansão desses grupos, além de refutar argumentações puramente adaptativistas e a idéia de pressão demográfica na várzea, conforme proposto por Lathrap, como motor da expansão.

Obviamente, as ocupações relacionadas à TPA nas margens do rio Solimões podem ser muito mais antigas do que expostas até o momento, uma vez que ainda há uma grande área para ser amostrada e, além disso, existe a possibilidade de nunca encontrarmos essas ocupações mais antigas em determinados trechos do rio Solimões, devido à erosão lateral acelerada ou as “terras caídas”. Portanto, sítios localizados nos afluentes e lagos de água preta podem conter um compartimento hidrográfico mais estável e, portanto, passíveis de preservarem um contexto arqueológico mais antigo.

Capítulo 5: Conclusão

Na virada do primeiro milênio, grande parte das margens do rio Solimões e parte do baixo rio Negro estavam ocupadas por populações associadas à Tradição Policroma da Amazônia. A TPA vem sendo estudada desde a primeira metade do século XX e um dos principais focos do debate é em relação a sua origem e os processos que levaram a sua expansão. Essa pergunta ainda está longe de ser respondida, mas o intuito desta pesquisa é trazer novos dados e contribuir para a discussão acerca da TPA.

Conforme foi apresentado nos itens anteriores, ao redor do ano 1000 d.C. a cerâmica da fase Guarita apresentou uma maior semelhança morfológica do que tecnológica em uma escala espacial. E, conforme os dados obtidos através do

sítio Santa Fé, também houve pouca alteração na forma em uma escala temporal (Séc. VIII d.C.). Essa estabilidade nas formas dos artefatos cerâmicos pode estar associada com o conceito de ensino e aprendizagem, onde o aprendizado de técnicas para o molde do vasilhame é incorporado nos hábitos motores do aprendiz. Os aspectos decorativos, aliados ao tratamento de superfície, também são características que permanecem nessa cerâmica, como o engobo branco ou vermelho associado a pinturas com tons avermelhado ou preto e decorações plásticas acanaladas. Outras características como o uso da flange mesial e o reforço labial externo são atributos que permanecem no espaço e no tempo, além de caracterizar a cerâmica como pertencente à fase Guarita.

Quanto à sua ocupação não há uma padronização na forma ou densidade, variando de caso a caso. Os sítios Santa Fé, Nova Esperança, Santa Cruz e São Paulo II ocupam áreas mais altas, isentas da inundação sazonal e delimitadas pela calha do curso de água principal e seus afluentes. A densidade de material cerâmico concentra-se, normalmente, nessas pequenas confluências dos afluentes com o curso de água maior. Em relação ao solo, com exceção do sítio Santa Fé, todos os outros três apresentam a terra preta antropogênica acompanhando o pacote arqueológico, variando entre 40 cm e 60 cm de profundidade. O tamanho médio dos sítios varia entre 3 a 8 hectares de extensão.

Por outro lado, os sítios Laginho e Hatahara apresentaram outra configuração, principalmente por serem multicomponenciais e possuírem uma extensão de terra muito mais prolongada que os sítios do município de Coari, isto é, Hatahara e Laginho não estão compartimentados por limites naturais. O Hatahara ocupa uma área de 16 hectares e o Laginho de 19 hectares, porém a densidade de material da fase Guarita no sítio Hatahara não se dispersa por mais de 0,9 hectares, contrapondo o Laginho que ocupa aproximadamente os 19 hectares. A Terra Preta encontrada em ambos ultrapassa a marca de 1,5m de profundidade, embora sua formação esteja associada às ocupações anteriores. A densidade de material da fase Guarita em ambos varia conforme a área do sítio (em Hatahara está concentrado em uma pequena área próxima a margem do

Solimões; Laguinho espalhado por todo sítio), mas nos dois casos não ultrapassam os 40-60 cm de profundidade.

Em suma, a ocupação da fase Guarita é superficial e não obedece a um padrão claro de assentamento, sendo encontrado tanto nas margens dos rios de primeira ordem, como em seus lagos e afluentes. Essas áreas correspondem a locais que já foram ocupados (ou que estavam sendo ocupados no momento da chegada dos grupos associados à cerâmica Guarita) ou em novas localidades onde não havia qualquer presença de antigas ocupações.

Levando em consideração os aspectos da estabilidade da forma e variação tecnológica da cerâmica, as cronologias obtidas para esses sítios e a inserção dessas ocupações no espaço, permitiu a elaboração de hipóteses sobre a expansão dessas populações ao longo do rio Solimões, baseando-se em modelos e teorias já estabelecidas para outras áreas de floresta tropical. A seguir, exploraremos algumas hipóteses divididas em dois segmentos: o espacial (médio e baixo rio Solimões) e o temporal (séculos VIII, XI e XVI d.C.).

- **Escala Espacial**

As duas áreas estudadas nessa pesquisa podem ter passado por processos diferenciados quanto da chegada dos grupos associados à TPA. De início devemos levar em consideração de que em torno do ano 1000 d.C., a região da área de confluência dos rios Solimões e Negro era densamente povoada pelos grupos associados à fase Paredão (Tradição Borda Incisa – TBI), ocupando extensas áreas, modificando a paisagem, gerando densos pacotes de terra preta antropogênica de forma voluntária e/ou involuntária, erguendo conjuntos de montículos artificiais articulados em forma ovalóide e construindo valas defensivas (DONATTI 2002; MACHADO 2005; MORAES 2006; NEVES 2008). Diante desse contexto que começa a se desenvolver em torno dos séculos 400-500 d.C., a partir do ano 1000 d.C. esse panorama começa a se alterar com os assentamentos massivos de um novo grupo, representantes da cerâmica da fase Guarita (NEVES 2008). Ainda não está totalmente claro de que forma se estabeleceu essa relação entre os antigos moradores e os recém-chegados,

porém o registro arqueológico indica que houve confronto com a chegada dos novos moradores, com a descoberta de valas defensivas na área de confluência e próxima a foz do rio Madeira datadas em torno da virada do primeiro milênio (DONATTI 2002; NEVES 2006; MORAES 2010). A resistência e os conflitos com os antigos moradores podem ter dificultado o estabelecimento permanente desse novo grupo na região, o que poderia ser atestado através de datações absolutas. Até o presente momento, as datas indicam a presença da cerâmica da fase Guarita a partir do ano 900 d.C. no rio Negro e 1280 d.C. na várzea do rio Solimões.

Em compensação, na região do município de Coari, a chegada desse grupo pode ter ocorrido de forma mais pacífica e sem maiores conflitos. Até o momento não há evidências arqueológicas que demonstrem uma ocupação próxima ao período de chegada dos grupos policromos. O sítio Nova Esperança é o único que apresenta uma ocupação anterior à chegada da fase Guarita, mas há uma diferença cronológica de no mínimo 270 anos entre o fim de uma e início da outra, sendo facilmente visível na estratigrafia do sítio (anexo 21). Obviamente que a ausência não implica em inexistência, podendo ser apenas uma questão amostral, mas dentre aproximadamente 22 sítios arqueológicos identificados e prospectados durante o Gasoduto Coari-Manaus na região de Coari, somente um único sítio apresentou uma ocupação anterior e todos os demais são unicomponenciais associados à TPA (LIMA 2008; NEVES 2010). O mesmo não se pode dizer rio acima, dentro dos limites do município vizinho de Tefé, onde já foram identificados sítios multicomponenciais associados tanto à TPA quanto à TBI (HILBERT 1968; COSTA 2008; GOMES 2011).

O fato de essa região ser uma área inabitada pode ter facilitado a penetração e o estabelecimento desses grupos nas margens do rio Solimões e alguns de seus afluentes de uma forma mais rápida. Esse “vazio” demográfico pode ser explicado pelo que DeBoer (1981) chama de *Buffer Zones* (Zona Tampão), ou seja, uma área não habitada ou não contestada e que separam dois ou mais grupos rivais, minimizando conflitos ou reduzindo a interação pelo simples mecanismo de distanciamento espacial. Essa mesma área também poderia ser

utilizada como reserva de recursos, o que reduziria o uso constante de outras áreas.

Algumas Zonas Tampão pré-coloniais foram encontradas durante escavações na região do rio Ucayali, no Peru, associadas às populações falantes da língua Pano (Shipibo-Conibo) e Tupi (Cocama), onde estes últimos estavam estabelecidos na foz e os Shipibo-Conibo no alto rio Ucayali, mantendo a região central como uma Zona Tampão até a chegada dos europeus, que também registraram a presença dessa área não habitada (DEBOER 1981; MYERS 1976). Outras áreas semelhantes foram identificadas no século XVI e XVII por cronistas, na região do rio Solimões, entre os povos Omáguas (PORRO 1996). Não obstante, pesquisas etnológicas realizadas no final do século XX entre os Jívaro-Achuar, Tapirapé e Yanomami também mapearam áreas consideradas como zonas tampões (FERGUNSON 1989).

Em suma, uma área não habitada não só facilitaria a sua entrada rápida em um grande rio, como disponibilizaria recursos o suficiente para assentamentos duradouros, que por sua vez poderia promover ao longo dos séculos incursões para áreas adjacentes. Porém, o mecanismo de distanciamento deixaria de existir a partir do momento em que esse grupo ocupasse a zona tampão, criando um desequilíbrio na região e levando a três possíveis consequências (não excludentes): os grupos já estabelecidos recuam ocupando outras zonas tampões, o que desencadearia várias disputas por espaço ou fronteiras; recuam para áreas adjacentes como lagos e afluentes e/ou o grupo invadido ou invasor é subjugado e aniquilado ou assimilado (DEBOER 1981). Como foi dito anteriormente, ainda não está claro como esse processo ocorreu, mas a partir de 1100-1200 d.C. vários dos grupos que habitavam a calha do rio Solimões compartilhavam características tecnológicas e morfológicas que remetem à fase Guarita.

- **Escala Temporal**

O histórico de expansão e a permanência desses grupos podem ser divididos em três momentos distintos: o século VIII com as primeiras evidências de ocupação nos afluentes do rio Solimões; século XI com o seu estabelecimento em vários locais do rio e confronto com os antigos habitantes e no século XVI com a

chegada dos portugueses e espanhóis, que descreveram a presença desses grupos.

São três momentos distintos com processos históricos diferenciados tanto no espaço como no tempo. Não há um panorama muito exato, mas o intuito nessa pesquisa é fazer um esboço de um contexto histórico do médio-baixo rio Solimões.

Em um primeiro momento temos ocupações desses grupos da TPA em afluentes, com assentamentos pequenos e ausência de terra preta (sítio Santa Fé), o que nos leva a pensar em uma ocupação de baixa densidade demográfica e permanência. Contemporâneo a esse momento, temos a presença de um grupo associado à Tradição Borda Incisa habitando uma área próxima (sítio Nova Esperança), à 15km em linha reta do sítio Santa Fé. Não há nenhum indicativo de como teria sido essa relação, mas após aproximadamente 300 anos de abandono o sítio Nova Esperança seria ocupado pelos grupos da TPA.

Posteriormente, em torno do século XI, grande parte do rio Solimões passa a ser ocupado pelos grupos da TPA, se estabelecendo em áreas não ocupadas anteriormente (região de Coari) e mantendo algum tipo de relação com os grupos da fase Paredão (área de confluência dos rios Solimões e Negro), sejam elas pacíficas ou bélicas. Ao que tudo indica, podem ter ocorrido confrontos na região da confluência, evidenciados por valas defensivas datadas em torno desse período em sítios associados à fase Paredão.

E por último, após aproximadamente 800 anos de ocupação da fase Guarita em vários locais da bacia do rio Solimões, sua população e paisagem é descrita por vários cronistas espanhóis e portugueses. Dentre elas podemos destacar a diferenciação dos povos da região de Coari com os seus vizinhos (língua e indumentária), a existência das zonas tampões, artefatos cerâmicos e organizações tribais (região da área de confluência entre os rios Solimões e Negro).

Dentre desses três períodos, o tópico mais discutido desde a década de 1950 se refere a esse primeiro momento: como, quando, de onde e por que os grupos fabricantes da TPA se expandiram por toda área da Amazônia? Essa

pergunta está longe de ser respondida, mas esboçarei um panorama hipotético envolvendo esses três períodos.

A idéia de ensino e aprendizagem justificaria, ao longo do tempo, a continuidade de determinados atributos e escolhas culturais dos artesãos, onde a alteração de outras características tecnológicas pode ser explicada por uma questão de distanciamento geográfico dos outros grupos da TPA, adaptação aos recursos disponíveis, pela opção do próprio artesão, relações com povos vizinhos ou um assentamento estável por um longo período de tempo (ARNOLD 1985; GOSSELAIN 1998; RENFREW 2000).

Se o grupo “portador da TPA” se expandiu rapidamente por uma zona tampão, então esse contexto seria uma espécie de “*spread zone*” (RENFREW 2000), ou seja, uma área vazia que seria ocupada rapidamente por um determinado grupo e que seria caracterizada por uma baixa variabilidade nas unidades linguísticas e materiais. Segundo Nettle (1999 *apud* RENFREW 2000), um longo período de ocupação em uma mesma área levaria à dispersão contínua desses povos e à diferenciação cultural, portanto, 800 anos de ocupação estável e duradoura em uma mesma área (região de Coari) poderiam ter levado a algumas alterações na tecnologia cerâmica, como as formas quadrangulares que não são encontradas na área de confluência. O mesmo pode ser dito da variação linguística que os cronistas apontam como sendo diferente da língua falada pelos seus vizinhos (PORRO 1996; PINTO 2006). Esse seria apenas um dos vários fatores que poderiam ter influenciado nessa diversificação.

Não se sabe qual foi o motor que gerou essa dispersão rápida entre os séculos VIII ao XI, mas processos semelhantes foram identificados na região do Pacífico com a expansão dos povos Austranésios (KIRCH 2000). A fase Lapita, que é o vestígio arqueológico deixado durante a expansão Austranésia, cobre uma área com mais de 4.500km no sentido leste-oeste e sua dispersão ocorreu em um período de 200-300 anos. As novas áreas ocupadas não possuíam outras populações, como pode ter sido o caso da região de Coari, o que facilitou a mobilidade desses grupos pelas ilhas. Outro fator que deve ser levado em consideração no caso da fase Lapita, é que essa rápida expansão implicou em um

alto grau de natalidade, baixo índice de mortalidade e assentamentos de baixa densidade demográfica (KIRCH 2000). Isso é justificado pela questão da progenitura, ou seja, somente o primogênito teria o direito ao governo daquela aldeia, forçando os demais filhos do chefe a buscarem novas áreas para se fixarem (Bellwood 1996b *apud* KIRCH 2000). Mas a razão mais explorada em outros casos é o advento da agricultura aliada à alta densidade demográfica como impulsionador da expansão de um determinado povo (RENFREW 2000; BELLWOOD 2001).

Passado esses 800 anos de ocupação da TPA, essa tradição cerâmica estaria dispersa por várias regiões da bacia amazônica, desde o piemonte andino até o litoral amazônico (NEVES 2008). Cronistas iriam relatar sobre a diversidade de povos e línguas existentes nas margens dos rios Solimões-Amazonas, por outro lado a arqueologia mostraria que esses povos de línguas diferentes compartilhavam atributos cerâmicos em comum e, provavelmente, outras características o qual não temos conhecimento (ainda). Esse cenário não é diferente de outras partes do mundo, onde existem mais línguas diferentes do que cultura material: Washo e Shoshone na Grande Bacia do Nevada (*Great Basin*), os Pueblos do sudoeste estadunidense, a região da Califórnia nos Estados Unidos, norte da Nova Guiné e a região do Alto Xingu (ANTHONY 2007). Já o oposto é um contexto raro, pois uma região homogênea linguisticamente dificilmente possuirá duas culturas distintas (*op. cit.*).

Em suma, no século XVI temos uma vasta área na Amazônia ocupada por povos que compartilhavam características comuns na produção de seus artefatos cerâmicos. Apesar de não sabermos qual foi o motor que impulsionou essa expansão e nem quais foram as relações que ocorreram entre os recém-chegados e os antigos habitantes, sabemos que a dispersão da fase Guarita pelo rio Solimões foi um processo multifacetado, plural e cujo entendimento demanda uma análise contextual pormenorizada, sabendo que cada região pode ter passado por um processo histórico diferenciado. Estas são apenas algumas perguntas que darão início a um longo processo de pesquisa, por parte deste pesquisador que lhes escreve e de muitos outros que virão.

6. Bibliografia

AB'SABER, A. **Os domínios de natureza no Brasil - Potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editora, 2003.

ACUÑA, C. D. **Novo descobrimento do grande rio da Amazonas**. Tradução: Helena Ferreira. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

AMOROSO, M. R. Corsários no caminho fluvial: Os Muros do Rio Madeira. In: CUNHA, M. C. D. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras/SMC/FAPESP, 1992.

ANTHONY, D. W. **The horse, the wheel and language**. New Jersey: Princenton University Press, 2007.

ARNOLD, D. E. **Ceramic theory and cultural process**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

ARROYO-KALIN, M. **Steps towards an ecology of landscape: a geoarchaeological approach to the study of anthropogenic dark earths in the central amazon region, Brazil**. Tese de Doutorado. University of Cambridge. Cambridge. 2008.

BECKERMAN, S. Hunting and Fishing in Amazonia. Hold the answers, what are the questions? In: ROOSEVELT, A. C. **Amazonian Indias from Prehistory to the Present: Anthropological Perspectives**. Tucson&London: The University of Arizona Press, 1994.

BELLWOOD, P. Early agriculturalist population diasporas? Farming, languages and genes. **Annual Review of Anthropology**, v. 30, p. 181-207, 2001.

BINFORD, L. Organization and formation processes: looking at curated technologies. **Journal of Anthropological Research**, v. 35, n. 3, p. 255-273, 1979.

BOOMERT, A. Koriabo and the polychrome tradition: the late-prehistoric era between the Orinoco and Amazon mouths. In: DELPUECH, A.; HOFMAN, C. L. **Late ceramic age societies in the eastern caribbean**. Oxford: Archaeopress, 2004.

- BROCHADO, J. J. J. P. **Chronologies in the New World: Amazonia**. Dissertação de Mestrado. [S.l.]. 1982.
- BROCHADO, J. J. J. P. A expansão dos Tupis e da cerâmica da tradição policrômica da Amazônia. **Dédalo**, São Paulo, v. 9, p. 17-18, 1989.
- CALDARELLI, S. B. **Relatório Final do Projeto de Levantamento e Resgate da Área de Influência Direta do Polioduto Urucu-Coari, AM**. Scientia Consultoria. São Paulo. 1998.
- CASTRO, E. B. V. D. Comentário ao artigo de Francisco Noelli. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, p. 55-60, 1996.
- CASTRO, M. W. D. M. **A cronologia dos sítios Lago de Iranduba e Laguinho à luz das hipóteses de ocupação humana para a Amazônia Central**. São Paulo: Dissertação de mestrado do PPG-MAE/USP, 2009.
- CHIRINOS, R. **Padrões de assentamento no sítio Osvaldo, Amazonas**. Dissertação de Mestrado. MAE-USP. São Paulo. 2007.
- CLEMENT, C. 1492 and the loss of Amazonian crop genetic resources II: crop biogeography at contact. **Economic Botany**, v. 2, n. 53, 1999b.
- COSTA, B. L. S. D. Levantamento arqueológico na RDS Amanã. **Uakari**, Tefé, v. 4, n. 2, p. 7-18, dezembro 2008.
- COSTA, F. W. S. **Arqueologia das campinaranas do baixo rio Negro: Em busca dos pré-ceramistas no areais da Amazônia Central**. Tese de Doutorado. MAE-USP. São Paulo. 2009.
- CRULS, G. Arqueologia amazônica. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 169-220, 1942.
- DENEVAN, W. A Bluff Model of Riverine Settlement in Prehistoric Amazônia. **Annals of the Association of American Geographers**, 1996.
- DOLE, G. Homogeneidade e diversidade no alto Xingu vistas a partir dos cuicuros. In: COELHO, V. P. **Karl von en Steinen: Um século de antropologia no Xingu**. São Paulo: EDUSP, 1993. p. 375-404.
- DOLE, G. Retrospectiva da história comparativa das culturas do Alto Xingu: um esboço das origens culturais alto-xinguanas. In: FRANCHETTO, B.;

HECKENBERGER, M. J. **Os povos do Alto Xingu: história e cultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. p. 63-76.

DONATTI, P. B. **Levantamento dos sítios arqueológicos localizados nas margens norte do Lago Grande. Estudo do Sítio Lago Grande**. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2002.

EDEN, M. J. et al. Terra Preta soils and their archaeological context in the Caquetá Basin of Southeast Colombia. **American Antiquity**, v. 49, n. 1, p. 125-140, 1984.

FARIAS, S. D. P. **Análise dos vestígios faunísticos do Sítio Hatahara, Amazonas. Relatório de Iniciação Científica apresentado à FAPESP**. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006.

FERGUNSON, R. B. Ecological consequences of amazonian warfare. **Ethnology**, Pittsburgh, v. 28, n. 3, p. 249-264, Julho 1989.

FRANCHETTO, B. Línguas e histórias no Alto Xingu. In: HECKENBERGER, M.; FRANCHETTO, B. **Os povos do Alto Xingu: história e cultura**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. p. 111-156.

GASSÓN, R. A. Orinoquia: The Archaeology of the Orinoco River Basin. **Journal of World Prehistory**, v. 16, n. 3, p. 237-311, Setembro 2002.

GOMES, J. É verdade que aqui já foi uma antiga aldeia de índio? Análise cerâmica e cronologia preliminar do sítio arqueológico Boa Esperança, RDS AMANÃ, médio Solimões, AM. **Uakari**, Tefé, v. 7, n. 2, p. 7-20, 2011.

GOSSELAIN, O. P. Social and technical identity in a clay crystal ball. In: STARK, M. T. **Archaeology of social boundaries**. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1998. p. 78-106.

HANKE, W. Archäologische Funde im oberen Amazonasgebiet. **Archiv für Völkerkunde**, Viena, v. 14, p. 31-66, 1959.

HECKENBERGER, M. J. **The Ecology of Power: Culture, Place, and Personhood in the Southern Amazon, AD 1000 - 2000**. New York: Routledge, 2005.

HECKENBERGER, M.; NEVES, E. G.; PETERSEN, J. De onde vem os modelos? A arqueologia da origem Tupi e Guarani. **Revista de Antropologia**, São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 41, n. 1, 1998.

- HECKENBERGER, M.; NEVES, E. G.; PETERSEN, J. Village size and permanence in Amazonia: Two archaeological examples from Brazil. **Latin American Antiquity**, v. 10, n. 4, p. 353-376, 1999.
- HEINEN, H. D.; GARCÍA-CASTRO, A. The Multiethnic Network of the Lower Orinoco in Early Colonial Times. **Ethnohistory**, v. 47, n. 3-4, p. 561-579, 2000.
- HEMMING, J. **Ouro Vermelho: A conquista dos índios brasileiros**. São Paulo: EDUSO, 2007.
- HERRERA, L.; WARWICK, B.; MCEWAN, C. Datos sobre la arqueología de Araracuara (Comisaría del Amazonas Colombia). **Revista Colombiana de Antropología**, v. 23, p. 183-251, 1980.
- HILBERT, P. P. **Archäologische Untersuchungen Am Mittlern Amazonas**. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1968.
- HORNBORG, A. Ethnogenesis, regional integration, and ecology in prehistoric Amazonia: towards a systemic perspective. **Current Anthropology**, v. 4, n. 46, p. 589-620, 2005.
- KIRCH, P. V. **On the road of the winds: An archaeological history of the Pacific Islands before european contact**. Berkeley: University of California Press, 2000.
- KOCH-GRÜNBERG, T. **Dois anos entre os indígenas - Viagens no noroeste do Brasil (1903-1905)**. Manaus: EDUA, 2005.
- LATHRAP, D. **O Alto Amazonas**. Lisboa: Verbo, 1975.
- LATHRAP, D.; OLIVER, J. Agüerito: El complejo policromo mas antiguo de America en la confluencia del Apure y el Orinoco (Venezuela). **Interciência**, v. 12, p. 274-289, 1987.
- LEHMANN, J. et al. Soil fertility and production potential. In: LEHMANN, J., et al. **Amazonian Dark Earths: Origin, Properties, Management**. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003.
- LEMMONIER, P. **Elements for an anthropology of technology**. Michigan: Museum of Anthropological Research. University of Michigan, 1992.
- LIMA, H. P. **História das Caretas: A Tradição Borda Incisa da Amazônia Central**. São Paulo: Doutorado defendido na PPG-MAE/USP, 2008.

LIMA, H. P.; NEVES, E. G.; PETERSEN, J. B. A fase Açutuba: um novo complexo cerâmico na Amazônia Central. **Arqueologia Suramericana**, v. 2, n. 1, p. 26-52, 2006.

LIMA, L. F. E. **Levantamento arqueológico das áreas de interflúvio na área de confluência dos rios Negro e Solimões**. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2003.

LIMA, M.; TAMANAHA, E. K. **Relatório final de atividades entregue ao PIATAM**. PIATAM. Manaus. 2007.

LIMA, M.; TAMANAHA, E. K. **Relatório parcial de atividades entregue ao PIATAM**. PIATAM. Manaus. 2008.

MACHADO, J. S. **Montículos artificiais na Amazônia Central: Um Estudo de Caso do Sítio Hatahara**. São Paulo: Dissertação de Mestrado do PPG-MAE/USP, 2005.

MEGGERS, B. J. **A Reconstrução da Pré-História Amazônica**. São Paulo: EDUSP, 1974.

MEGGERS, B. J. **Amazônia: A Ilusão de um Paraíso**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

MEGGERS, B. J. Vegetation fluctuation and prehistoric cultural adaptations in Amazonia: some tentative correlations. **World Archaeology**, v. 8, n. 3, p. 287-303, 1977.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C. **Archaeological investigations at the mouth of the Amazon**. Washington: Smithsonian Institution Press, v. Smithsonian Institution Bulletin No 167, 1957.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C. **Archaeological investigations on the rio Napo, eastern Ecuador**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1968.

MÉTRAUX, A. Migrations historiques des Tupi-guarani. **Journal de la société de Américanistes**, Paris, p. 1-45, 1927.

MÉTRAUX, A. Tribes of the Jurua-Purus basins. In: STEWARD, J. H. **Handbook of South American Indians**. Washington: Smithsonian Institution, v. 3, 1948. p. 657-686.

MÉTRAUX, A. Tribes of the Middle and Upper Amazon River. In: STEWARD, J. H. **Handbook fo South American Indians**. Washington: Smithsonian Institution, v. 3, 1948. p. 687-712.

MILLER EURICO, E. A. **Arqueologia nos empreendimentos hidrelétricos da Eletronorte; resultados preliminares**. Brasília: Eletronorte, 1992.

MILLER, E. T. Pesquisas arqueológicas paleoindígenas no Brasil ocidental. In: NUÑEZ, L.; MEGGERS, B. J. **Investigaciones paleoindias al sur de la linea ecuatorial. Estudios Atacamenos No. 8**. San Pedro de Atacama, Chile: Instituto de Investigaciones Arqueologicas, Universidad del Norte, 1987. p. 37-61.

MILLER, E. T. Adaptação agrícola pré-histórica no alto rio Madeira. In: MEGGERS, B. J. **Prehistoria Sudamericana: Nuevas Perspectivas**. Washington: Taraxacum, 1992. p. 219-229.

MONTEIRO, J. M. **Negros da terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

MORAES, C. D. P. **Levantamento arqueológico das áreas do entorno do Lago do Limão, Iranduba, Amazonas**. Dissertação de Mestrado. PPG-MAE/USP. São Paulo. 2006.

MORAES, C. D. P. **Arqueologia Regional na Amazônia Central: A fase Paredão e sua inserção no contexto pré-colonial Amazônico**. Memorial de Qualificação. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2010.

MORAN, E. F. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1990.

MYERS, T. P. Defended territories and No-Man's-Land. **American Anthropologist**, v. 78, n. 2, p. 354-355, Junho 1976.

MYERS, T. P. **Sarayacu: Ethnohistorical and archaeological investigations of a nineteenth-century Franciscan mission in the Peruvian Montaña**. Lincoln: University of Nebraska, 1990.

MYERS, T. P. Dark Earth in the Upper Amazon. In: GLASER, B.; WOODS, W. I. **Amazonian Dark Earths: Exploration in Space and Time**. Berlin: Springer Verlag, 2004. p. 67-94.

MYERS, T. P. et al. Historical perspective on Amazonian Dark Earths. In: LEHMANN, J., et al. **Amazonian Dark Earths: Origins, Properties and Manageent**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2003. p. 15-28.

NEVES, E. G. **Levantamento arqueológico da área de confluência dos rios Negro e Solimões, Estado do Amazonas**. Relatório enviado à FAPESP. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2000.

NEVES, E. G. Indigenous historical trajectories in the upper rio Negro basin. In: MCEWAN, C.; BARRETO, C.; NEVES, E. G. **Unknown Amazon: Nature in Culture in Ancient Brazil**. Londres: British Museum, 2001. p. 266-286.

NEVES, E. G. **Levantamento arqueológico da área de confluência dos rios Negro e Solimões, Estado do Amazonas: Continuidade das escavações, análise da composição química e montagem de um sistema de informações geográficas**. Relatório enviado à FAPESP. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2003.

NEVES, E. G. Tradição oral e arqueologia na história indígena do alto rio negro. In: FORLINE, L.; MURIETA, R.; VIEIRA, I. **Amazônia, Além dos 500 anos**. Belém: Editora do Museu Paraense Emílio Goeldi, 2005. p. 1-37.

NEVES, E. G. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NEVES, E. G. **Cronologias regionais, hiatos e continuidades na história pré-colonial da Amazônia**. Segundo relatório do projeto temático encaminhado a FAPESP. São Paulo. 2008.

NEVES, E. G. Ecology, Ceramic Chronology and Distribution, Long-term History, and Political Change in the Amazonian Floodplain. In: SILVERMAN, H.; ISBELL, W. **Handbook of South American Archaeology**. New York: Springer, 2008. p. 359-379.

NEVES, E. G. Warfare in precolonial Amazonia: when Carneiro meets Clastres. In: NIELSEN, A.; WALKER, W. **Warfare in Cultural Context: Practice Theory and the Archaeology of War**. Tucson: University of Arizona Press, 2009.

NEVES, E. G. **Serviços de Estudos de Prospecção, Avaliação, Salvamento e Resgate de Patrimônio Arqueológico na Implantação de Faixa e Abertura de**

Valas no Gasoduto Coari-Manaus e no GLPDuto Urucu-Coari. IPHAN. São Paulo. 2010.

NEVES, E. G. et al. Historical and socio-cultural origins of Amazonian Dark Earths. In: LEHMANN, J., et al. **Amazonian dark earths: Origins, Properties and Management.** Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2003. p. 29-50.

NEVES, E. G. et al. The timing of terra preta formation in the central Amazon: Archaeological data from three sites. In: GLASER, B.; WOODS, W. I. **Amazonian dark earths: Explorations in Space and Time.** Berlin: Springer Verlag, 2004. p. 125-134.

NIMUENDAJÚ, C. **Mapa etnohistórico.** Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

NOELLI, F. S. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupis. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 2, 1996.

NUNES, K. P. **Estudos arqueométricos do sítio arqueológico Hatahara. Dissertação de mestrado.** Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009.

OLIVEIRA, J. P. Ação indigenista e utopia milenarista. As múltiplas faces de um processo de territorialização entre os ticunas. In: ALBERT, B.; RAMOS, A. R. **Pacificando o branco: cosmologia do contato no norte-amazônico.** São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

PAPAVERO, N. et al. **O Novo Éden: a fauna da Amazônia brasileira nos relatos de viajantes e cronistas desde a descoberta do rio Amazonas por Pizón [1500] até o Tratado de Santo Idelfonso [1777].** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002.

PEREIRA, H. S. A dinâmica na paisagem socioambiental das várzeas do rio Solimões-Amazonas. In: FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais.** Manaus: EDUA/PIATAM, 2007.

PEROTA, C. Adaptação agrícola no baixo Xingu. In: MEGGERS, B. **Prehistoria Sudamericana: Nuevas Perspectivas.** Washington: Taraxacum, 1992. p. 219-229.

PETERSEN, J. B.; NEVES, E. G.; HECKENBERGER, M. J. Gift from the past: terra preta and prehistoric occupation in Amazonia. In: MCEWAN, C.; BARRETO,

- C.; NEVES, E. G. **Unknown Amazon. Culture in Nature in Ancient Brazil**. London: British Museum Press, 2001. p. 86-107.
- PINTO, R. F. **O diário do padre Samuel Fritz**. Manaus: EDUA/FSDB, 2006.
- PORRO, A. História indígena do alto e médio Amazonas. In: CUNHA, M. C. D. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras/SMC/FAPESP, 1992.
- PORRO, A. **O Povo das Águas**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PORRO, A. **Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial**. São Paulo: IEB/USP, 2007.
- PY-DANIEL, A. R. **Arqueologia funerária na Amazônia Central**. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009.
- REBELLATO, L. **Interpretando a variabilidade cerâmica e as assinaturas químicas e físicas do solo no sítio arqueológico Hatahara**. Dissertação de Mestrado do PPG-MAE/USP. São Paulo. 2007.
- REBELLATO, L.; WOODS, W.; NEVES, E. G. Precolumbian settlement dynamics in the central amazon. In: WOODS, W. I., et al. **Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's Vision**. 1. ed. Berlim: Springer, 2008. p. 15-32.
- RENFREW, C. At the Edge of Knowability: Towards a Prehistory of Languages. **Cambridge Archaeological Journal**, v. 10, n. 1, p. 7-34, 2000.
- RICE, P. M. **Pottery Analysis: A sourcebook**. Chigaco: University of Chicago Press, 1987.
- RODRIGUES, A. D. **A classificação do tronco linguístico Tupi**. São Paulo: Revista de Antropologia, v. 12, 1964.
- RODRIGUES, J. B. **Arte cerâmica. Antiguidades do Amazonas**. Rio de Janeiro: [s.n.], v. 2, 1877.
- RODRIGUES, J. B. **Antiguidades do Amazonas**. Rio de Janeiro: Vellozia, v. 2, 1891-1892.
- ROOSEVELT, A. **Moundbuilders of the Amazon, Geophysical Archaeology of Marajó Island, Brazil**. New York: New York Academic Press, 1991.
- RYE, O. S. **Pottery Technology: Principles and Reconstruction**. [S.l.]: Taraxacum, 1981.

- SALVIA, F. L.; BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. 2. ed. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.
- SANTOS, F. J. D. **Além da conquista: guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina**. Manaus: EDUA, 2002.
- SCHAAN, D. Into the labyrinths of Marajoara pottery: Status and cultural identity in prehistoric Amazonia. In: MCEWAN, C.; BARRETO, C.; NEVES, E. G. **Unknown Amazon: Culture in nature in Ancient Brazil**. London: The British Museum, 2001.
- SCHAAN, D. **The Camutins Chiefdom: Rise and Development of Social Complexity on Marajó Island, Brazilian Amazon**. **Dissertação de Pós-Doutorado**. Departament of Anthropology, University of Pittsburgh. [S.l.]. 2004.
- SCHIFFER, M. B.; SKIBO, J. Theory and experiment in the study of technical change. In: SCHIFFER, M. B. **Technological perspectives on behavioral change**. Tucson: University of Arizona Press, 1992. p. 40-76.
- SCHIFFER, M. B.; SKIBO, J. The explanation of artifact variability. **American antiquity**, v. 62, n. 1, p. 27-50, 1997.
- SCHIMITZ, P. I. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil.. Documentos*, São Leopoldo, v. 5, p. 31-66, 1991.
- SHEPPARD, A. O. **Ceramics for the archaeologist**. 2. ed. Washington D.C.: Carnegie Institution of Washington, v. Publication 609, 1956.
- SILVA, F. A. **As tecnologias e seus significados**. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2000.
- SIMÕES, M. Contribuição à arqueologia dos arredores do baixo rio Negro, Amazonas. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 5. Resultados preliminares do quinto ano: 1969-1970**, Belém, p. 165-188, 1974.
- SIMÕES, M. E. A. **Revista de Arqueologia 4 (1)**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987.
- SIOLI, H. **The limnology and landscape-ecology of a mighty river and its Basin**. Dordrecht: Dr. W. Junk Publ., 1984.
- SKIBO, J. M.; FEINMAN, G. M. **Pottery & People: a dynamic interaction**. Salt Lake City: The University of Utah Press, 1999.

SOARES, M. G. M. E. A. **Peixes de Lagos do Médio Rio Solimões**. Manaus: EDUA/PIATAM, 2007.

STERNBERG, H. O. R. **A água e o home na várzea do Careiro**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

STEWART, J. Culture areas of the tropical rainforest. In: STEWARD, J. **Handbook of South American Indians**. Washington: Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution, 1948. p. 883-903.

TAMANAH, E. K. **Estudo de uma estrutura artificial no Sítio Hatahara, rio Solimões, Estado do Amazonas. Relatório de iniciação científica apresentado a FAPESP**. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006.

TAMANAH, E. K.; PY-DANIEL, A. R. Sítio Hatahara: Estruturas funerárias, residências ou ambos? **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Suplemento 8**, São Paulo, p. 63-73, 2009.

TRINDADE, T. B. **Os sítios Hatahara e São Paulo II e a expansão da Tradição Polícroma no rio Solimões. Relatório final de iniciação científica apresentado a FAPESP**. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009.

URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo línguas nativas. In: CUNHA, M. C. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: FAPESP/SMC/Cia. das Letras, 1992.

VIDAL, S. M. Kuwé Duwákalmi: The Arawak Sacred Routes of migration, trade and resistance. **Etnohistory**, v. 47, n. 3-4, p. 635-667, 2000.

VIDAL, S. M. El chamanismo de los arawakos de rio Negro: Su influencia en la política local y regional en el Amazonas de Venezuela. **Série antropologia**, Brasília, v. 313, 2002.

VIDAL, S.; ZUCCHI, A. Los caminos de Kúwai: evidencias de conocimiento geopolítico de las expansiones e migraciones de grupos arawakos. In: HERRERA, L.; SCHRIPFF, M. C. **Caminos Precolombinos: las vías, los ingenieros y los viajeros**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, 2000. p. 87-113.

WHITEHEAD, N. L. The ancient amerindian polities of the Amazon, the Orinoco, and the Atlantic Coast. In: ROOSEVELT, A. **Amazonian Indias from prehistory to the present**. Tucson & London: The University of Arizona Press, 1994. p. 33-54.

WRIGHT, R. M. História indígena do noroeste da Amazônia: hipóteses, questões e perspectivas. In: CUNHA, M. C. D. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras/SMC/FAPESP, 1992.